

# REVISTA DO BRASIL

## SUMMARIO

|   |  |     |
|---|--|-----|
| F. T. DE SOUZA REIS . . . . .                                 | A moeda metallica no<br>Brasil (conclusão) . . . . .     | 197 |
| SOUZA BANDEIRA . . . . .<br><i>da Academia Brasileira</i>     | Ruínas da aristocracia<br>rural. . . . .                 | 213 |
| AMARAL AMARAL . . . . .                                       | Poesia . . . . .   | 221 |
| JOÃO KÖPKE . . . . .  | Educação moral e civica<br>(conclusão) . . . . .         | 225 |
| H. INGLEZ DE SOUZA . . . . .<br><i>da Academia Brasileira</i> | Iniciação . . . . .                                      | 244 |
| VEIGA MIRANDA . . . . .                                       | A probidade literaria . . . . .                          | 248 |
| PLINIO BARRETO . . . . .                                      | Leonor Telles. . . . .                                   | 262 |
| ROCHA POMBO . . . . .   | A terra paulista e as suas<br>grandes legendas . . . . . | 272 |
| JOÃO FERRAZ . . . . .   | Salubridade publica no<br>Estado de S. Paulo . . . . .   | 277 |
| COLLABORADORES . . . . .                                      | Resenha do mez . . . . .                                 | 281 |

*(Continúa na pagina seguinte)*

## PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 7 - ANNO I

VOL. II

JULHO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BOA VISTA, 52  
S. PAULO - BRASIL

**RESENHA DO MEZ** — Monologos, *Yorick* — Brasil-Argentina, *Redacção* — O Direito Criminal Moderno, *M. O. H.* — *Bibliographia* (Sensações e reflexões — O Combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa). — Tribunal medico — A questão shakespeareana — Opiniões sobre o *Don Quixote* — As fructas contra as doenças — O banho de sol — A longevidade das mulheres. — **As caricaturas do mez** (tres caricaturas reproduzidas).

Com o numero de abril a “**Revista do Brasil**” completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remetido a todos os assignantes. As pessoas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

A “**REVISTA DO BRASIL**” só publica trabalhos ineditos

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA  
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA      REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO  
ALFREDO PUJOL      SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

## ASSIGNATURAS:

|                 |         |
|-----------------|---------|
| ANNO            | 12\$000 |
| SEIS MEZES      | 7\$000  |
| ESTRANGEIRO     | 20\$000 |
| NUMERO AVULSO   | 1\$500  |
| NUMERO ATRAZADO | 2\$000  |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52      S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

# BYINGTON & C.

**Engenheiros, Electricistas e Importadores**

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

**MOTORES**

FIOS ISOLADOS

**TRANSFORMADORES**

ABATJOURS LUSTRES

**BOMBAS ELECTRICAS**

SOCKETS SWITCHES

**LAMPADAS**

1/2 WATT

**CHAVES A OLEO**

VENTILADORES

**PARA RAIOS**

FERROS DE ENGOMMAR

**ISOLADORES**

TELEPHONES

**LAMPADAS ELECTRICAS**

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

**WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.**

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & COMP.**

**Largo da Misericordia, 4**

**TELEPHONE, 745**

**SÃO PAULO**



# The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

|                          |             |  |                                    |
|--------------------------|-------------|--|------------------------------------|
| Capital subscripto . . . | £ 2.000.000 |  | Succursaes em: BAHIA,              |
| „ realizado. . . .       | £ 1.000.000 |  | RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,        |
| Fundo de reserva . . .   | £ 1.000.000 |  | ROSÁRIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES. |

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

|                           |            |  |                        |                                     |
|---------------------------|------------|--|------------------------|-------------------------------------|
| Conta corrente . . . .    | 2% ao anno |  | Prazo Fixo, Tres mezes | 3 % ao anno                         |
| Aviso previo de 30 dias . | 3% „ „     |  | Seis mezes             | 4 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> % „ „ |
| „ „ „ 60 „ .              | 4% „ „     |  | Doze mezes             | 5 % „ „                             |

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



# Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE  
PARA AUTOMOVEIS

Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO



**Tinoco Machado & C.**

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

**Brasileira,  
Ypiranga,  
Paulista,  
Colombo,  
Bicho, Pequenas**

e demais productos da

**"Companhia Luz  
Stearica"**

**DO RIO DE JANEIRO**



**R. Libero Badaró**

**N. 52**

**(1.0 Andar)**



**TELEPHONE**

**N. 3558**



**São Paulo**

# Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

## IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas e automoveis FIAT, etc.

## FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites. Fundição de ferro e bronze, etc.

## Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

## AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Esmaltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada - Societá Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

### ESTABELECIMENTO CERAMICO:

AGUA BRANCA - TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:

A. B. C., 5.a edição :: A. I., A. Z., WESTERN UNION :: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO  
Avenida Rio Branco N. 25  
CAIXA 1534

SANTOS  
Rua Santo Antonio, 108, 110  
CAIXA, 129

LONDRES  
Broad Street House-New Broad street  
LONDON E. C.

S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 36

End. Telegraphico: MECHANICA

CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE 244



# REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorizados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000

Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

## TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

# Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

Joallerie ♦♦ Horlogerie ♦♦ Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

# Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à PARIS — 30, RUE DROUOT, 30

## Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão 1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

# G. SERRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

*Casa Andrade*

FUNDADA EM 1891

*Moveis e Tapeçaria*

*Rua Boa Vista N. 29 - Telephone N. 2266*



**SÃO PAULO**



*Vicente Lattuchella*

*Alfaiate*

**RUA BÔA VISTA 56**

**S. PAULO**

**“A Transoceanica”**

**“A Cook Brasileira”**

CAPITAL 400.000\$000

Sociedade Anonyma - Carta Patente 33 - Auctorizada a  
funcionar na Republica e fiscalizada pelo Governo Federal

AGENCIA GERAL DA ESTANCIA BALNEARIA, HOTEIS, AGUAS MINERAES  
E THERMAES DE POÇOS DE CALDAS “A SUISSA BRASILEIRA”

Representante do Expresso Internacional, “Banco Supervielle”, Buenos Aires. - Viagens no interior do  
Brasil, á Europa, America do Norte, Rio da Prata, etc. por meio de sorteios pela Loteria Federal,  
com fiscalisação do Governo Federal.

**Succursal em S. PAULO: Rua Direita N. 42-Loja**





# Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

**Fabricamos:** Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

**Importamos:** Machinas agricolas em geral, arados, corrêas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo enfim que é necessario numa fazenda bem montada.

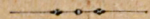
Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

## Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES



Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escriptorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



*Alfaiataria Rocco*

*Novidades em casemira Inglesa  
Importação Directa*

*Emilio Rocco*

*Rua Amaral Gurgel, 20  
Esquina da Rua Santa Izabel*

*Telephone 5151  
S. Paulo*

**JOÃO DIERBERGER**  
— FLORICULTURA

III  
SÃO PAULO  
III

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511  
ESTABELECIMENTO DE 1.<sup>A</sup> ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,  
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

PLACAS  
ESMALTADAS  
E DE METAL

*Massucci Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS  
CARIMBOS  
DE BORACHA  
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO - Rua Florencio de Abreu 52  
FABRICA - Rua dos Alpes 79 S. PAULO

# L. Grumbach & C.

CASA FRANCEZA

RUA DE SÃO BENTO, 89 E 91

LOUÇAS



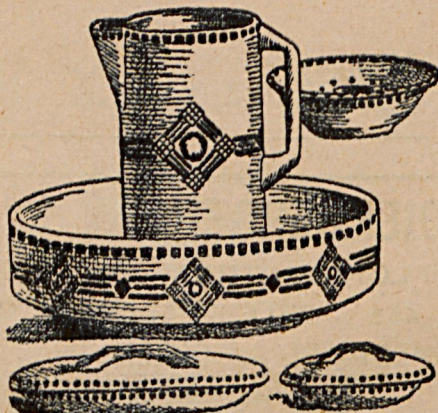
VIDROS



ARTIGOS

DE

COSINHA



OBJECTOS

DE ARTE

PARA

PRESENTES



METAE



PERFUMARIAS

Chegou nova remessa de serviços de toilettes

*Casa Paulista de*

*Moyses Gandelhman*

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,  
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

*Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)*

Caixa Postal, 962 - Teleph. 4305 - End. Electr. "DOSMAN"  
Rua Boa Vista, 44 ————— SÃO PAULO

**CASA DODSWORTH**

**COSTA, CAMPOS & MALTA**

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações Electricas, de Força e luz, Telephonica, Telegraphica, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones. Fios e Cabos, Isoladores, e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

---

---

# A MOEDA METALLICA NO BRASIL

(SYNTHESE RETROSPECTIVA)

(Conclusão)

A legislação monetaria que herdámos de Portugal foi a seguinte: monometalismo ouro, 22 quilates de toque e 1\$760 réis por oitava. Essa era a moeda legal com que iniciavamos a nossa vida de povo livre.

Como moedas auxiliares, tínhamos a de prata com elevada senhoriagem e a de cobre com o valor legal de 5 réis por oitava.

Tinha ainda curso a moeda portugueza de ouro, toque 22 quilates e 1\$600 réis por oitava.

A coexistencia das duas peças de ouro em circulação, davamos a anomalia de possuirmos duas taxas de cambio par em relação á moeda ingleza; essas taxas eram, como já dissemos, a de 60  $\frac{1}{4}$  d. e de 67  $\frac{1}{2}$  d. conforme se tratasse da moeda brasileira ou da portugueza. Não sabemos bem porque alguns escriptores brasileiros insistem em considerar a existencia de um terceiro par de cambio, em relação á prata e por elles fixado em 54 d. Ora, o metal branco tendo deixado de ser a moeda legal do Brasil, por força da resolução de 1747, não se encontra explicação satisfactoria para investigarmos qual o par do cambio em relação a elle, muito embora o ouro já tivesse sido expellido do mercado. Confessamo-nos satisfeitos com a anomalia de duas taxas de cambio par e recusamos acceitar mais uma terceira.

A prata tinha curso illimitado, outro defeito da legislação existente, e quanto ao cobre, a unica restricção imposta datava ainda do reinado de el-rei d. Pedro II a que já nos referimos.

Para mais nitida idéa da legislação monetaria da época, lembremos que por lei, entre o ouro e a prata, a relação era de 1|12.5 emquanto no mercado, em média, conservava-se em 1|15, e

entre a prata e o cobre era de 12,8|1 enquanto no mercado era de 40|1.

Bastaria um augmento impensado de emissões de cobre para afugentar, incontinenti, a moeda de prata.

Esse augmento deu-se, infelizmente em bem grande proporção. O governo de d. Pedro I a elle recorreu, conjunctamente com as emissões de papel do Banco do Brasil para fazer face ás avultadas despesas com que teve de arcar.

O abuso do cobre, chegou a extremo maximo e por tal forma se houve o governo, praticando-o, que não tardaram as falsificações e uma grande introdução clandestina de moedas na circulação. Não temos por objectivo descrever a crise do "xem-xem", e recordando-a apenas patenteamos como estimulada estava a industria da moeda falsa. No dizer de Lino Coutinho, em discurso no Parlamento, no anno de 1826, uma libra de cobre custava no mercado 18 vintens e com ellas se cunhavam peças no valor de 2\$000. Era um lucro espantoso, remunerando, extraordinariamente, o industrial falsificador.

Além do cobre, o primeiro Imperio recorreu ás emissões do Banco e aos empréstimos estrangeiros, verificando-se quanto ás primeiras que dos vinte mil contos, approximadamente, postos em circulação, pouco mais de 10 % foram para auxilio ao commercio, sendo os oitenta e tantos por cento restantes applicados em empréstimos ao thesouro.

A administração economica e financeira desse periodo não foi do molde a corrigir os males que nos haviam afastado da circulação monetaria que a lei estabelecia. Antes, em todo elle se aggravaram os erros commettidos, distanciando-se cada vez mais para outra época a solução do problema. Tratados mais ou menos contrarios aos interesses economicos estorvavam o commercio. Restrieta estava a exportação ao pau-brasil, couros, algodão e diamantes, e o trabalho agricola ao braço escravo. As despesas externas accrescidas por um elevado serviço de divida em ouro, obrigando a se contrahir um empréstimo especialmente para liquidar os compromissos dahi decorrentes. Armamentos, despesas militares e diplomaticas deram causas a gastos avultados e muitos até improductivos.

Além da guerra cisplatina, o desequilibrio das finanças internas, o augmento da já grande divida deixada por d. João VI, as lutas do nativismo...



Por sobre tudo isto, o “xem-xem”, a macuta, o papel-moeda...

Pessimas as condições financeiras e economicas do primeiro Imperio e portanto difficultado o saneamento da circulação apesar dos esforços do Marquez de Barbacena, Martim Francisco, Bernardo de Vasconcellos, Evaristo da Veiga, Paula Souza, Leão, Rebouças e Hollanda Cavalcanti

Esta situação traduzia-se flagrantemente na expressão cambial. O cambio que até 1815 mantivera-se em média annual, dentro dos limites de 70 d. a 85  $\frac{1}{2}$  d. por mil réis, estava na occasião da Independencia em 51  $\frac{1}{2}$  d. taxa maxima, e em 1830 descera ao minimo de 21  $\frac{1}{2}$  d.

O primeiro Imperio manteve o padrão monetario-ouro de 1694, mas entregou á Regencia uma situação de facto má, por elle mesmo excessivamente aggravada.

Cobre, “xem-xem”, macuta, papel inconversivel, cambio a 21 d., agio do ouro 195 ‰, agio da prata 130 ‰, agio do cobre verdadeiro 50 ‰.

Com tal legado a desafiar a competencia dos estadistas do periodo regencial, iniciava-se o reinado do sr. d. Pedro II, o monarcha magnanimo, a quem muito deve o Brasil.

Tão má situação monetaria preoccupou os estadistas da época, absorvendo-os em cogitações attinentes á valorisação do meio circulante. A situação economica e financeira era melindrosa, e as relações commerciaes resentiam-se de um intermediario das trocas, constituido pelo cobre e papel depreciado, tendo adquirido o primeiro as funções de moeda principal de escambo.

Com *deficits* nos orçamentos e no commercio internacional, o cambio cahia, progressivamente, com tanto maior rapidez, quando nulla era a aptidão da moeda circulante para regularisar-lhe o curso, pouco valendo as disposições com que a Regencia iniciára o seu governo, esforçando-se pelo saneamento da circulação. Entretanto, força é reconhecer que bastaram as medidas conducentes ao resgate do cobre e liquidação definitiva do Banco do Brasil, para que melhorasse a média cambial dos annos que se seguiram á abdicção.

Os documentos da época demonstram ter sido a orientação predominante para este fim a organização de um novo banco, destinado a livrar-nos do “flagello das notas” na phrase de um conceituado orgam de publicidade do Rio de Janeiro, naquella época já existente, o *Jornal do Commercio*.



Em 1830 o marquez de Barbacena pediu ao Parlamento a criação de um banco, em substituição ao que fôra extinto em 1829. A sua proposta não teve andamento, apesar de com ella o ministro esperar conseguir um meio circulante baseado em moeda metallica, com a suspensão da cunhagem do cobre e resgate do papel-moeda.

“Assim como a estabilidade dos cambios depende da estabilidade do meio circulante, assim tambem a deste depende do valor das moedas que devam ser cunhadas, com determinado peso e quilate, correspondente ao valor intrinseco dos metaes”, escrevia o ministro da Fazenda de então.

“A segurança das especulações do commercio”, continuava escrevendo o Marquez de Barbacena, “o bom preço nos productos da industria nacional, a tranquillidade do cidadão sobre a sua subsistencia, não se poderão jamais conseguir sem um bom systema monetario, sem um padrão a que tudo se refira. Todos sabem que o papel realisavel á vontade do portador é o meio circulante mais estavel, mais facil e menos dispendioso; mas, como a condição “sine qua non” para aquellas vantagens é o troco effectivo em moeda com determinado peso e quilate, segue-se que a base da circulação e finanças de qualquer paiz consiste em um bom systema monetario e por isto, indispensavel me parece que a nossa reforma financial, ou o meio para consolidar o nosso credito, deve começar pelo vantajoso estabelecimento d'aquelle systema. Algumas nações, é verdade, em momentos de apuro e desgraça emitiram cobre, bronze e ferro, mas, em profunda paz e no paiz do ouro, só o Brasil apresenta o desgraçado phenomeno de pagamentos legaes em moeda de cobre”.

Em meio da desordem monetaria que temos relatado, no caso do primeiro Imperio, erguia-se a voz do marquez de Barbacena, pedindo que se dotasse o paiz de um systema monetario.

A esse proposito escreveu recentemente, o senador Leopoldo de Bulhões:

“Nessa occasião o valor legal de cada um dos metaes nobres não guardava uniformidade no paiz. A oitava de ouro de 22 quilates em moedas de 6\$400 tinha o valor de 1\$600, que lhe dera a lei portugueza de 1688 e em cunhos de 4\$000 chamados provincias ou coloniaes, o de 1\$777 7/9 que alcançara pelo modo por que se cumpriu a lei de 1694 diminuindo-se o peso das moedas. A prata, de conformidade com a lei de 1688 devia correr por 100 reis a oitava e segundo a lei de 1694 por 128 reis; mas, em consequencia do que havia sido determinado em 1747 e do que tinha resolvido, quando se cunharam os pesos hespanhóes, gyrava por muito mais. Era, pois, da maior conveniencia attender-se á reclamação do Ministro da Fazenda e regularisar-se o systema monetario”.

Era na verdade contraproducente deixar-se de cumprir um dispositivo da Constituição de 1824 que mandava legislar sobre a moeda, para manter-se a legislação do tempo colonial, anarchi-

sada por successivas reformas parciaes, inteiramente em desacôrdo com um estado economico que, na verdade, nunca lhe correspondera.

O ministro da Fazenda de 1830, porém, não pretendia alterar o valor legal da oitava de ouro estabelecido pelo conde de Ericeira. Propunha que em vez de 1\$777 7|9 por oitava, fosse fixado o mesmo valor que então tinha a moeda portugueza, isto é, 1\$600 como já vimos. E para conseguirmos a conversibilidade do papel circulante appellava para a organização de um estabelecimento bancario.

E' em 1832 que a questão volta a ser debatida quando a commissão especial da Camara dos Deputados lavrou o seu parecer sobre a materia.

"Elegendo o marco de ouro de 22 quilates por 160\$000 para padrão de um novo systema monetario", diz ainda o Senador Bulhões, "a Commissão como fez ver um dos seus illustrados membros, não procurou alterar ou quebrar a moeda, conformou-se com o que já existia. O antigo systema monetario tinha cahido em desuso e as moedas que o representavam não corriam mais nos termos da lei". — (Relatorio da Fazenda - 1905).

As difficuldades com que teve de lutar o legislador para resolver um problema que se impunha, consistindo na volta á circulação dos metaes preciosos, resumiam-se, finalmente, na escolha de dois unicos caminhos a seguir: ou resgatar o cobre e o papel ou alterar o padrão. Bem sabiam elles a impossibilidade em que se encontravam de proceder ao resgate necessario; não haviam sobras de receita nem recursos que de prompto se encontrassem para tal operação. Assim para que os metaes nobres viessem melhorar a circulação monetaria era forçoso declarar para elles um valor maior do que o até então estabelecido. Isto, certamente, perturbava as relações entre credores e devedores, era contrario á boa ordem em face de contratos celebrados a taxas cambiaes mais altas, mas em todo o caso não seria a ruina, como poderia acontecer com "o resgate de uma assentada do papel e do cobre, e era ao mesmo tempo praticavel", na opinião de um dos membros da referida commissão.

Toda a questão resumia-se portanto na escolha do novo valor a dar á oitava de ouro.

A commissão tomando para taxa cambial typica a resultante da comparação entre a moeda ingleza e a de prata que circu-



lava no Brasil depois de 1810, isto é, para taxa de cambio para a de 54 d. por 1\$000, ponderou que não devia ser esta a correspondente ao novo padrão monetario, porque primeiro: "os contractos e transacções do commercio realisados, então, a um cambio de 30 pence mais ou menos, seriam prejudicados por essa grande alteração no elemento que lhes servia de regulador; segundo: porque a renda publica ficaria nominalmente reduzida em uma razão muito elevada, sem que por outra parte as despesas houvessem de decrescer do mesmo modo, o que traria ao governo sérios embaraços para satisfazer aos seus encargos. Pareceu tambem á commissão que não era de bom conselho dar-se a nova peça de 4 oitavas de ouro o valor nominal então corrente, ou 12\$800, que era o mesmo que fixar o cambio a 33  $\frac{3}{4}$  d., porquanto, bem que semelhante modificação estivesse de accôrdo com a totalidades dos contractos e transacções commerciaes da época, comtudo traria consigo o depreciamento dos juros da divida publica interna e dos vencimentos dos empregados, na razão de mais de um terço do seu valor, tomando por termo de comparação a moeda de prata ou par de 54 d." (Bulhões relat. cit.)

Assim, pois, foi definitivamente acceito o alvitre de se procurar um termo médio entre as taxas de 54 d. e a que então vigorava, chegando-se por esta fórma, disse-o da tribuna Miguel Calmon, depois Marquez de Abrantes, ao valor de 2\$500 por oitava de ouro de 22 quilates, correspondendo a taxa de 43  $\frac{1}{5}$  d. por mil réis. Dest'arte procurava-se amparar, em parte, os interesses pecuniarios do thesouro, de credores e devedores, empregados publicos e portadores de apolices. A expressão cambial assim determinada era superior ao preço do ouro no mercado e nisto residiu o maior entrave á execução da lei que a commissão projectou.

Apesar dos esforços empregados para resolver a questão, encerrou-se a sessão legislativa de 1832 sem que fosse tomada qualquer providencia.

No anno seguinte convocada a Assembléa Legislativa para o fim especial de prover ao melhoramento do meio circulante, o ministro da Fazenda lembrou a conveniencia de estabelecer uma fórma de pagamento nas estações publicas, segundo a qual os metaes preciosos entrassem, ao menos, por metade, limitandó-se os pagamentos em moeda de cobre ao maximo de 1\$000.



“Não temais que a fixação de um novo padrão importe uma alteração na moeda legal, prejudicando por esta maneira os contractos; os metaes preciosos não têm presentemente curso livre no mercado, e, por conseguinte, nenhuma relação com as transacções de hoje: ao contrario, a alteração do antigo padrão monetario será tanto mais justificavel quanto ella mas se approximar do estado presente das cousas.”

Nesse anno surgiu, finalmente, o projecto com que se esperava “pôr termo á anarchia em que se encontrava o paiz em materia economica, a ponto de ninguem saber o valor de sua propriedade.”

“Dando á oitava de ouro o valor que, pouco mais ou menos, tinha no mercado nessa occasião, criava uma taxa cambial cujo desvio não podia ser muito sensivel. Firmado assim tanto quanto era possivel o valor da moeda corrente, tratar-se-ia de tirar da circulação o papel que a embarçasse. O Banco projectado faria depois o necessario para completar o melhoramento do meio circulante.” Essa foi a opinião vencedora dos defensores do projecto.

Pensou-se na organização de um estabelecimento bancario e a lei que alterava o padrão então existente foi longa, com muitos artigos, quasi todos consagrados a esse fim.

Ecoou, porém, a tentativa. Jámais foi o banco organizado, e o cambio, expoente verdadeiro das situações economicas, de queda em quéda, afastou-se cada vez mais da taxa por que se lhe attribuiria na lei de 8 de Outubro de 1883.

Porque? Predissera o Marquez de Barbacena em uma das sessões reunidas das duas Camaras: “Nenhum poder humano é capaz de fixar o valor dos metaes preciosos, quando ha na circulação papel-moeda e cobre demasiado.”

Além disto, dizemos nós, quando mesmo o Poder Publico, se arrogue esse direito de perturbar as relações existentes em contractos anteriormente feitos, para que a violencia e a injustiça decorrentes do seu acto, encontrem attenuantes, é mister escolher o momento mais opportuno para pratical-as, e que se deve traduzir numa diminuta variabilidade, em periodo relativamente longo, do preço dos metaes nobres, saldos economicos, saldos orçamentarios e a paz politica.

Nada disto se observava no anno de 1833. Se investigarmos quaes as condições economicas anteriores á lei de 8 de Outubro, encontraremos *déficits* orçamentarios, sommando mais de 45 mil contos, a divida do paiz, incluindo o cobre, o papel-moeda, a

flutuante e a consolidada, elevada a 102 mil contos, sendo que esta ultima era apenas um terço da somma total. Estavam suspensos os pagamentos das amortisações. Custava-nos pesados sacrificios o pagamento de juros da divida externa; o cambio que ainda em 1826 pairava em 54 d. em média, cahira anno a anno a 40, 34, 28 e 24 em 1830 para oscillar na alta, nos dois annos seguintes, entre os limites de 25 e 20  $\frac{1}{2}$  d., 35  $\frac{1}{8}$  e 28  $\frac{3}{4}$  d. respectivamente. O commercio internacional deixava um *déficit* de exportação em média de tres mil contos. Politicamente o decennio regencial caracterisou-se pelas agitações partidarias e a guerra civil.

Em taes condições, tinha razão o conselheiro Araujo Lima quando declarava no Senado não ser propria a occasião para legislar sobre essa materia. A situação permaneceu, mais ou menos, a mesma, durante annos consecutivos, impedindo que os intuitos do legislador se confirmassem na pratica.

Castro e Silva não poupou esforços para sanear o meio circulante, insistindo com o Parlamento para que dotasse o paiz com os meios necessarios á normalidade da situação monetaria. Visava o ministro e com elle os financistas da Regencia, a volta ao regimen metallico pelo resgate do cobre do papel-moeda.

A lei de 1833 não permittiu a circulação do ouro amoadade, tendo a Casa da Moeda cunhado com o padrão por ella estabelecido, apenas, pouco mais de novecentos contos de réis.

Medidas posteriores criaram fundos especiaes de resgate, substituiram as cédulas e cautelas então circulantes, uniformisaram o papel moeda sem contudo produzir resultado apreciaavel no objectivo que se tinha em vista.

As novas emissões foram abolidas, recorrendo o governo á venda de apolices para obter recursos destinados ao custeio da grande despesa que o paiz exigia para a sua organização, e as commoções politicas aggravaram.

Em 1839, com surpresa geral e contrariando o então ministro da Fazenda, Manuel Alves Branco, o Parlamento, attendendo a uma solicitação da Praça do Commercio, resolveu autorisar a liquidação de um *déficit* com uma emissão de notas inconversiveis. Esse acto repercutiu com desagradaveis e perniciosos effeitos, maximé quando a legislação existente tendia para a politica san da valorisação do meio circulante.



A obra dos estadistas desse periodo é grandiosa em qualquer ramo da nossa historia e não ha, de certo, quem a estude, sem render preito de homenagem aos homens que tiveram sobre si o encargo da reorganisação social e economica do Brasil, em meiodos obstaculos de uma triplíce crise: economica, financeira e politica. A questão monetaria, se não foi por elles resolvida, não a aggravaram elles tambem.

No anno de 1840 foi declarada a maioria do Imperador e no primeiro decennio do novo governo, teve logar a ultima reforma monetaria que ainda hoje vigora.

Para bem estudal-a, passemos uma succinta revista na situação economica durante os cinco annos que immediatamente antecederam á lei de 1846.

O commercio internacional no quinquennio 1840-1845 deixára um *déficit* de exportação na importancia de 61.376 contos de réis. Os effeitos economicos desse estado da balança commercial não foram contrabalangados por factores que pudessem agir beneficemente no paiz. Contrahimos um emprestimo em 1843, mas fôra para liquidação de contas com Portugal, sendo a somma levantada em Londres entregue aos credores no estrangeiro. O pagamento das amortisações da divida externa estava suspenso, mas religiosamente cumprimos os contractos, quanto aos juros, apesar de enormes sacrificios. Por isto, no quinquennio, o governo teve de remetter para a Europa, entre limites cambiaes de 29 d e 25  $\frac{1}{2}$ ., a importancia de £ 2.311.477. A receita em todo o periodo fôra inferior á despesa, havendo um *déficit* sommando mais de 36.000 contos de réis. O papel-moeda concorrera para preencher este descoberto, apenas com importancia correspondente á sua setima parte. O Banco de resgate que se pretendera fundar em 1833, não o fôra até então. O meio circulante continuava mau. A falsificação das notas do Estado era ainda o alvo das cogitações governamentaes e procurava-se reprimil-a com a provincialisação das notas. O resgate continuava a ser feito de accôrdo com a lei de 1837. O augmento da receita publica era pleiteado pelos financistas como uma necessidade para enfrentar o augmento das despesas, consequencia do desenvolvimento do paiz.

"Não illudamos a Nação", disse o Visconde de Abrantes, "deixemos os palliativos, que alliviam por momento e afinal exacerbam o mal; o augmento razoavel da receita é uma necessidade publica a que

devemos curvar-nos; si traz-nos passageiros sacrificios da nossa popularidade ha de succeder-lhe o reconhecimento dos nossos concidadãos".

O mau cambio expoente de finanças desequilibradas, *déficits* economicos e moeda má, continuou: de 32 ½ d. média do anno de 1840 viera, gradativamente, a 26 ¾ d. média de 1845.

Entretanto, se compararmos este quinquennio ao que o antecedeu notaremos um sensível desenvolvimento economico, tendente a minorar os males que então soffriamos.

O movimento commercial representado pela navegação expressara-se no periodo que terminou em Junho de 1840 em 2.907.871 toneladas e no immediato em 5.807.672, isto é, duplicou no 2.º quinquennio. O valor da importação que em 1833-1834 attingira 36.237 contos elevava-se em 1844-45 a 57.228 contos; a exportação passara de 33.011 contos a 47.054 contos; a receita augmentara no 2.º quinquennio em relação ao primeiro de 30.57 ‰ e a despesa de 44.95 ‰. O cambio de 41 ½ d. baixara progressivamente a 26 ¾. Isto indicava que apesar do crescimento do paiz, permanecia má a situação financeira e economica. Cresciamos, augmentavamos as nossas importações, facto natural e thermometro da nossa vitalidade, mas, por outro lado contra nós, estavam ainda agindo os erros dos primeiros tempos, a moeda má, a desorganização do trabalho, a divida externa.

O exercicio de 1845-46 encerrou-se com saldo orçamentario; a exportação sobrelevou o valor da importação, o cambio tendeu para a alta, attingiu ao maximo de 26 15|16 d.

Continuou o augmento do commercio interno e externo, a abundancia de capitaes disponiveis no interior fez affluir ao Thesouro, desde que não haviam bancos funcionando, avultada somma em busca de collocação a juros. As letras do Thesouro adquiriram a preferencia dos tomadores na praça. Os titulos da divida externa cotavam-se a 89 ½ e os da interna alcançavam 79.

Por outro lado, a partir do anno de 1844, em toda a Europa, manifestou-se actividade febril de negocios mais ou menos faeis que fez baixar a taxa de desconto a 1 ¾ ‰; havia abundancia de dinheiro disponivel. Em 1845 e 1846 esta excitação periodica foi detida pelas más colheitas desses annos, provocando uma subita retracção nas praças estrangeiras do velho mundo e originou uma corrente de ouro que se encaminhou para a America em demanda da acquisição de productos que escasseavam do outro lado do Atlantico. Os Estados Unidos da America gosaram



um augmento rapido de 40 °|° das suas exportações e no Brasil o accrescimento foi de 25 °|° entre os annos de 1844 e 1846.

A lei de 1830 referente á organização das sociedades anonyms e que até então só conseguira fundar quatro ou cinco companhias, permittiu neste anno a incorporação de quinze sociedades, para fins industriaes e commerciaes.

Foi nessa occasião que Hollanda Cavalcanti poz em execução uma medida que conforme elle declarou na sessão da Camara de 31 de Agosto de 1846, ha muito tempo premeditara.

Disse, então, o ministro:

"Apenas entrei na administração entendi que devia levar a effeito uma medida que ha muito eu julgava conveniente, quero dizer, que em logar de remetter para Londres letras negociadas nas praças, poderia muito bem tentar a compra de ouro no mercado e ser essa remessa feita para nossos pagamentos .....

"Tentou-se a medida antes da apresentação do projecto. O ouro é recebido na Casa da Moeda segundo o cambio do dia. Parecia esta idéa irrealisavel, mas o facto é que tem concorrido ouro á Casa da Moeda".

Assim, o ministro da Fazenda apoiara na Camara, o projecto cuja iniciativa coubera no Senado a Bernardo Pereira de Vasconcellos, dentro das idéas preconisadas por Manuel Alves Branco no relatorio de 1845.

Alves Branco, depois Visconde de Caravellas, era de opinião que se cunhassem moedas de ouro de 22 quilates, de duas especies: uma tendo cinco oitavas e valor nominal de 20\$000, outra tendo duas oitavas e meia e valor nominal de 10\$000. Fixava desta forma em 4\$000 o preço legal da oitava de ouro.

O projecto de Bernardo Pereira de Vasconcellos mandava que nos pagamentos feitos nas estações publicas fosse o papel-moeda recebido na razão de 4\$000 por oitava de ouro, podendo ser recebido o cunho metallico que o governo designasse e extendendo a disposição ás transacções particulares.

Dava-se, dest'arte ao paiz uma nova legislação monetaria, que de um só golpe determinava um valor ouro para o papel existente. Este valor era o do ouro no mercado, na occasião. Para evitar a deprecição do meio circulante, ou em outras palavras, para manter a taxa cambial em altura correspondente a esse valor do ouro, ficava o governo autorizado a retirar papel da circulação.

Alves Branco imaginava, porém, outro systema consistindo em obrigar os pagamentos em ouro nas estações publicas na proporção de 1|50 no 1.º anno, 2|50 no 2.º anno e assim, successivamente, até ao 25.º anno em que os pagamentos seriam feitos metade em papel, metade em moeda metallica.

Preferido o projecto Vasconcellos, emendado e discutido no Senado e na Camara, foi depois de longos debates promulgado na lei n. 401, de 11 de Setembro de 1846, constituindo ainda hoje a lei monetaria do Brasil e cuja integra é a seguinte:

“Art. 1.º — Do 1.º de Julho de 1847 em diante, ou antes se for possível, serão recebidas nas estações publicas as moedas de ouro de 22 quilates na razão de 4\$000 por oitava e as de prata na razão que o Governo determinar. Esta disposição terá lugar nos pagamentos entre os particulares.

Art. 2.º — O Governo é autorizado a retirar da circulação a somma de papel moeda que for necessaria para elevá-lo ao valor do artigo antecedente e nelle conserval-o; para este fim poderá fazer as operações de credito que forem indispensaveis.

Art. 3.º — Serão conservadas as convenções sobre pagamentos.

Art. 4.º — Ficam revogadas, etc.

Dest'arte, aproveitou-se uma situação que parecera favoravel para fixar-se um padrão monetario ao mesmo tempo que pelo artigo 2.º providenciava-se quanto á manutenção do par cambial estabelecido.

De facto, desde que qualquer das causas que têm influencia em uma depressão cambial, dado o estado de paz interna e externa que atravessamos, viesse a se manifestar, era evidente que se havia de traduzir numa diminuição do volume das transacções commerciaes, e nesse caso o numerario em circulação tornar-se-ia superior ás necessidades do commercio e como tal a correcção unica, até hoje conhecida, seria a redução da quantidade do papel circulante.

Um augmento das importações poderia determinar a sahida do ouro que existia em circulação, mas para que produzisse uma baixa cambial seria preciso que de crise fosse a situação que se desenhasse ao paiz. Mesmo assim, a restricção do papel seria benefica no interior. Outra não é a situação nos paizes sujeitos ao regimen metallico e dispondo de bancos de emissão. A anomalia que por acaso existiu desde a promulgação da lei consistia na falta de um aparelho que, lentamente, amparando a situação commercial, substituísse as notas do governo por outras convertiveis á vista por moeda metallica. Na occasião, de facto, eram

inconvertíveis as cédulas do Tesouro, mas o seu poder aquisitivo era o mesmo da moeda metálica. Para corrigir definitivamente a circulação e tornar convertível, á vista, o papel circulante, promoveu-se, embora mais tarde, a constituição de um banco, que só não preencheu cabalmente os seus fins, pelo abuso a que se entregou a sua directoria e pela victoria, ainda que passageira, da corrente inflacionista que galgou o poder e ficou na nossa historia conhecida sob o titulo da *plurividade bancaria*. Veremos depois os effeitos produzidos no paiz por esta orientação a nosso ver perniciosas.

Cumprê ainda salientar o facto de ter a lei de 1846 dado em os seus primeiros tempos resultados efficientes, o que se não observou na lei de 1833.

Na verdade, a partir de 11 de Setembro do anno referido, gosou o paiz de um meio circulante saneado; taxa cambial mantendo-se, num periodo superior a oito annos, em média mais alta que o novo padrão, apesar da intensa crise monetaria de 1847 na Inglaterra com repercussão em todo o mundo.

A situação financeira no quinquennio que terminou em 1850 foi boa deixando um excedente de receitas sobre as despesas. Ao passo que a receita excedeu á do quinquennio anterior de 40.99 %<sup>o</sup>, a despesa apenas augmentou de 1.02 %<sup>o</sup>, o que sobretudo abona a conducta dos dirigentes da época, maximé, quando ainda, em formação, não dispensava o paiz, gastos necessarios á expansão das suas energias.

A navegação augmentou sensivelmente, orçando em mais de 5.000.000 a tonelagem das embarcações que frequentavam os portos. O saldo da balança commercial orçou em 10.000 contos, sendo este o primeiro quinquennio em que tal se dava. Em 1833, nada disto se observou, perfeitamente justificando a causa do insuccesso da lei de 8 de Outubro.

A lei de 1846, a nosso ver, foi promulgada em momento opportuno não a ditando, como querem alguns escriptores da nossa historia economica, a illusão de uma prosperidade monetaria.

Termina aqui a historia da legislação monetaria do nosso paiz e dariamos por finda esta ligeira exposição se actos posteriores, sem na essencia modificarem a lei n. 401, não viessem perturbar seus effeitos salutaes. Cumprê-nos, por isto, relatar quaes as providencias tomadas no segundo Imperio com o fim de tornar real na vida pratica o que a lei estabelecera, as razões do in-



sucesso de taes medidas, as tentativas de resgate, o diluvio inflaccionista e finalmente innovações desconhecidas dos financistas de outr'ora, servindo taes perturbações trazidas á lei monetaria, apenas, para afastar-nos cada vez mais da legitima aspiração dos brasileiros — o regimen metallico.

Antes de o fazer, vejamos, porém, o papel que desempenha no nosso systema monetario a moeda de prata, que ainda ha bem pouco tempo, de envolta com as de nickel, vimos ser lançada em circulação, sem conta nem medida.

Promulgada a lei n. 401 para regular o que nella se dispunha, o governo fez expedir o decreto de 28 de Novembro mandando fixar entre o ouro e a prata a relação de 1|15 % e pelo decreto 625, de 28 de Julho de 1849, que se mantivesse esta relação, sendo as moedas de prata, de valor e peso que fixou, admittidas na receita e despesa das estações publicas e entre os particulares (salvo o caso de mutuo consenso) até o maximo de 20\$.

Dessa forma a prata continuou a desempenhar no nosso systema monetario a função de moeda auxiliar, para troco da de ouro. Não ha assim em virtude da lei nenhum contracto de valor superior a 20\$000, que se considere liquidado, senão o fôr solvido mediante determinado peso de ouro, como muito acertadamente ponderou em uma das sessões do anno de 1912, na Camara, o então deputado Calogeras, hoje ministro da Fazenda.

A legislação posterior sobre a moeda de prata, não alterou o que dispõe a lei de 1849 quanto ao maximo da importancia a ser recebida pelos particulares e as modificações feitas versaram sómente quanto ao peso e valor nominal das peças, mandando que nas estações publicas fossem ellas aceitas em pagamento, sem limitação de quantia.

Em 1912 a Comissão de Finanças da Camara, conforme consta do discurso proferido no mez de Dezembro pelo então relator da Receita, o illustre presidente actual do Banco do Brasil, visando attender á falta de moeda divisionaria, autorizou o governo a elevar até 15 % da importancia do papel-moeda em circulação, a cunhagem da prata, applicando 50 % do lucro liquido da emissão no resgate da moeda inconversivel. No referido discurso, o dr. Homero Baptista declarou terminantemente que a emenda da commissão não alterava as disposições relativas á circulação da prata, que continuaria a ter o mesmo poder libe-

ratorio, e ainda accentuou, claramente, que se não attingia de modo algum o regimen da lei de 1846.

O debate fôra provocado pelo deputado Calogeras e delle ficou perfeitamente esclarecido o intuito do legislador. Em seu parecer sobre o orçamento da Fazenda, para 1914, é ainda um brilhante financista que se occupa do assumpto, outra vez fiscalizando-o num intenso facho de luz.

“Certo é, porém, escreve Antonio Carlos, referindo-se ás duvidas de se ter revogado a lei de 1846, que não só em face do proprio texto essas duvidas improcedem como diante da razão e motivos da lei.” Mantem para o exercicio de 1914 a autorisação que originou a ultima cunhagem de moedas de prata determinando que com ellas se fizesse a substituição do papel-moeda de 1\$000 e 2\$000 e troco até 20\$000 das notas do Thesouro.

Diante do exposto, não ha duvida alguma que se não pretendeu alterar o monometalismo ouro da legislação de 1846 e 1849 e por conseguinte, só contra o recolhimento de papel-moeda, poderia a Caixa de Amortisação e não o Thesouro, lançar na circulação os novos cunhos.

Infelizmente a lei foi desviada do seu objectivo. Em 1913, quando os cofres publicos ficaram vazios por força da situação em que se encontrou o governo, o ministro da Fazenda não hesitou em lançar na circulação á guiza de moeda legalmente emitida, o deposito de prata e nickel que possuía, com evidente descaço pela legislação monetaria.

Desrespeitou-se a lei no tocante ao curso liberatorio da moeda auxiliar, e o que é mais, ainda com flagrante violação das medidas legislativas em vigor, o governo recusou-se a receber em suas estações publicas, sem quantia limitada, a propria moeda que havia emitido.

Não é o momento de apreciarmos as razões determinantes de factos tão modernos, cabendo-nos tão sómente referil-os para salientarmos, porque, dia a dia, nos afastamos do ideal de uma circulação saneada. O mal que se praticou produziu os effeitos esperados por todos os que, previdentes, condemnaram o acto do ministro. Economicamente, resultou da sua acção aggravar as causas que põem em fuga o ouro, e se no conjuncto de factos dessa natureza, criados nos ultimos tempos, não se pôde medir o coeficiente correspondente a este, nem por isto elle deixa de existir.



No commercio, os effeitos foram perniciosos como attesta a insistencia com que se procurou substituir a prata e o nickel que abarrotam os cofres dos estabelecimentos commerciaes, por papel moeda de pequeno valor, e ainda as recentes moções do commercio ao governo.

Suprema irrisão! A lei mandou cunhar prata para eliminar as notas de 2\$, 1\$ e 500 réis que ainda existissem nas praças e os executores da vontade legislativa, agem de modo a justamente conseguir o inverso.

Ainda neste assumpto, deu-se publicidade ha pouco tempo a um memorial apresentado á directoria do Banco do Brasil no sentido de ser restabelecido o bimetalismo no nosso systema monetario.

Não sabemos qual seja a opinião da illustrada directoria do nosso principal estabelecimento de credito, mas, seja qual fôr o acolhimento que o memorial referido tenha nos circulos das altas finanças nacionaes, não occultaremos o desanimo com que presentimos a possibilidade de qualquer lei parcial desviando cada vez para época mais longinqua a solução de uma questão vital para a economia brasileira.

Se ha problema que não pôde supportar solução de continuidade na orientação com que se procura resolver, é incontestavelmente o que se refere com a moeda. Se o paiz adoptou como systema o monometalismo ouro, se fixou como preço legal dessa moeda o de 4\$000 por oitava, se este é o regimen que queremos de facto gosar nas nossas relações economicas, para attingil-o, só uma politica, uma unica orientação se tem a seguir e essa é: mantermos inalterada a legislação de 1846; promover os saldos orçamentarios e os da balança economica; jamais emittirmos papel-moeda, seja do Estado, seja bancario. E papel-moeda, é toda e qualquer emissão que não tenha para lastral-a, em qualquer proporção, ouro, no valor estabelecido na lei basica.

F. T. DE SOUZA REIS.



---

# RUINAS DA ARISTOCRACIA RURAL

---

(CAPITULO DO LIVRO "EVOCAÇÕES", A APPARECER)

Como as ruínas de um magestoso castello feudal realçam o encanto de uma bella paisagem, assim sobreviviam ainda, ao tempo da minha mocidade, relevando o ambiente bucolico dos engenhos, as reliquias da aristocracia de Pernambuco.

Já tem sido muito batido o velho thema da fidalguia pernambucana, e da influencia da antiga provincia no movimento social, economico e intellectual do Brasil. Não tendo a pretensão de fazer um livro de historia, remetto ao leitor benevolo a já formidavel bibliographia dos que, antes de mim, trataram do assumpto, com mais auteridade e mais documentos. Limito-me apenas, a registar, tão fielmente como m'o permite a memoria, as longinquas impressões que em mim produziram os écos distantes do antigo esplendor.

Basta lembrar que a cultura da canna de assucar foi introduzida em Pernambuco pouco depois da descoberta do Brasil. Já estavam fixadas no sólo as grandes familias de onde proveiu a *gens* pernambucana, quando começaram os paulistas as heroicas *entradas* com que desvendaram ao mundo quasi a metade da America do Sul. Bento Teixeira Pinto, em meados do seculo XVI, talvez o brasileiro que primeiro manejou a penna, era um rico pernambucano.

A epopéa hollandeza, está toda cheia dos Barbalhos, Albuquerque, Xavieres, Bezerras, nomes que ainda hoje figuram nas principaes familias pernambucanas. A organisação das tropas que combatiam o batavo invasor correspondia exactamente ao processo pelo qual os antigos Ricos-Homens apercebiam as suas mesnadas



para arrancar contra o mouro ou o castelhano. Na guerra hollan-deza, nas lutas da Independencia, nas revoluções contra d. Pedro I, sempre as familias tradicionaes de Pernambuco tomaram a dianteira, e arriscaram bens, liberdade e vida pelos seus ideaes. A Rebelião Praieira de 1848, ultima do cyclo das revoluções pernambucanas, foi a unica que significou um movimento democratico, baseado no povo. Todas as mais se apresentam como impulsos de patriotismo partidos das grandes familias.

A revolução de 1817 é encabeçada pelas mais notaveis familias de então, e os fidalgos pernambucanos, tentando fundar uma republica, sempre accentuavam a distancia que os separava da plebe a quem commandavam. Diz a tradição que, tendo os rebeldes adoptado entre si o tratamento de *patriota* e de *vós* um dos proce-res da revolução foi desta forma interpellado por um rebelde negro, ao que respondeu indignado: — “Alto lá! Eu sou *patriota* *vos* para os meus iguaes. Para ti, serei sempre senhor coronel, vossa senhoria!” Republicanos patricios, não lhes permittia a aristocracia demasiadas intimidades com a plebe vulgar. Como o Coriolano de Shakespeare, não hesitariam em responder aos populares que os procurassem:

*Bid them wash their faces,  
And keep their teeth clean.*

Presos á gleba pelos interesses e pela affeição, os senhores de engenho tanto se identificavam com ella que as denominações das propriedades passavam a constituir os seus sobrenomes, os quaes muitas vezes se juntavam até aos apellidos familiares (Chico de Caxito, Casusa de Quizanga, Yôyô de Cursahi, Jôca de Pindobal) e assim se transmittiam de paes a filhos. Habitualmente a munificencia imperial consagrava taes costumes com a concessão de titulos da nossa democratica nobreza sem hereditariedade. Assim, os baronatos e viscondados não eram mais do que a aristocratisação dos engenhos da familia. Não de outra forma se fundaram as velhas casas da Europa feudal, concorrendo a terra, a riqueza, o valor pessoal e as graças do soberano para formarem o titulo, que depois de alguns seculos adquiria o prestigio magico do passado. A nossa época não permite mais o inicio de taes praticas, e já não é pequeno esforço manter as velhas, a bem da esthetica e da tradição. Consolemo-nos porém, em imaginar que se não fossem a imprensa, o telegrapho, a Republica e... a baixa do assucar, daqui a



alguns seculos os nomes dos engenhos da matta de Pernambuco soariam aos nossos vindouros, com a mesma sonoridade dos Motmoreneys e dos Northumberlands.

Pude ainda, na infancia, contemplar os gloriosos destroços da fidalguia de antanho, notadamente os da famosa estirpe dos Cavalcantis. Não alcancei o Conde da Bôa Vista, deslumbrando o povo pernambucano com os seus modos aristocraticos de fidalgo europeu, sem esquecer a sua triplice qualidade de senhor de engenho, chefe de partido e Grande do Imperio. Frequentei, porém, o seu antigo palacio, já deteriorado pelo tempo, e pude apreciar na intimidade da velha Condessa, o que teria sido, em meados do seculo XIX, a *grande dame* inspiradora dos poetas e *leões* do Recife e da Côrte, Maciel Monteiro á frente.

Os que, porém, constituem a essencia dos Cavalcantis, são os filhos do heroico Coronel Suassuna, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, veterano das lutas da Independencia, e fundador da dinastia. Dos quatro irmãos que mais se distinguiram: Visconde de Albuquerque (Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti), Visconde de Camaragibe (Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque), Visconde de Suassuna (Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque) e Barão de Muribeca (Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque), sómente conheci os tres ultimos.

O Visconde de Camaragibe, fino e discreto como um verdadeiro gentil-homem, ameno no trato, secco de maneiras, guardava sempre a linha de um homem que sabe ter a responsabilidade de um grande nome. Recordo-me da imponencia, sem ostentação, com que fardado de Senador do Imperio, e constellado de condecorações, presidia aos actos solennes da Faculdade de Direito. Sem as qualidades brilhantes que dão na vista e forçam a popularidade, Camaragibe era intelligente, culto, de grande firmeza de caracter, de lealdade e sisudez a toda prova. Poude pelo seu prestigio occupar as mais altas posições no paiz, e tornar-se o chefe do partido conservador em todo o norte.

O Visconde de Suassuna, heróe de 1817, conheci de vista, sepultando na sua clausura de Pombal a solidão de sua viuvez sem descendencia. Desilludido de tudo e de todos, divorciado da politica de que fôra chefe, nem sequer vindo tomar assento no Senado desde 1849, dedicava os ultimos annos da sua longa vida a uma



feroz parcimonia, e tinha por unica diversão um presepe de pastorinhas que mandara organizar perto do sitio em que morava.

O ultimo sobrevivente foi o Barão de Muribeca. Sem quebrar a altiva linha da familia, tinha, porém, habitos mais burguezes, e administrava a sua fortuna com severa habilidade, diferenciando-se assim dos seus antepassados, de quem dizia Joaquim Nabuco que "pegavam nas cédulas com a ponta dos dedos". Vivo e sagaz, tinha o humor um tanto acre. Deixou os seus titulos ao portador em vida aos seus herdeiros, para que se não pagassem impostos á provincia, e assim, os funcionarios fiscaes não ganhassem porcentagens á sua custa. No seu cofre do engenho S. João, foram encontrados depois da sua morte cem contos de réis de notas recolhidas!

Ha pouco tempo falleceu, em edade avançada, o Barão de Albuquerque, Manuel Arthur de Hollanda Cavalcanti, filho do Visconde de Albuquerque, antigo deputado, e um dos maiores elegantes do seu tempo. Tendo abandonado a politica, dividia o seu tempo entre longinquas viagens e as suas residencias de Paris e Florença, tratando de defender-se contra a velhice, e usando artisticamente de todos os artificios empregados para suste-

*... des années l'irreparable outrage.*

Homem de fino gosto, finou na sua casa da Rue S. Florentin, ao lado do palacio em que, um seculo antes, tinha morrido Tayllerand, que tambem lutou contra os estragos da velhice até o ultimo suspiro. E pode-se dizer que com o Barão de Albuquerque desapareceu o ultimo dos antigos fidalgos pernambucanos.

Em época mais recente começou a ter ascendente a familia Souza Leão, na pessoa do Barão de Villa Bella, Domingos de Souza Leão, chefe do partido liberal. De maneiras fidalgas e trato distincto, sentia-se tão á vontade no seu engenho, como no seu palacete da rua do Riachuelo, viajando na Europa, ou occupando a pasta de Estrangeiros. Casado com uma distincta senhora, o seu salão foi o ultimo que em Pernambuco deu a nota da elegancia e do bom gosto. Pretendeu Villa Bella restabelecer, em favor da familia Souza Leão, para o partido liberal, a antiga hegemonia conservadora dos Cavalcantis. Os tempos, porém, tinham mudado, e, digamos a verdade, os homens tambem. Onde poderia encontrar Villa Bella, em 1878, um punhado de homens da estatura de Rego Barros, Paes Barreto, Sá e Albuquerque, e tantos outros,



que, sob a chefia de Olinda, Albuquerque, Bôa Vista, Suassuna e Camaragibe, tinham, vinte annos antes, cercado de prestigio a familia, o partido e a provincia perante o Brasil inteiro? Bem pode dizer, entre lagrimas, em 1864, o velho Marquez de Olinda, ao acompanhar o enterro de Paes Barreto: "Ahi vae encerrado o resto do thesouro que eu esperava deixar a Pernambuco."

Estava definitivamente extinto o tempo glorioso das oligarchias. Se reapparecem, muito depois, com a Republica, é em sinistra caricatura, representação deformada e invertida das antigas. Não são mais as familias tradicionaes, dignas da benemerencia publica, por si e pelos antepassados, representantes da riqueza territorial, que punham o talento, a honestidade e a fortuna dos seus ao serviço da provincia e a faziam respeitar no paiz inteiro. São, ao contrario, os parentes e aggregados do chefe occasional, empossados do poder pela fraude ou pela violencia, que aproveitam do fugaz momento para organizar a distribuição dos cargos publicos, quando não dos dinheiros publicos em especie, pela mediocridade enfatuada dos seus adherentes, até o gêbo momento em que, por sua vez, um delles, apanhando despercebido o chefe da tribu, se apossa pela traição do cofre das graças.

Como quer que seja, já ia longe, ao tempo do Barão de Villa Bella, a época em que o povo repetia a quadra attribuida a Jeronymo Villela:

Quem viver em Pernambuco  
Deve estar desenganado,  
Ou ha de ser Cavalcanti,  
Ou ha de ser cavalgado.

Póde-se dizer, *si parva magnis comparare licet*, que o acto do Presidente Chichorro da Gama, ordenando em 1847, as buscas e prisões dos escravos e criminosos acoitados nos engenhos, foi para o feudalismo pernambucano um golpe identico ao de Frederico Barbaroxa desmantelando os castellos dos burgraves rhenanos, ou de Luiz XI decretando a libertação das communas. Continuou depois a vida de fausto e de elegancia, o prestigio da aristocracia de maneiras, mas a base feudal da oligarchia estava ferida de morte. Se, ainda em 1853, o presidente Sergio Teixeira de Macedo, tenta reviver os aureos tempos da presidencia do Conde da Boa Vista, só o consegue no brilho das recepções. Não foi mais capaz de restaurar a omnipotencia dos senhores de engenho. Diplomata e ho-

mem de espirito, já se lamentava de que os pernambucanos “não estivessem acostumados a ver maneiras como as suas, juntas a um sangue frio imperturbavel, humor alegre, formas attenciosas.” Ao mesmo tempo, orgulhava-se da sua filha, que fazia as honras do Palacio do Campo das Princezas, e a considerava “um dos maiores elementos de civilisação que tem vindo a esta terra.”

A correcção de attitudes e a elegancia desprendida que só se adquirem pelo nascimento e por uma fina educação, foram os ultimos apanagios da velha aristocracia pernambucana, transmittidos ainda ás novas gerações que lhe succederam. Como devia ser interessante a época em que os *dandys* do Rio de Janeiro esperavam a vinda dos chamados *Leões do Norte*, quasi a maioria da deputação pernambucana, para formarem a legião sagrada dos Petronios, que sob o mando de Maciel Monteiro, o Brummel brasileiro, floream nas salas, galanteavam as actrizes e davam a nota do bom tom na Capital do Imperio. E quando se attende a que aquelles homens eram a um tempo artistas no trajar e na palavra, cultores da boa lingua e do bom gosto, observadores fieis do protocollo da moda e da disciplina partidaria, capazes de discorrer sobre questões de elegancia como sobre assumptos sociaes e politicos, bem se comprehende porque naquelle tempo, e ainda muito depois pela força de velocidade adquirida, Pernambuco poude ser contado como uma unidade poderosa no equilibrio politico do Imperio.

Os *rari nantes* que do naufragio das antigas elegancias, chegam, levados no dorso dos annos, até á minha curiosa mocidade, apenas davam pela natural distineção das maneiras, a impressão dos louros colhidos.

Por occasião de se executar a lei Saraiva, em 1881, tive occasião de assistir em Jabotão a um pleito eleitoral que me deu uma idéa longinqua do que deveria ter sido antigamente a acção politica das grandes familias.

O candidato conservador era o dr. Ignacio Joaquim de Souza Leão (depois Barão de Souza Leão), em opposição ao dr. Segismundo Gonçalves, genro do Senador Luiz Felipe de Souza Leão, chefe do partido liberal. Jabotão era considerado um dos feudos da familia Souza Leão, dividida assim entre os dois candidatos. Era forte a luta, e terrivel a prova a que se submettiam os candidatos. Além do mais, o desembargador Henrique de Lucena (depois Barão de Lucena) juiz de direito da comarca, e chefe do



partido conservador na localidade, era desaffecto do candidato do seu partido, o que não impedio entretanto de trabalhar por elle com toda a lealdade. Concorreram ao appello partidario todos os membros da familia que, acompanhados dos seus adherentes, vinham depositar os seus votos na urna. Em frente á casa da Camara, estacionavam carros e relinchavam cavallos ricamente ajaezados, cercados pela multidão dos pagens das casas nobres. Não faltou um só dos ricos senhores de engenho da redondeza, e desfilaram perante os mesarios todos os grandes nomes da lavoura districtal. Foi eleito por uma pequena maioria o candidato da opposição. Nesta mobilisação, porém, de forças, via-se bem que o prestigio das grandes familias, passada a época em que se affirmava nos grandes combates campaes, passava a empregar-se nas eleições.

As mesmas rivalidades que devastavam as casas feudaes da Europa, viviam latentes no seio das grandes familias ruraes do Norte, e supponho que de todo o Brasil. A principio a luta era corporal, e os bacamartes dos Montes e dos Feitosas correspondiam exactamente aos arcabuzes dos Sforzas e dos Medicis. Depois, foram se modificando as coizas e adoçando-se os costumes, mas no fundo as lutas eram as mesmas, ainda que por processos differentes. Por questões de terra ou de mando, havia ainda familias inimigas, e ás vezes, membros inimigos da mesma familia. Ainda pude ser espectador das ultimas refregas da luta tradicional entre as casas de Quisanga e de Caiará. Apenas em logar de assaltos e combates á mão armada, travava-se a luta a golpes de artigos de jornaes, mandados de manutenção, buscas policiaes e outros processos, mais burguezes se bem que igualmente ferozes.

A vida actual, e a degenerescencia dos costumes politicos destruiu por completo o prestigio das familias tradicionaes. E' impossivel hoje restaural-o artificialmente. Se me fosse dado, porém, formular uma opinião relativamente a tão romantica quanto inutil questão da verdadeira forma de governo, eu concluiria pela republica aristocratica, que representa o governo das minorias, segundo o velho conceito de Cicero.

Qualquer que seja a forma de governo, sempre pertence o poder ás minorias mais fortes, mais habeis, mais ricas, ou mais honestas, e até mais deshonestas. Sob as monarchias, mesmo absolutas, salvo os casos rarissimos de um despota genial como Napoleão ou Frederico, ha sempre um grupo de cortesãos ou estadistas



que, ao lado do soberano, dirigem os negocios publicos. Nas formas constitucionaes, monarchicas ou republicanas, destaca-se do seio dos parlamentos um punhado de homens representativos, que fazem a politica, e em torno dos quaes gravitam os partidos, massas amorphas e anonymas. E' delles o governo. Quando bem intenciodos o governo é bom. No caso contrario o governo é detestavel.

A opposição é igualmente formada por outra minoria que combate, convence, faz propaganda, mina, conspira, e podendo, destróe os outros, para alcançar o governo. Ha momentos em que a plebe soffredora, fermenta, transborda, extravasa, e vence á mão armada. Nos primeiros dias domina pela anarchia, enforca alguns proceres, invade sediciosamente os parlamentos, grita, delira, revolve o polmen das agitações populares, e suppõe ter conquistado a sua tão promettida soberania. Puro engano! Installados nas suas curues, os seus novos representantes tomam a direcção dos negocios publicos, organisam os costumados syndicatos e continuam tranquillamente a explorar o paiz, ao seu arbitrio, quando não em seu proveito, em nome do povo, que continúa tão afastado do governo, como em uma monarchia absoluta.

O governo de facto existente é o das minorias. Governo de um só ou de todos só existe em theoria. Tudo mais é completa illusão.

Toda a difficuldade consiste em encontrar minorias esclarecidas e honestas.

SOUZA BANDEIRA.



---

# POESIA

---

## A UM RAPAZ DE VINTE ANOS

### I

*E's moço. E's bello. E's forte. Em ti a juventude  
lançou todo o esplendor da harmonia e da graça:  
nem traço feminil que mesquinho te faça,  
nem o vigor bestial que a imagem torne rude.*

*Vejo o Alcides pagão, prompto a brandir a maça...  
Mas, não. Alguma coisa ha em ti, que não me illude:  
teu olhar morno e quieto é um sonnolento açude,  
onde um lento bulir de agua morta perpassa.*

*Dextreza, porte, côr, musculos, nada falta,  
— nada te faltaria, oh não! se não faltasse  
o sopro, a chamma, a luz que transfigura e exalta,*

*o instincto heroico, o ardor de exceder-se nas lides,  
que essa alma ainda em fusão, vivo e brusco, plasmasse  
pelo relevo audaz desse corpo de Alcides.*



## II

*Quizera ver-te, oh tu que és moço, olhos erguidos  
ao beijo alto da luz, o olhar cálido e recto  
espelhando ante o sol, o amigo predilecto,  
o clarão interior dos sonhos atrevidos.*

*Nem tristeza banal, nem desanimo abjecto,  
nem plangente desdem, nem queixas e gemidos,  
mas a graça e o vigor do corpo e do intellecto,  
e a alma a vida a beber pelos cinco sentidos.*

*Que importa que te falte uma crença radiante?  
Que a illusão te morresse ao bafo atroz do mundo?  
Basta crer na Belleza! E basta a Mocidade...*

*Sê moço. Vive e luta; anhela e vibra. Adeante.  
Vive como um falcão de olhar duro e profundo,  
vive amando o esplendor, a altura e a immensidade.*

## III

*Basta crêr na Belleza. Ama-a, no cosmos, fora  
de ti, e ama-a em ti mesmo. E' a suprema pesquisa!  
Busca-a. E esculpe teu ser, juntando, hora por hora,  
á mente que concebe o escopro que realiza.*

*Perguntas: — "Onde o metro, a norma, a arte precisa  
para rasgar no bloco a forma que se ignora?"  
— Quem ao leão deu o ardor com que os desertos pisa?  
E quem a aguia ensinou a ser do azul senhora?*

*Tens o instincto voador de quem nasceu com asa.  
Ama o que é forte e puro, odeia o que é perverso,  
o que é baixo, o que é vil, tudo que anda de rastros.*

*E põe-te em communhão, no enthusiasmo que abraça,  
com a Belleza, esplendor da vida e do universo,  
com a poesia, os heróes, os abismos e os astros.*



## IV

*Falta o preceito firme a que a acção se conforme?  
Falta uma directriz certa e definitiva?  
— Quem a teve jamais? O bom ideal é informe,  
e a Certeza, ai de nós! de todo encanto o priva.*

*A torrente que corre e espadana, aurea e viva,  
sem parar nem recuar no itinerario enorme,  
busca um sonho que além, sob a névoa, se esquiva...  
e ai della! se desvenda o sonho azul que dorme!*

*Sê tú como a caudal: foge ao remanso e ao charco.  
A agua pura é a que ferve e scintilla entre abrolhos.  
O miasma e o lodaçal moram nas aguas mansas.*

*Avança, seja o sol resplandecente ou parco;  
— e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,  
impelle-a para além á proporção que avanças!*

## V

*Ponha quem o quizer a mira predilecta  
ao alcance da marcha, e, mão alçada, siga,  
certo de achar um dia a suspirada meta  
e de colher o fruto e applacar a fadiga.*

*Muito melhor, porém, — deixa que o diga um poeta  
e que o fatuo saber dos doutos contradiga, —  
é perseguir o ideal com a esperança secreta  
de que vel-o jamais de frente se consiga.*

*E? lutar como quem ambiciona a victoria,  
arder em sangue, em raiva, em jubilo, em heroismo,  
e abrir para a derrota um semblante risonho.*

*Nem ouro, nem poder, nem gratidões, nem gloria;  
nada vale o viver pairando sobre o abismo  
e a graça de morrer antes que morra o sonho.*

## VI

*Que importa que o final de todo humano esforço  
seja um enigma, além, — e, inda mais longe, nada!  
Que os caminhos da vida, o direito e o retorso,  
levem ao mesmo termo a boa e a má jornada!*

*Que procurava o ephebo, erguendo o disco e a espada  
na arena, ou governando a quadriga no corso?  
O sereno esplendor da alma forte, ligada  
á rigeza do braço e ao relevo do torso.*

*Perdeu-se tudo? Sim. Talvez não. A belleza,  
que em vagas de emoção torceu a turba erguida,  
não se perdeu, talvez, quem sabe! como o resto.*

*E que importa, afinal! Affronta essa incerteza,  
affronta a escuridão, glorificando a Vida  
no minuto de luz que arde, ás vezes, num gesto!*

*Fevereiro, 1916.*

AMADEU AMARAL.



---

---

# EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

(A PROPOSITO DE UM LIVRO DIDACTICO)

(Conclusão)

N'uma escola primaria, e para o mundo das crianças, não se entra sem perfeita certeza dos seus meios de acção para o desempenho de grande responsabilidade, que se assume ao tomar a si o afeiçoamento dessas entidades em evolução, que, segundo o tratamento recebido, se constituem definitivamente ou para o bem ou para o mal. Ahi é que tem de ficar assetadon o alicerce de toda a super-structura do character, que se molda para o labor na seara da cultura humana, cultura que não é o privilegio de raça nenhuma, mas deve ser o patrimonio de todas. E não é na cathedra das especializações academicas que se faz jus á investidura de pedagogo: é levando pela mão as crianças para lhes penetrar, pelas expansões do convívio, no mais fundo da alma e nella lhes fazer sentir a sympathia do nosso coração, que se aprende a ensinar-lhes as licções, que lhes aproveitem, porque só assim, entre discipulos e mestres ou livros, a mente fala e a luz do saber se comunica do facho, que a porta, ao facho, que nella se quer accender.

Embora, fazendo o inventario dos beneficios, que devemos á civilisação greco-romana, á pagina 12, o dr. Afranio Peixoto explica aos seus jovens leitores que ao hellenismo devem "a liberdade civil e politica pela qual o homem dispõe livremente de sua pessoa e bens, e governa-se, sem senhor nem mandões; o respeito e a dignidade da mulher; a educação geral do povo; a cultura das artes e das sciencias; as navegações do commercio e colonisação, que levaram todas essas vantagens aos povos da bacia do Mediterraneo", esqueceu-se de dizer-lhes como, por essa educação geral do povo, sem se preocupar especialmente de dar ao individuo pericia technica ou meio de vida, segundo o affirma T. G. Tucker, dava-lhe os meios de cultura propria e de bem exercer os seus deveres de cida-



dão sem ensino especial de "civismo", mas apenas, por um programma muito limitado, fazendo evoluir delle, entre os 7 e 18 annos, o "kalos kagathos", isto é, uma boa e bella forma de "homem", com a sua intelligencia, os seus sentimentos e o seu corpo treinados de tal arte que o complemento da ephebia o habilitava a prestar, conscienciosa e lealmente, o juramento com que assumia as suas funcções de membro da sociedade, ao receber o escudo e a lança na assembléa dos cidadãos:

"Nunca aviltarei estas armas sagradas, nem desertarei do meu companheiro nas fileiras. Combaterei na defesa dos templos e da propriedade publica tanto só como com muitos. Transmittirei a minha terra patria, não só não menor, mas maior e melhor do que me foi transmittida. Obedecerei aos magistrados que estejam em qualquer tempo postos em autoridade. Respeitarei tanto as leis existentes como as que o povo possa unanimemente de futuro elaborar; e, si qualquer pessoa procurar destruir as leis ou não fazer d'ellas caso, farei o possivel para lh'o impedir, e as defenderei tanto por mim só como com muitos. E invoco como testemunhas Agraulos, Enyalios, Ares, Zeus, Thallo, e Auxo, e Hemogene."

Querendo, porém, por obediencia aos ensinos da pedagogia moderna, dar aos seus jovens patricios um treinamento civico especial, não ha na vida da ephebia, mas pelo livro, pelo mestre, pela aula, pela escola primaria, o livro do dr. Afranio Peixoto, em vez de incorporar compendios de geographia e historia, deveria ter tomado por typo os que, no genero, são modelos reputados: o de Numa Droz, já vertido para o vernaculo; o de Raymond Poincaré, "Ce que demande la cité", ou os de Clark, Bourne, Ashley e outros americanos, que se têm tornado classicos, onde é objecto de ensino aparte esse accidente da educação moral, a que se tem chamado "ensino civico".

Não devia, porém, em caso nenhum, pensar em "crianças ou infantes", porque a natureza do assumpto requer para inicio de sua proveitosa contemplação um preparo anterior como o da escola preliminar e primaria, que o relega para os ultimos annos da escola complementar, isto é, para quando os discipulos abeiram os seus dezeseis annos e, passada a puberdade, estão de vez para entestar com o estudo proficuo dessa cultura especial, que se entende dever dar-lhes.

Chamar, entretanto "educação civica" á exposição, que faz, sob pretexto de que, para educar, isto é, conduzir facilmente os futuros brasileiros, o caminho é o da "verdade honestamente procurada e dita com franqueza", isso é usurpar a funcção, que para si reivindicava, e de que se ufana, toda a imprensa do orbe civilizado, que doutrina para adultos.



O perigo dessas "verdades honestamente procuradas e ditas com franqueza", quando não seja encapotar a sympathia ou antipathia pessoal por uma forma ou processo determinado de politica legislativa, executiva ou administrativa, é, em relação ás crianças, antecipar precocemente a contemplação de factos, que ellas não têm criterio para comprehender nas suas causas, nem nos seus effeitos, e que, portanto, em nada podem contribuir para edificação do caracter com que convém que entre cada membro para a commuidade e convivio social dentro da nação e fóra della.

A sinceridade, que o dr. Afranio Peixoto põe na sua exposição do que entende proveitosa informação ás crianças, não impedirá que estas extranhem a maneira singularissima pela qual as quer convencer, levando-as a formar um juizo perfeito da nossa gente e da nossa terra, quando lhes ensina que o Brasil deve ser uma republica, porque toda a America o é, embora o governo "honesto e liberal" de d. Pedro II, isto é, a monarchia, "lhe assegurasse longos annos de paz interna, emquanto a America do Sul", como ainda o Mexico, "ensanguentavam o solo patrio com as lutas promovidas por oligarchias e caudilhos", que tambem entre nós cogumelam desde a inauguração do novo regimen. Não ficam, essas crianças, no direito de lhe dizer, e muito logicamente, que si já tivemos melhor e peorámos, o preferivel é voltar ao menos peor? E não lhes exprobrarão ellas que as aconselhe a procurar no "saber" o remedio para os males, que lhes aponta, quando é s. exa. que, dizendo-lhes ser "sabio" o varão "excellente e digno" que foi o Imperador, esse mesmo que nos deu, como a Republica nos vae dando, longos annos de paz interna, affirma ter elle exercido o poder pessoal, que foi e é ainda tudo na politica do paiz, sem entretanto, com toda a sua "vontade" incontrastavel, orientada pela mais alta "sabedoria", "ter podido organizar finanças, trabalho, industria, commercio — a prosperidade, emfim, da nação, porque não sabia escolher homens, que o ajudassem, entre os poucos, que havia, nem guiar os que escolhera?" Si um "rei sabio, honesto e liberal", qual reconhece o dr. Afranio Peixoto ter sido d. Pedro II, não tirou de sua "sabedoria" o condão magico, que o levasse á realisção dos ideaes de um governo omnipotente, entregue a uma vontade que poderia "querer" sem opposição, que probabilidade tem o futuro de derivar de quanta "sabedoria" e "vontade" tenham os seus cidadãos a prosperidade da sua terra e da sua gente?

O "saber", precioso sem duvida, não é, emtanto, a panacéa que a rhetorica recommenda para todos os males sociaes. Que o diga o systema de educação no periodo aureo da civilização hellenica, que o dr. Afranio Peixoto profundamente conhece e exalta, e na qual, como se lê no magistral livro de P. Monroe, o grande professor da Historia da Educação no Teachers'College da Universidade de Columbia (Source Book of the History of Education) não

era objectivo a força intellectual, sim, porém, a reverencia, a lealdade e a temperança nas palavras e nos actos, alcançados, não pela suppressão do individuo, mas pelo seu desenvolvimento, como sensivelmente o demonstrou Pericles na sua oração pelos mortos.

O dr. Afranio Peixoto, comtudo, em vez de, como Pericles, indicar por que principios de acção pôde uma nação chegar ao brilho do hellenismo, e com que instituições e de que maneira se pôde tal conseguir, mostra como a nossa gente, modificada pela mistura com o indigena e o negro, vae levando para a ruina completa a terra, sobretudo depois do advento do regimen, sob o qual "a fortuna publica é devorada pelo funcionalismo parasitario, a justiça degradou-se, o analfabetismo recrudescer, o suffragio é uma farça, a plutocracia domina, a tributação esmaga e a ruina economica, devida a esbanjamentos e imprevidencias, nos arrasta para a barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes", e conclue com o recipe maravilhoso do "saber" e "querer", desmoralizado pela acção negativa de um monarcha, que, sem mãe louca, sem esposa a que faltasse compostura, sem filhos mal educados, sem ministros em desaccôrdo, como o seu real avô, filho de um dos ultimos brutos da familia a educar por José Bonifacio", "sabia" como um sabio e "queria" sem contraste!

Acredito eu, á minha parte, que, quaesquer que sejam os meios de que se sirva a escola moderna para educar civicamente o futuro cidadão, o de mais proficuos resultados será aquelle que, no "individuo", desenvolver as maiores virtudes de que é capaz o "homem", porque essas não só lhe darão competencia para o desempenho de seus deveres como homem em relação aos outros homens, individual ou collectivamente, como tambem os de cidadão digno da comunidade social, em que lhe tenha cabido viver e agir. A questão é que o esforço da escola não vise só a intelligencia, mas, principalmente, cure do sentimento, que regula o coração, e da moral, que forma o character. Creio, com Platão, que a virtude se ensina, e que o exercicio activo do sentimento e da razão é que mais efficazmente o consegue.

Estimular, pois, e guiar esse exercicio é a tarefa da educação. "Minha terra e minha gente" para isso, no meu talvez mal orientado entender, para tal não contribue, e, portanto, como o poeta da Republica de Platão, deve ser excluido da escola, mau grado o intuito, que o dictou ao seu autor, a quem sobeja tudo quanto é necessario para realisar de outra forma o que por esse livro não logrou.

Sem autoridade para aconselhar, si conselho me fora pedido por quem quizesse especialisar a cultura moral pela adopção do que hoje se chama educação civica, eu lhe indicaria a leitura meditada da conferencia feita no Museu Pedagogico em Pariz por Ch. Seigno-



bos sobre o ensino de historia como instrumento de educação politica.

Furtar-me-ia, porém, ás exigencias do meu coração, em que a idade e os desgostos da vida não amortecerão jamais o amor á patria, si, aos que querem a educação civica das crianças, não recommendasse aos que as querem ver crescidas no esforço de tornar a patria grande, san, forte e feliz, que se abstenham de lhes pintar o quadro escuro do seu estado actual, como occulta ao enfermo o medico prudente a realidade do seu morbo para lhe não diminuir, pela pressão moral, a efficacia dos agentes de cura, a que recorre, e as probabilidades de restabelecimento, com que conta.

Frei Itaparica, tradicional figura no magisterio das terras onde teve seu berço o dr. Afranio Peixoto, quando, exaltados, se referiam os seus patricios á grandeza das alheias patrias, enaltecendo-as invejosos e maldizendo a inferioridade da propria, costumava, referiu-me o dr. Pires Prandão, um de seus brilhantes discipulos, costumava dizer-lhes: "Olhem, meus filhos; eu sei que os outros têm mães bonitas, cheias de encantos, felizes, ricas; a minha, coitada, é vesga, coxa, feia, ignorante, infeliz, pobre, mas é minha mãe: eu quero-lhe bem, por que é minha mãe; e todos esses defeitos, que lhe reconheço e sinto, eu não os vejo, nem os comparo com o que têm as outras mães, pois o meu amor me faz a minha entre todas a mais bella, porque ella é que é minha mãe."

Façamos nós como o illustre frade. Amemos esta patria, porque é a nossa: vejamos-lhe, sem a vermos, porque a amamos, toda a fealdade, que a deforma, e, na elevação da propria belleza, fazendo-nos bons e cada vez melhores, aureolemos-lhe o vulto no reflexo do brilho, que de nós emane, impondo-a como mãe digna no conceito de quantos com severa imparcialidade quizerem julgar do cumprimento, que damos aos nossos deveres de filhos.

Em livro que a Republica Argentina põe entre as mãos da infancia nas suas escolas primarias, uma poesia de Aguilera, depois de dizer ás crianças em linguagem accessivel, porque quente e expansiva de sentimentos, que encontram éco em seu coração, o que pela sua experiencia e para os seus affectos é isto a que se chama patria, diz-lhes:

Si a Patria é ingrata  
Ao filho, que a serve;  
Si a peste e a miseria  
Jamais a desertam;  
Si infames tyrannos  
Em ferros a prendem,  
As leis violando  
Mais justas e santas;  
Si noites eternas  
Em trevas a trazem  
E nunca as estrellas

Sobre ella scintillam;  
 Pergunta ao proscripto,  
 Pergunta ao que vaga  
 Sem pão e sem tecto  
 Por terras alheias;  
 Pergunta si pode  
 Jamais esquecel-a;  
 Si, em sonho ou vigilia,  
 Por ella não chama.  
 Não ha aos seus olhos  
 Mais bella morada;  
 Nem ceus e nem terras  
 Iguaes, outras tem —

e remata estas affirmações, gabolas talvez segundo o criterio que as julga, mas sinceras, com estas estrophes:

Acaso, entretanto,  
 Um tempo virá,  
 Em que, de mãos dadas,  
 As raças humanas  
 Dirão jubilosas:  
 "Não ha mais divisas!  
 Meu Deus é teu Deus!  
 Tu crês o que eu creio;  
 E, como por sobre  
 Nós todos se estende  
 Um ceu, tua Patria  
 A minha é tambem.

Na crença de que temos a melhor e que é ella a melhor porque é a nossa, eduquemos o espirito da infancia na esperanza de que algum dia a Humanidade não terá senão uma Patria. Esta educação vale mais do que quantas conferencias se celebrem e quantos palacios se ergam em Haya. A segurança da affirmação vê-se distincta ao claror do incendio, que abraza a Europa.

Abafadas amanha pela victoria do mais forte, resurgirão dentro em pouco essas chammas ainda mais assoladoras por sobre os pedacos de papel, a que a chancellaria germanica reduziu os tratados, como, a sabor de suas conveniencias, os reduzirá outra chancellaria qualquer, emquanto o amor da humanidade não prevalecer sobre as pequeninas e vaidosas competencias, em que os sociologos "à la minute" separam as raças, proclamando a dominação do mundo pelas mais capazes, cujo imperio fomentam, em vez de se alliaem para unir em um só povo, pela liga do amor fraternal, os grandes e pequenos, que compõem a Familia da Terra.

A esses mesmos, a esses que querem instillar á força de injeções pedagogicas na alma do individuo esse sentimento a que chamam civico, e que, segundo a sua noção, não passa de um orgulho pretencioso, que fanfarroneia em actividade palavrosa sem a coragem dos grandes actos mudos com que o altruismo dá tudo que tem



para auxilio efficaz das causas, que o merecem, a esses seja-nos permittido dizer, paraphraseando os eloquentes conselhos de Ch. Bigot.

“Como é que ha de o mestre agir para formar almas verdadeiramente brasileiras?

O ensino patriotico não está em parte alguma e está em toda a parte: deve ser o guia e o inspirador de toda a educação; deve animar todo o ensino, qualquer que seja elle.

Toda a vez que lhe referirdes um bello exemplo de heroismo militar, de dedicação á patria, de virtude de familia, de immolação de si proprio aos outros homens ou alguma idéa nobre, seja esse exemplo tomado á nossa historia á da antiguidade ou á estrangeira, tereis inspirado á criança um bello enthusiasmo, excitado nella a generosidade dos sentimentos — tereis trabalhado para della fazer um bom brasileiro.

Todas as vezes que houverdes conseguido despertar nella o sentimento da honra, mostrar-lhe que toda a mentira é uma covardia, inspirar-lhe asco a tudo que é desprezivel e vil — tereis trabalhado para della fazer um bom brasileiro.

Todas as vezes que houverdes volvido para um objectivo nobre a sua ambição e a tiverdes curado de alguma vaidade pequenina — tereis feito della um bom brasileiro.

Todas as vezes que tiverdes logrado fazer penetrar na sua intelligencia uma verdade nova; todas as vezes que a houverdes trazido a ousar um esforço de espirito, a não registrar na memoria uma palavra cujo sentido não comprehenda, a não aceitar uma idéa sem ter perfeitamente apprehendido o que vale, a adquirir o habito do exame serio, a não julgar levianamente, a não se deixar embahir pelas phrases feitas, nem pelas palavras sonoras — tereis, em verdade, eu vol-o digo, trabalhado para fazer della um bom brasileiro.

Esta educação está em toda a parte; em todas as licções dadas, solidas, serias, tanto em uma licção de historia natural como em uma licção de historia. Está nas menores relações entre mestres e discipulo, nos menores incidentes, que se dão na escola, tanto como no ensino moral e civico. Está na disciplina, até nas attitudes, até na maneira de attender á lição ou de manter um caderno.

Não ha coisinhas á tóa em materia de educação.

Mas onde ella mais está, penso eu, mais que na propria historia e geographia, é no ensino literario. Em nenhuma outra coisa uma raça põe mais de si que nos seus livros. E' ahí que, como num espelho fiel, melhor se reflectem os seus pensamentos, os seus sentimentos, o seu genio. Os nossos escriptores é que melhor têm traduzido os altos pensamentos do espirito nacional, suas elevadas ambições, seus sentimentos generosos. Elles que melhor hão manifestado a sua intelligencia vigorosa, seu firme bom senso, seu instincto de clareza, sua imperiosa necessidade de medida e justeza. Queria eu que, entre todos, se escolhessem, para pabulo quotidiana

no da nossa juventude, aquelles que no mais alto grau têm possuído as qualidades da nossa raça, nem receitaria que, em relação aos maiores, se ousasse, quando opportuno, dar á critica a sua parte mostrando em uns a superficialidade, noutros a declamação, da mesma fórma que não receitaria ver o mestre, quando conta a historia do Brasil, apontar aqui os desfallecimentos vergonhosos e alli as ambições injustas ou os arrebatamentos irreflectidos.

Ó paes! ó mães! ó mestres! Trabalhae por fazer-nos homens verdadeiros; será assim com certeza que fareis bons brasileiros. Fazei-nos espiritos sensatos e rectos; fazei-nos corações generosos. Quaesquer que sejam as provações imprevisitas, que possa reservar á geração nova o futuro mysterioso, ella terá porte para arrostar e vencer, si com altivez guardar a tradição de seus antepassados.

Fazei com que tenha ella, como esses, saude intellectual e moral.

E nem tudo assim fica dito: applicai-vos tambem a dar-lhe a saude physica.

Não ha alma verdadeiramente san sem corpo verdadeiramente são.

E' só o equilibrio dos nervos e dos musculos que pôde assegurar á intelligencia o dominio do ser humano.

E' o empobrecimento do sangue, é a perturbação dos nervos que entre nós faz hoje tantos violentos, tantos soffregos, de um lado, e, de outro, tantos indifferentes e tantos irresolutos.

Nossos antepassados tinham vigor physico; cuidemos como elles em tel-o tambem."

Este sim, este é um programma de instrucção moral e civica, que merece entrada em uma escola de crianças.

O dr. Afranio Peixoto, porém, subiu tão alto com o seu que desde a primeira pagina se tornou manifesta a sua inapplicabilidade ao fim proposto. Para o civismo, a criança ha de ser educada como para a hygiene e para a civilidade: pelo que vê praticar e pratica, de maneira a nella constituir habito, base para reflexão opportuna, virtude que adquire indirecta, mas conscientemente, num meio onde paes e mestres, isto é, a tutela, se vá retrahindo á proporção da liberdade consentida á auto-actividade e á auto-direcção, que preparam para fazer face ás responsabilidades maiores da vida madura.

Quando Daniel Webster asseverou que a educação nos Estados Unidos devera ser considerada como "alguma coisa de organico, alguma coisa que pertencia essencialmente á estrutura politica e social", dizendo que "da diffusão da educação entre o povo dependia a conservação e a perpetuação das instituições livres", e que "não de um inimigo externo viria a sua destruição", sim, porém, "da indifferença do povo pelos actos do governo, do seu descuido e da sua negligencia" por "pôr elle confiança muito implicita nos servidores publicos e deixar de examinar convenientemente a conducta

dos mesmos, afim de não ser enganado por homens ambiciosos e se não tornar instrumento do seu desgoverno”, lembrou-se apenas de recommendar: “Fazei-o intelligente e elle será vigilante: dai-lhe os meios de descobrir o que é mal feito e elle applicará o remedio.”

E, como si esta recommendação para attingir vantagem tão relevante pudesse encontrar duvidas na sua comprehensão, ainda no seu discurso em Plymouth, em 1822, elle a definiu clara e plenamente: “Pela “instrução geral” nós procuramos tanto quanto possivel purificar toda a atmospherá — manter á superficie os bons sentimentos e voltar a forte corrente do sentir e da opinião publica, assim como as censuras da lei e as denuncias da religião, contra a immoralidade e o crime.”

E, a 94 annos destas palavras tão simples quanto sensatas, William T. Harris, o Commissioner of Education, na monographia n. 3, apresentada ao Departamento da Educação da Exposição Universal de S. Luiz, vem declarar que essa instituição da escola publica gratuita, a que Daniel Webster chamava “um sabio e liberal systema de policia, pelo qual a prosperidade e a paz da sociedade são asseguradas” — essa instituição, que, segundo o eminente patriota, “excita o sentimento de responsabilidade e a consciencia do character”, a escola, assim como faz tomarem os alumnos as formas de pensamento, que lhes são dadas pelos mestres e pelos livros de que se servem, os faz regerem os seus impulsos pessoases e agir de conformidade com as regras e regulamentos; — fal-os conduzirem-se de modo a combinar com outros e a de todos alcançar auxilio, pois que a todos por sua vez o dão; fal-os repellir as inspirações do seu egoismo e preferir as formas de acção baseadas sobre a consideração aos interesses alheios; — é, emfim, ethica em toda a sua disciplina, isto é, trena o futuro cidadão no habito da contenção e da obediencia á ordem social; e dá-lhe, por assim dizer, a consciencia de dois “eus”: um, o seu immediato impulso animal, e o outro, o seu senso moral de conformidade com a ordem necessaria para a acção harmonica de todos.”

Não fica, pois, evidente pela attestação de um espirito superior, como o de William T. Harris, que é esta disciplina e mais o cultivo da intelligencia, que gera a vigilancia e o criterio para descobrir o mal e remedial-o; — que é o regimen escolar sem especialisação nenhuma com o rotulo de “ensino moral e civico” que ha de, das crianças, pela evolução inciada na escola primaria, fazer sahir o “homem” e o “cidadão” capaz de conquistar a natureza, os outros homens, a si mesmo? Não foi desse regimen que sahiram aquelles, cuja acção civica constitue a ufanía desse passado, em que “nos transformámos, de atrazada colonia, num esboço promettedor de nação civilisada?” Não foi desse regimen que sahiram aquelles que, trabalhando pela suppressão do “defeituoso e remorado serviço do escravo, obtiveram as tres grandes victorias de 1850, de 1871 e

de 1888, as quaes augmentaram o nosso movimento immigratorio e tornaram accentuada a nossa actividade proficua?" Não foi desse regimen que sahiram aquelles, que integraram a America Republicana pelo 15 de Novembro de 1889? Não foi, finalmente, desse regimen que sahiram Rio Branco e Ruy Barbosa, este indesculpavelmente esquecido pelo dr. Afranio Peixoto, ambos os quaes, por sua acção politica, tanto realce deram ao nome brasileiro, collaborando esforçada e brilhantemente para "apertar os laços internacionaes, que de tão grande valor são, não só como humanidade e conveniencia, mas como inicio daquelle mais completo internacionalismo, a federação das nações, que é a manifesta destinação do mundo, a menos que os fogos do sol se apaguem mais depressa do que sazonam a sabedoria e a fraternidade no coração dos homens?"

Apesar, porém, do valor da attestação feita em abono do que a instrucção geral americana está realisando em prol da formação de cidadãos para a vida em regimen democratico, uma outra eminenencia do mundo pedagogico americano, o dr. Hanford Henderson, na sua obra "Education and the larger life", vem, na mesma época, affirmar: "Tivemos um continente virgem para explorar — campo e floresta e minas, tudo nosso, de graça — e tivemos, tanto mais lamentavelmente é, o negro captivo da Africa e o branco desherdado da Europa, para trabalhar e abrir mão, em nosso proveito, do lucro, que devera ser seu. E esta obra de dupla exploração de um continente e de um povo proseguiu tão sem hesitação que, agora, em vez de uma democracia, que nós nos constituimos para realisar, temos um paiz com duas classes: a dos que têm e a dos que não têm. E nós nos vangloriamos da nossa obra — esta conquista de um continente e este empilhamento de uma riqueza enorme. Quando, porém, a historia do seculo ultimo vier a ser escripta por mão menos recente e mais moral, ha de ella represental-o como um seculo de escravidão branca e negra tão genuina como a escravidão dos seculos medievaes, que nós affectamos depreciar."

E é quando, ha 140 annos da sua independencia, os Estados Unidos representam ainda no seculo XIX, apesar do seu admiravel systema de instrucção popular, uma era de escravidão branca e negra tão genuina como a dos tempos medievaes — é quando o Brasil ainda não celebrou o primeiro centenario da sua emancipação, está apenas a 28 annos da abolição do elemento servil e a pouco menos da deposição da monarchia, que o dr. Afranio Peixoto o quereria ver já caminhando desassombrado, e invectiva contra o seu presente, esquecendo que nem tempo teve para se restabelecer dos abalos causados por essas crises; taxa de incapacidade as hesitações dos estadistas, que, ao seu serviço, têm dedicado o melhor de sua actividade, inexperiente, sim, mas bem intencionada; e fia todo o seu futuro de duas palavras: "saber e querer", expoentes de forças poderosas, mas que, como todas as forças, podem ser ap-



plicadas ou para o bem ou para o mal, conforme, pelo testemunho de seus publicistas, o demonstra a experiencia do povo americano.

Singular educação moral e civica é essa que, no escol dos homens aureolados pelo brilho do seu talento e que empenharam sua actividade em proveito da causa publica, fosse sob o regimen monarchico ou republicano, vae, turvando a paz das sepulturas ou o retiro honrado de uma velhice respeitavel, buscar os nomes de Theophilo Ottoni, Salles Torres Homem e Lafayette Pereira, para os apresentar á infancia como renegados de sua fé, apostatas de sua crença, trahidores que, pelos trinta dinheiros das honras e graças imperiaes, desertaram dos seus companheiros e do ideal suggerido pelo amor patrio, deixando que um estrangeiro, o secretario de Estado da União Americana, sr. Mac Adoo, vá, ás margens do Prata, numa confabulação de cordialidade, erguer aos applausos mundiaes "um dos maiores estadistas do Brasil, cuja orientação fortaleceu o principio do arbitramento e gerou incommensuraveis beneficios para os povos do continente sul-americano, dando ao mundo um exemplo da efficacia e influencia humanisadora desse instrumento de concordia fraternal, ha mais de vinte annos, e resolvendo por elle todas as questões de fronteiras com todos os paises seus vizinhos sem que fosse derramada uma gotta de sangue, nem se perdesse uma unica vida humana!"

Antes mil vezes, na metaphora ridicula, mas optimista, ou gabolas, da canção do negro Eduardo das Neves, representar aos olhos da infancia a Europa curvando-se ante o Brasil ao contemplar o arrojado aeronautico de Santos Dumont, que não deixa arrebatado á patria de Bartholomeu de Gusmão a gloria do primeiro vôo humano, do que fazer esta exhibição apparatusa de vicios de uma raça e erros de governança, sobre que, no seu ardor de regenerar, o illustre director da Escola Normal, longamente discorre, e apenas nomear, sem os pôr em merecido destaque, com palavras que estimulem á sua imitação, aquelles servidores, que se sujeitaram ao azar de todas as criticas no pensamento de servir á nação e a serviram na medida de suas forças.

Que quer o dr. Afranio Peixoto que "o saber e querer" tragam ao povo brasileiro? A felicidade e a grandeza que tem desfrutado e está projectando para o futuro proprio, e para o da humanidade, essa raça de mais capazes, que é o povo allemão, o qual (segundo o põe Hughes no volume da série scientifica contemporanea, intitulado "The making of citizens") por uma educação deliberada de duas ou tres gerações, prepara o futuro Sédan em materia de assumptos militares e commerciaes?"

Si, quando o pragmatismo, arvorando no campo da podologia a sua bandeira, proclama que a função da escola não é meramente treinar o discipulo para o exacto cumprimento dos seus deveres de cidadão no sentido restricto do termo, mas outra muito mais ele-

vada, isto é, a de assegurar a futura efficiencia social do individuo, não apenas para o desempenho de algum dever particular ou para cumprir algum determinado dever social, sim, si possível, educalo para que possa collaborar no progresso da sociedade, não sómente o tornando capaz de prestar serviço, mas tambem de empunhar o bastão de commando, com trenal-o, de modo a que, neste seculo de agitação industrial em constante movimento, se possa elle adaptar ás circumstancias, variaveis de momento a momento — o ideal do dr. Afranio Peixoto é que, como a Allemanha, a nossa nação se prepare para, pelo poder militar, conflagrar, sendo preciso, o mundo, no intuito da hegemonia commercial, assegurada por um novo Sédan, então o impulso dado pelo “Minha terra e minha gente”, mais que nullo, é ridiculo e contraproducente, pois, — pensando, “como diz o critico do “Jornal do Commercio”, “para o pessimismo no estudo do nosso passado”, fazendo delle e do nosso presente uma “exposição nem exacta, nem louvavel”, não é possível “gerar enthusiasmos”, e sim unicamente “provocar desanimo nos nossos jovens patriotas”, pois que ostenta desprezo por certos dons e habitantes do Brasil, que não são fundamentados — deprime as nossas guerras gloriosas e os nossos movimentos politicos e sociaes... não podendo, por isso, formar gerações esperançadas; — sua frieza, sua severidade e sua injustiça no tratar de nosso passado, dos nossos irmãos, do nosso clima, das instituições militares, das guerras que honram a nossa historia, do movimento da independencia, “tornam-no falho como “livro de educação, que deve ser um propulsor de entusiasmo” — mais “pamphleto” que obra “didactica” e, repetição sincera das abusões européas, que diz “do nosso passado, da nossa terra e da nossa gente” coisas que podem provocar desanimo ou indignação nos seus pequenos leitores!”

E o critico do “Jornal do Commercio”, depois de assim se manifestar sobre o livro, que se propõe a educar moral e civicamente a nossa infancia, pela mais logica e patriótica das logicas, conclúe que é elle BEM FEITO, PREENCHE OS SEUS FINS E DEVE SER ADOPTADO COMO FOI!

“Magna res est vocis et silentii tempora nosse!”

E’ o caso de dizer que Seneca perdeu o seu latim.

O critico do “Jornal do Commercio”, dizendo do merecimento de um livro, que se destina, não simplesmente a ensinar á infancia o que é patria, mas a mostrar-lhe como a ha de bem amar e servir, reconhece que a fundação dessa patria, o povoamento do seu solo, a expulsão dos seus inimigos, a sua independencia, as guerras libertadoras, em que se envolveu, todas estas glorias, em summa, do seu passado, todos os episodios brilhantes da sua historia, lhe são “apresentados de um modo pessimista, que não parece mesmo ser o verdadeiro”; mas, sem embargo de tal, quer que “o quadro sombrio traçado pelo autor de “Minha terra e minha gente”, quadro, que,

no seu entender, "pouco se afasta da realidade", embora consagre "noções falsas e tendencias anarchistas", vá, nas escolas publicas, dar ás novas geraes "a noção da sua responsabilidade na solução dos grandes problemas referentes ao desenvolvimento da nossa riqueza e da nossa patria, porque só dessa noção poderá nascer a energia indispensavel para a grande acção necessaria!"

E' de ver, é de esperar sem antecipada surpresa, o lucro que trará a solução "dernier bateau", que a esses problemas magnos vão, em futuro proximo, dar aquelles, que, para os resolver, recebem o concurso e inspiração de "noções falsas e tendencias anarchistas". Sem commissão dos posteros para agradecer ao bemfeitor o assignalado serviço, sentimo-nos, entretanto, na obrigação de felicitar os editores, que não verão, na empresa arriscada da publicidade, desaproveitados os sacrificios patrioticamente feitos em prol da regeneração da raça e do progresso da Republica.

"Chré sigan ê kreïssonna sigês gelein". — E' o caso de dizer que ficariamos em grego, si o anexam não dissesse em vernaculo: "Nem tanto amen que se damne a missa".

O terceiro Napoleão, em 1870, precipita a França, pujante potencia secular, na derrocada, que a humilha e enluta, ceifando-lhe innumeras vidas humanas, arrancando-lhe um algarismo enorme de milhares de milhões e duas provincias magnificas. Longe, bem longe do acabrunhamento, em que a tremenda provação mergulhou a alma franceza, um dos filhos de uma dessas provincias, aquelle que hoje preside aos destinos da Republica, dirigindo-se á mocidade do seu paiz, que acaba de receber a investidura dos primeiros estudos, recorda-lhe as gloriosas scenas da sua historia; e, sem uma só palavra de queixa ou revolta contra os compatriotas responsaveis pelos desastres, que a ensombraram, ou pelos perigos, que ameacem ainda a nação, querendo erguel-a á altura do digno desempenho dos seus deveres de cidadão e á maior efficiencia social, a que se possa elevar, diz-lhe:

"A França é o paiz onde nascestes, onde vos criastes, onde vivem vossos paes, onde morreram vossos avós. No bello nome da patria se resumem todas estas recordações. O patriotismo não está em contradicção com os nossos deveres para com a humanidade; é, ao contrario, sua condição necessaria. O melhor modo de amar os homens é amar, antes de tudo, esta porção da humanidade, que está perto de nós, que nos envolve e que nós melhor conhecemos. Em vez de diffundir as nossas afeições e de dissipar nossas energias, saibamos concentrar-as e empregal-as utilmente no canto de terra, onde nos arraigou a natureza. A patria, é pois, o patrimonio material e moral, que nos legaram nossos antepassados. Não é só o nosso sólo; é tambem nossa alma nacional, isto é, nossas esperanças ou nossas tristezas communs, nossas alegrias e nossas provações, nossa literatura e nossas artes, nossas descobertas scientificas —

todo o cortejo de idéas e sentimentos, que em nós desperta o nome de França.”

Em vez de uma apologia tão ardente quanto simples, como esta — em vez de singelo epinício, em que resumbre no orgulho da successão, a segurança de que o successor ha de tudo envidar por corresponder ao encargo, que herda, dando na firmeza e coragem da promessa o exemplo da determinação assentada e esperançosa, o dr. Afranio Peixoto preferiu embuçar-se no manto negro do moralista da burla rossiniana e cantar, em tom lugubre, a aria da prevenção e do desalento, quasi como quem quer intimar os herdeiros a desistirem da herança a beneficio do inventario.

Poeta, s. exa., esquecendo:

“La souveraineté des choses innocentes”,

lembrada por aquelle que viu:

..... de si près les foules misérables,  
 Les cris, les chocs, l'affront aux têtes vénérables,  
 Tant de lâches grandis par les troubles civils,  
 Des juges qu'on eût du juger, des prêtres vils  
 ....  
 Dans ce néant, qui mord, dans ce chaos, qui ment,

não quiz, como elle, ver a paz profunda, que se tece de estrelas, atravez de todos os nossos males:

Qui sont entre le ciel et nous comme des voiles,

para com elle repetir:

C'est á cela que Dieu songeait quand il a mis  
 Les poètes auprès des berceaux endormis.”

Psychologo por força do officio, o dr. Afranio Peixoto, sabendo o effeito que tem sobre as crianças a intimidação dos papões e dos cucas, não hesitou em levantar aos olhos da infancia, a que quiz falar, o mais assustador abantesma na figura deste Brasil republicano, povoado por uma raça corrompida pelo sangue negro e eivada do virus da preguiça, vara de cevados do analfabetismo, choldra de macambusios e gabolas, que elles, os nossos pequenos já feitos homens, terão de amassar com o pó das solas, que, para o paraiso dos mulatos, esses representantes das raças mais capazes trouxeram e ahí sacudirem, ao calçar os cothurnos solemnes da plutocracia triumphante, quando volvam á sua terra patria, e, por desfastio dos ocios fidalgos, espaiquem a rir da imbecilidade e prosapia dos botucudos d'aque-mar!

Acho eu que seria mesmo uma idéa feliz enviar ás nossas agências de propaganda na Europa e mais partes do mundo a tradução deste resumo tão sincero e franco das nossas presentes condições politicas e sociaes, porque, si os representantes dessas raças fortes e regeneradoras se têm de amalgamar connosco atravez da convivencia na escola publica, bom é que desde logo, os que demandam esta terra com o pensamento de fazel-a patria de seus filhos, certos de que elles serão "trasladados a brasileiros pelo clima", se esforcem por conhecer e aprofundar essa civilisação helleno-latina, que nós, "que os adoptamos", lhes havemos de fazer "assimilar". Em vez de immigrants chucros, já virão redomões.

Adoptando este alvitre, com certeza, quando alguma futura conflagração nos puzer em guarda contra o poder das raças fortes, o elemento assimilado, "more americano sive argentino", estará já de tal maneira identificado em corpo e alma connosco que os navios nos nossos portos não se arrecearão de incendios mysteriosos; as nossas fabricas de armas se sentirão garantidas do estrondo de explosões espontaneas; os nossos Tennysons poderão cruzar todos os mares sem receio de que uma lamentavel distracção dos seus commerciantes inclúa em caixotes de amostra, de minerios machinas infernaes, que explodem com tempo marcado. A amalgamação pedagogica já ha de ter de todo atrophiado no coração dos novos compatriotas quaesquer vestigios de ascendencia, orgulho atavico ou recordação de glorias, que o patriotismo dos paes lhes tenha rememorado nas conversas com que no lar lhes entretinham os serões: serão positiva e definitivamente brasileiros pelo clima, hellenolatinos pela civilisação.

Filhos de uma terra, que poderá abrigar com folga quasi que a população do mundo inteiro — livre, por isso, das ambições de conquista; rica de tudo quanto ha de mais precioso debaixo do ceu — e, por isso, capaz de se tornar invencivel pela força na defesa do que é seu; campo aberto e inexgottavel para a exploração de todas as actividades, que engrandecem pelo trabalho — e, por isso, pondo a coberto da necessidade, que arrasta á villania e ao crime; nova, muito nova, na vida emancipada e autonoma — e, por isso, inexperiente e hesitante no avanço; regida por uma forma de governo, que se quadra á indole do povo e do continente — e, por isso, uma irman entre irmans — com todas estas vantagens naturaes ou providencias de que tão liberalmente, aquinhoados somos, porque não havemos de levantar, no quadro verdadeiro e grandioso, em que incontestavelmente se exhibem todas estas munificencias, que são nossas, porque não havemos de levantá-las, exalçadas no entusiasmo da linguagem, que as electrise e lhes insuffle o ardor patriotico, aos olhos das crianças para que as amem, dellas se orgulhem, as prezem, e, no apreço, que lhes ganhem, ganhem tambem o zelo de as guardar e ter por gloriosa herança, nobremente legada

por precursores de que não se envergonham, e que, com ella, lhes legaram tambem as mesmas razões de a amar, e sobretudo, e com extremos, e com altivez sobranceira e crescente?

Porque não estimularemos as nossas crianças a amarem esta patria tão bella, tão digna, tão cheia de gloriosas recordações do passado, tão cheia de nobres aspirações no presente, tão rica de possibilidades para o bem, para o melhor, para o maior — porque não estimularemos as nossas crianças a amarem-n'a, dizendo-lhes, porque não e porque sim?

Porque é grande, porque é rica, porque pode ser forte, porque pôde demonstrar as que juxtam na mesma liça?

Não.

Porque lhes offerece excepçoes oportunidades de fazerem feliz a vida de cada uma, fazendo-a tão admirada, e respeitada e venerada do munod inteiro, que essa admiração, esse respeito, essa veneração os exalte a cada um como membro de um povo, que nelas se eleva?

Sim.

Ensinemos-lhes que nós mesmos nos governamos, porque somos governados pelos que escolhemos; ensinemos-lhes que as nossas instituições são tão liberaes como as mais liberaes, que no mundo ha; ensinemos-lhes que, si os nossos costumes e os nossos modos de pensar ainda se não disciplinaram, como nos esforçamos por fazel-o, é porque o nosso tirocinio de vida independente e autonoma é ainda um atomo na conta do tempo; ensinemos-lhes que, si o nosso solo começa apenas a ser arroteado, a acção das leis e os poderes estão, e estarão, cada vez mais, se esforçando por lhe desenvolver a producção; ensinemos-lhes que, quem quizer trabalhar no que fôr de seu agrado e livre eleição, pôde aqui fazel-o na certeza de colheita certa; ensinemos-lhes, emfim, que ellas têm fundadas razões para tudo a quanto aspire o seu patriotismo, porque a sua patria pôde, e ha de, um dia, ser par entre seus pares, sem attentar pela superioridade de elementos, que tem nas suas mãos, contra a autonomia e felicidade das terras menos bem aquinhoadas, e dos irmãos, cuja felicidade e grandeza, longe de empanar pela inveja o brilho á propria, mais apertam e ennobrecem a amizade, que os liga.

A criança, que

... vai de abraço a abraço:

Do regaço para o collo,

Do collo para o regaço —

a mãe, quando a pousa no chão, estremece da incerteza, em que a vê, pergunta lá no fundo da sua ternura agonizada:

Serão passos? Serão vôos?



e, nesses primeiros passos, crê que:

Ou se rasga um negro abysmo,  
Ou nasce alguma roseira.

Os pedagogos da nova escola, da escola patriotica e açambarcada de competencia, a esta criança, que se desenredou das faixas da metropole ha menos de um escasso seculo, ao verem-lhe os primeiros anceios de marcha, os primeiros tropegares, as primeiras quédas e as primeiras contusões, que um beija-e-sara-logo cura entre sorrisos de esperanza — em vez de sentir, como a terra, que

“O seu seio estremece mais fundo  
quando essa criança  
....., em seus passos,  
Começa a andar pelo mundo,”

rispidos, enfesados, ameaçadores, ralham-lhe e envergonham-na das suas vacillações e dos seus tombos, crendo, por essas fraquezas, que, diante della,

Nasce, não uma roseira,

mas

..... se rasga o negro abysmo

da “barbaria passiva, preliminar da submissão aos mais capazes!”

Lamurias e lyrismos, que tu, ó gloriosa raça latina, aprendeste a chorar e a cantar ao longo dos corredores do Tempo, bemditos sejaes entre o troar dos canhões que, neste tremendo momento historico, as raças mais capazes alvejam contra as searas da paz! E' um descendente dessas raças, que educou o coração e illuminou a intelligencia, ao som desses cantos e ao calor dessas lagrimas, quem, testemunha das hesitações e das quédas desta criança, que quasi setenta annos de vida lhe tem feito estremecer mais e mais, vem, quando já desce pela encosta da collina, por onde sóbe a sombra da noite que não tem aurora, é o descendente dessas raças que te vem dizer, ó gloriosa Mater Latina, que feches ouvidos aos pregoeiros desta cruzada de descredito e diffamação, que em torno de ti levantam.

Mestres, ó dedicados mestres da nossa terra, porque, buscando exemplo na historia de outros povos e de outras raças de hoje e de hontem, não haveis de ensinar ás crianças, que uma nação ou uma raça, si quer, pôde o que a outra pôde porque quer, mas tropega pelo caminho que a ha de levar ao alvo, porque o progresso não sae armado de ponto em branco da pasta dos sociologos como Pallas da cabeça de Zeus?



Porque não lhes ensinaremos, na escola pratica do exemplo, que a Verdade, a Honestidade, a Fraternidade e a Boa Vontade, as podem levar por dous caminhos, que vão ter ao mesmo ponto, no afan de satisfazer o seu patriotismo: um é aquelle, em que colhem os factos, encontram os princípios sãos, formam os juízos claros e independentes, que, com estudo e cuidadosa meditação, amadurecida pelo criterio crescente com a idade, leva a actividade geral ao aproveitamento das oportunidades, que o meio offerece, e regularisa as relações da nação com o povo ou com as outras no esforço de qualificar a Republica para formar na vanguarda da civilisação do mundo; outro é aquelle que leva ao esforço leal e estrenuo, pela influencia e pelo voto, em cooperação com os outros cidadãos do mesmo espirito ponderado, agindo todos como soberanos pares num regimen democratico, afim de que a acção do governo em todas as suas manifestações se paute e regule pelos conceitos e juízos cuidadosamente formados e assentados?

Sim, mestres da minha terra! Diante dessas alminhas suspensas em aneio do sublime, diante desses olhinhos, que, cheios de curiosidade ingenua, procuram a belleza em tudo quanto espelham; aos ouvidos, que, avidos da Boa Nova, sentem aspera a voz das Cassandras de arribação, não façais, ó mestres da nossa gente, ó Columns de Fogo, que conduzis pela treva do deserto da Ignorancia, o rumo da Terra da Promissão, ás crianças, que vos estão entregues, não façais repetidas estas prophcias agoureiras das almas, que cega a luz, em que se offuscou a razão.

E vós, sobretudo, mestres paulistas, que, de rumo a rumo, em todos os Estados, ides, á solicitação de seus governos, estimulados pelo progresso da vossa terra, em missão especial, novos Bandeirantes, levar por diante essa entrada civilisadora, que disseminará por todo o paiz a boa escola, onde o povo se invista no saber proficuo, que habilite a querer com acerto e efficacia, vós, sobretudo, separai na semente, que espalhardes, a especie que estiola e mangra a seara daquella que a faz viçar, florir e fructificar em toda a exuberancia de uma fartura san, lembrados de que, sem antecipações perigosas, sem julgamentos precipitados, sem preconceitos de raça ou meio, as crianças, estes livros em branco, que o poder publico corria á vossa função civica e social, não devem registrar nas suas paginas nem sombras, que lhes desalinhem a pauta, por onde as aspirações ingenuas lhes vão encaminhando a escripta, nem reflexos de desalento, que as esmoreçam no afan de transmittirem aos seus posteros, na realidade do pouco que consigam, a possibilidade do mais, que delles esperam.

Contentes e orgulhosos do que herdarem, cumpre que leguem o que, com orgulho e contentamento, recebam os que vieram depois.



Não levanteis, portanto, vós, em especial, a quem a felicidade de vosso destino tem feito palinuros, não levantem os mestres desta grande, digna e generosa nação, que ao vosso aceno se vão enfileirando para, á luz do vosso ensinamento, collaborar na tarefa maxima da educação do povo, não levante ninguem a cortina que, mostrando ás crianças o quadro das nossas miserias passadas e actuaes, lhes obumbra, em visão dantesca, as almejadadas grandezas do porvir patrio, para que seu coraçãozinho, recolhido na tristeza que tudo mata, não diga, repetindo a queixa do poeta, que:

“Deixou a fonte de que foi nascido;  
Quiz ser mar, desfez-se em nevoa e ancia;”

e, para se consolar da desillusão, em que fique penando, quando em presença da realidade, que lhes descobrirdes on revelar a “verdade honestamente procurada e dita com franqueza”, não soluçe, na angustia de saudade sem remedio:

“Estradas de astros, quanta sombra a vossa!  
Deixai-me inda voltar, deixai que eu possa!  
Aos caminhos e ao sol da minha infancia!”

JOÃO KÖPKE.



---

---

# INICIAÇÃO

---

O Honório de Miranda fôra um dos talentos de maior reputação na Faculdade do Recife, não tanto pela illustração jurídica, em que o excedia muito o Bulhões Carvalho, vindo de S. Paulo; mas pela fama de pertencer ao numero dos adiantados, de acompanhar o movimento philosophico e literario da época, conhecendo as doutrinas que, através dos vulgarizadores allemães e dos traductores francezes, vinham dos grandes trabalhos scientificos da segunda metade do seculo. Mas nem por poupar o Honório as pestanas no estudo do Digesto e das Institutas e os passos no caminho do casarão da rua do Hospicio, onde funcionava a Faculdade, deixaram o nome, que ganhou, e a educação que refez, de custar lutas e dôres íntimas recalçadas bem para o fundo do coração para que ninguém as percebesse.

Chegara ao Recife ainda bisonho, com uma boa dôse de grammatica e da literatura do Sotero na cabeça, alguma latini-dade e muita curiosidade de saber, e fôra morar, lá para as bandas da rua Velha, com uns rapazes que nadavam em plena philosophia negativista, e que, parte por amor ás novidades, parte pelo gosto de contradizer a opinião geral, enxarcavam-se de Renan, de Taine e de Littré e misturavam as noções fornecidas pelos vulgarizadores Büchner e Moleschott com as doutrinas socialistas de Proudhon e de Louis Blanc.

Logo no primeiro dia, Honório ouviu, com pasmo, as verdades que o Simões, o Fernandes e o Caetano proferiam com inabalavel segurança, á mesa do almoço, palitando os dentes; proposições atiradas ao vento, que o entonteceram como uma ducha fria, forte demais. Trazia da provincia os seus principios philosophicos, politicos, religiosos e literarios perfeitamente arrumados, com methodo, nos escaninhos do encéphalo.



Achava o Barbe profundo, venerava S. Thomaz por tradição, Lamartine era o seu poeta, o seu politico, o seu historiadôr: rezava todas as noites á Mãe Santissima, e considerava o republicanismo o *nec plus ultra* das ousadias, hesitando em conciliar-o com a religião catholica. Mas logo de uma assentada ficou sabendo, graças aos esclarecimentos do Simões, que a divindade de Christo éra uma baléla indigna de homens sensatos, a pureza de Maria uma enormidade antiscientifica, e que o mundo só endireitaria quando se enforcasse o ultimo rei nas tripas do ultimo frade.

A' noite rezou a sua oração e teve febre. Vinham-lhe visões de papas em pandegas com freiras, e de monarchas guilhotinados. A cabeça andava-lhe á roda, não sabia bem se por effeito da viagem de mar, se porque as cousas que ouvira chocavam-se no cerebro com ás que lá moravam.

Nos dias seguintes continuou a ouvil-as em silencio, sem comprehender bem, duvidando da seriedade dos destemperos do Simões, mas deixando-se impressionar pelo tom calmo, convicto e frio das affirmativas do Fernandes. Pouco a pouco o desejo de não parecer tolo, de não passar por ignorante, foi-lhe combatendo a timidez, desfazendo o aturdimiento, e aventou algumas palavras em defeza das idéas que bebera em São Luiz. Mas o calouro não podia estar em melhores mãos para a tarefa necessaria da raspagem do cerebro. O Fernandes e o Caetano riram, ás gargalhadas, do Barbe e mais do Lamartine, e o Simões exaltando-se, declarou que quem não pensava como elle, Simões, pensava, era burro ou tratante. Honorio metteu a viola no sacco para não ser nem uma nem outra cousa. Demais aquellas idéas, ou, pelo menos, a apparencia de erudição que envolviam, começavam a fascinal-o. Vivo, intelligente, vaidoso, encontrara alimento novo naquellas theorias extraordinarias que davam certo lustre, na Academia, aos propagandistas. Oh! o Fernandes era muito considerado, um dos maiores talentos daquella geração; o Caetano passava por um espirito superior e o Simões tinha os seus admiradores, ainda que outros o chamassem maluco. Honorio ia-se habituando, já se não rebellava contra as opiniões dos collegas.

Até lhe parecia vergonhoso ignorar tudo aquillo. E quando os companheiros enchiam a bocca com Voltaire, Rousseau, d'Alembert, Diderot, Volney, citavam anthropologias e paleon-



tologias, o homem quaternario, as habitações lacustres e outras coisas sabias, Honorio sentia-se amesquinhado e infeliz na consciencia de sua inferioridade. Mas ao mesmo tempo dava parabens á fortuna, por lhe arranjar para companheiros de casa o Fernandes, o Simões e o Caetano que, encafuados na rêde ou espichados no sofá da sala, discutiam, em ceroulas, fumando cigarros, arduas questões de metaphysica e de arte.

Todos tres eram espiritos fortes e illustrados. O Fernandes, o mais velho, era discipulo de Littré, o S. Paulo do positivismo. Não discutia a existencia de Deus, porque como Laplace, não tinha necessidade dessa hypothese. Votava desde a padres e reis e, em arte, éra grego. Um dia escreveu que Christo era dos humildes e Socrates dos dignos. O Caetano era voltaireano impenitente, descreia de tudo, ria de tudo, queria o reinado da Razão, a Razão unica, poderosa e creadora, capaz de regenerar o mundo. O mais adiantado de todos era o Simões. O Evangelho deste era a Força e Materia do vulgarizador Büchner, que elle tratava de grande sabio e eminentissimo philosopho. Para o Simões só havia as leis da materia, o mundo physico. O homem era um macaco aperfeiçoado, segundo Lamarck e Darwin o demonstravam até á saciedade. A lei natural devia reger as sociedades humanas como regia os brutos.

Em resumo o seu systema philosophico-politico era atheu e anarchista á maneira de Proudhon, com um requinte: a liberdade do amor. A sua doutrina era exaltada, irritadiça e intolerante, nem admittia contemplações e meios termos. Todos os escriptores catholicos, protestantes, e mesmo os simples deistas não passavam de reverendas bestas, bipedes por abuso, ou de refinados hypocritas, dignos da forca.

Tinha as suas theorias de arte e literatura consoante as philosophicas. Admirava a nudez da arte grega, e, entre os modernos, os pessimistas, os desesperados, os que diziam mal do homem e do mundo, Byron, Musset, Baudelaire, Swift; perseguia as pieguices onde as encontrava, julgava laconica e soberanamente, com uma convicção que impunha, os escriptores citados na conversa. Descartes? Atrazadão. S. Thomaz? Ora, S. Thomaz! que diabo queriam que escrevesse um santo? Santo Agostinho era um frade debochado. Chateaubriand, tentando resuscitar o christianismo no seculo XIX! Besta! Luiz Veuillot, canalha, Victor Hugo, corcunda, canalha e



besta! A bilis revolucionaria e atheista nada respeitava; as proposições eram absolutas e geraes: todos os padres eram ladrões, todas as rainhas meretrizes, todos os estadistas laçaios agaloados.

Em Economia Politica era socialista, e, mais do que isso, communista. Detestava Thiers, o assassino, endeosava Rochefort e Felyx Pyat.

Achava clara e evidente a maxima de Proudhon — a propriedade é um roubo, e idealizava a sociedade do futuro, uma vasta Anarchia, em que tudo era permittido a todos, em que bens, gosos, direitos, mulheres, tudo era commum.

Nessa sociedade ideal não haveria crimes nem peccados, porque ella não teria leis nem religião; seria absoluta a igualdade das fortunas; e o homem, liberto afinal das cadeias seculares da superstição e do direito, caminharia impávido e contente para o seu pleno desenvolvimento individual.

As idéas do Simões enchiam o espirito do Honorio de pavor e o coração de sobressaltos. No intimo de sua consciencia o moço reconhecia que aquillo era logico, achava-o rigorosamente contido nas premissas que os da republica aceitavam. Mas um sentimento de orgulho, as delicadezas de certos gostos aristocraticos o repelliam, sobretudo quando lhe vinham á lembrança a Mãe e as irmans. O Fernandes e o Caetano achavam o Simões um pouco exaggerado, sorriam benevolmente, dizendo: — Isso não; até ahi não vou. Decididamente o que mais agradava ao Honorio era o racionalismo do Caetano. A Razão! A palavra magica apoderou-se logo de sua intelligencia. Que é que distingue o homem do bruto? A Razão. Era, pois, o principio, o fim, e o guia, o criterio para medir todas as coisas. Tal doutrina estava de accôrdo com a Razão, era uma verdade, tal outra era repellida pela Razão, estava condemnada. Era um criterio abstracto e indefinivel, malleavel, capaz de adaptar-se a todas as intelligencias, mas por isso mesmo satisfazia a sua vaidade, a erudição facil bebida nos vulgarizadores. Rapidamente, embora em duros combates intimos, Honorio assimilava as idéas que o Caetano espargia, e passava do theologismo temperado para o racionalismo puro; e no dia em que se julgou perfeitamente senhor da doutrina, achou-se mais nobre e mais digno.

Foi assim que o Honorio de Miranda se iniciou na Philosophia.

H. INGLEZ DE SOUZA.



---

# A PROIBIDADE LITERARIA

---

A PROPOSITO DE UM LIVRO DO SR. SERPA PIMENTEL

---

Amarga decepção para um editor sério deve ser a descoberta de que a obra por elle impressa e sob os preconicios de seus annuncios exposta ao publico não passa de vergonhosa contrafacção do trabalho alheio, ou de escandalosa, evidente, incontrastavel pilhagem literaria. Deparam-se-nos, ás vezes, em dois escriptores differentes, ligeiras affinidades de idéas, topicos reveladores de uma origem commum, mas tudo isso pôde ser resultado de involuntaria absorpção esthetica, sendo certo que a impressionabilidade em alguns cerebros é levada ao ponto de assumirem, convictos, a paternidade do que não passa de méras reminiscencias de leitura. “La mémoire, diz Charles Nodier, no seu livro *Questions de littérature légale, fait faire des plagiats involontaires*”. O estudo das literaturas está cheio de semelhantes coincidencias, de sorte que um caso isolado em materia de apropriação de imagens, planos e até urdidura da obra de arte, não constitue motivo de estardalhaço para a critica, constatando-se o peccado venial de um descuido, levado á conta dessa infiltração magica que o prestigio da belleza determina sobre a capacidade mediocre dos seus admiradores. Ha, além disso, no mundo da intelligencia, alguma coisa que pertence a todos, como o ar e o espaço no mundo physico. São as antiquissimas banalidades, as idéas suggeridas pelos aspectos universaes do dia e da noite, da aurora e do occaso, do prazer e da dôr, do nascimento e da morte... São as inspirações das fatalidades amorosas, o queixume dos corações tristes, a magua dos vencidos, a exultação do vencedor. A intelligencia criado-



ra está sujeita a essas forças como está sujeito o corpo ás forças da gravidade.

Dahi o esforço louvavel do escriptor que, para consolidar a sua individualidade, procura libertar-se cada vez mais de tantas influencias seculares, equilibrando-se, bizarro e altivo, sem o lastro desse patrimonio ancestral.

Os fracos, porém, patinham sempre na velha lama, sulcada através dos tempos por todos os calhambeques literarios, e a todo o instante se encontrôam e vociferam, tirando lascas opacas das rochas carcomidas de que só o verdadeiro genio sabe ainda fazer saltar fagulhas maravilhosas.

De qualquer fórma, mesmo diante dos accidentes por assim dizer — secundarios — em questões de analogias, coincidencias e parentesco entre escriptos impressos, um editor idoneo não se sente bem perante a denuncia da critica. O autor desculpa-se, sophisma datas e prioridades, e esgueira-se para o vortice de outros mil assumptos, certo de que será em breve esquecido. A macula, porém, fica sobre a casa editora, permanente, duradoira, como um indelevel estygma.

Que dizer, então, quando nos achamos diante de um attentado formal, typico, completo, á propriedade artistica? Qual a situação moral e qual a responsabilidade do editor, quando a obra lançada á venda se lhe revela um livro grosseiramente calcado sobre outro, evidenciada a fraude por meio de um corpo de delicto tão facil, tão incontrastavel?

O plagio... Seria facil exhibir erudição laroussiana sobre o assumpto. "Plagium" chamavam os romanos ao crime de vender escravos alheios, inculcando-os como proprios, ou vender como escravas pessoas livres. E o primeiro escriptor que, por uma nitida analogia, applicou esse nome ao delicto literario, parece ter sido Marcial que em um dos seus epigrammas se queixa de que não só lhe escamoteassem os versos como ainda, e principalmente, os recitassem tão mal:

*Impones plagiario pudorem...*

O latim recebeu essa palavra do grego, onde radical identico significa *obliquo, retirado, posto de lado*.

"Plagiare" devia significar originariamente — pôr de lado, retirar; acção, pois, de furto, sequestro e escamoteação, referida



posteriormente com particularidade, ao objecto — escravos, e punida com a fustigação publica.

Uma vez identificada, porém, com a idéa de rapina literaria, nunca mais essa palavra perdeu o sentido restricto, talvez porque se fossem tornando, no correr dos tempos, muito mais frequentes as fraudes e a mystificação nas transacções das letras do que propriamente nas dos escravos ou escravas. A usurpação do trabalho literario entrou de tal maneira nos usos e costumes que, no seculo XVII, appareceu um professor de plagio, um tal "Richesourcee", citado no Larousse. Intitulava-se elle "director da Academia dos Oradores Philosophicos" e era uma especie de Albatat daquelle tempo, affirmando-se capaz de tornar distinctos escriptores mesmo os candidatos que não possuíssem absolutamente talento algum... Publicou uma obra intitulada *Masque des orateurs* ou *Manière de déguiser toutes sortes de compositions, lettres, sermons, etc.* Ahi expõe elle o seu methodo que é o mesmo até hoje seguido instinctivamente por todas as gralhas ao enfeitarem-se com as pennas do pavão: colher tão habilmente os fructos nos jardins alheios que não só seja impossivel ao publico dar pelos latrocinios como aos proprios autores lesados reconhecer, depois, a obra deformada e recomposta.

O mais interessante é haver medrado, através dos tempos, e principalmente nos seculos XVII e XVIII, um delicto contrario ao do plagio — o de inculcar um escriptor a outrem (naturalmente mais celebre, mais glorioso...) o trabalho proprio. No terreno da literatura monastica isso foi muito frequente e até a Salomão houve frades que tiveram a modestia de attribuir as personalissimas elocubrações.

François Nodot praticou com habilidade um desses gracejos, resultando-lhe, do seu successo, não immerecido renome. Andava em 1664 muito em moda a leitura de fragmentos, recentemente descobertos, de Petronio, e o mais apreciado e extenso era relativo ao *Banquete de Trimalcão*. Lamentava-se, porém, que escriptos tão capitosos e estimulantes só se encontrassem truncados, cortando-se, de espaço a espaço, a emoção suave da leitura. Nodot lembrou-se, por philanthropia, de certo, mais do que por interesse, de sanar para os contemporaneos e os posteros esse inconveniente e assim publicou, em Rotterdam, em 1693, um *Satyricon* completo, segundo um pretenso manuscripto achado em Belgrado em 1668, manuscripto perfeito, preenchendo todas as lacunas dos anterio-



res. Não durou muito a impostura, mas o trabalho fôra tão genialmente accommodado ao original latino, ligando os varios fragmentos, que lhe ficou incorporado, distinguindo-se nas edições integraes do *Satyricon*, apenas pelos caracteres typographicos differentes, a contribuição intrometida de Nodot.

Esse phenomeno de renuncia, de espontanea delegação a outrem de direitos proprios, passou de moda. O que ficou, talvez menos intenso, mas ainda assim não tão raro como se julga, foi o caso directo, da extorsão, da venda como proprios de escravos alheios.

Antes de proseguir, vem a proposito excusarmo-nos com um trecho de Bayle, escripto ha quasi dois seculos, da impertinente estopada inflingida aos leitores da *Revista do Brasil*:

“Les interprètes de l'Ecriture disent que la perdrix dérobe les œufs des autres oiseaux et qu'elle les couve, mais que les petits qu'elle fait éclore ne la connaissent point pour mère et qu'ils la quittent et vont trouver l'oiseau qui avait perdu ses œufs. Voilà le sort ordinaire des écrivains plagiaires. Ils moissonnent ce qu'ils n'ont point semé, ils enlèvent les enfants d'autrui, ils se font une famille d'usurpation; mais ces enfants enlevés font comme les autres richesses mal acquises, **male parta male dilabuntur**; ils prennent des ailes et s'enfuient chez leur véritable père. Un auteur volé réclame son bien et, si la mort l'a empêché, un fils, un parent, un ami fait valoir ces droits.”

Acreditamos não serem hoje tão frequentes como outr'ora as façanhas de pirataria literaria, embora não tenhamos mais um Querard que monte guarda, vigilante e incorruptivel, á porta do templo onde se distribuiam os louros aos bons autores e as vergastadas moralisadoras aos intrujões. Tudo se faz ás pressas, e no turbilhão de livros arremessados pelos prélos ninguem tem vagares para descobrir as fraudes, perdendo-se a faculdade do paralelo e da critica no atordoamento febril de passar adiante e rasgar outras paginas onde quiçá, tambem, quantas cópias e imitações se insinuam, desfaçadamente, com a segurança cynica do triumpho!

Seria louvavel, por exemplo, como medida coercitiva, a instituição de uma policia internacional, ou pelo menos, a de um tribunal em cada paiz, perante o qual autores e editores respondessem, quando increpados de taes delictos. Não seria descabida, parece-nos, entre as attribuições conferidas á directoria da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, uma disposição nesse sentido. Além das penas comminadas pelo Codigo Civil, arts. 666, 669

e 670, perante os quaes autor, editor e vendedor de obras fraudulentas comparecem solidariamente, haveria no tribunal literario uma punição infamante para o autor culpado, ao qual jámais poderia soccorrer a excusa da boa fé e ignorancia como, possivelmente, ao editor.

Dirão que estamos a combater fantasmas, tão raros, tão insolitos, os casos perfeitos, caracteristicos do assalto aos bens literarios...

Não são, infelizmente, tão escassos assim. Agora mesmo poderiamos citar tres ou quatro exemplos recentes, documentando a saciedade a denuncia; preferimos, porém, restringir a observação a um caso unico, e esse porque é primoroso, typico, vindo, além de tudo, o livro abonado pela firma de uma casa editora perfeitamente idonea, tradicional no Brasil, a Casa Garnier.

Não o divulgamos, dizemol-o com sinceridade, pelo prurido de fazer um pequenino escandalo, e sim para esboçar o estudo curioso do complicado mecanismo do plagio, as ceremonias iniciaes, os disfarces, o gradativo atrevimento do prestimano, até a ostentação culminante, integrá, — como coisa propria, do trabalho alheio! São artimanhas, ora arditosas e inteligentes, ora grosseiras, saltos e cabriolas, negações e contorções, esgares de palhaço e attitudes commovidas e graves, como outras tantas mascaras meio diaphanas, véus transparentes, deixando accusar sempre as linhas da phisionomia conhecida...

Esse estudo é curiosissimo, quer psychologicamente, quer sob o aspecto trivial de um trabalho de *maquillage*, de revestimento de laca sobre velhos artefactos de marcenaria classica.

Nas obras propriamente de ficção não é frequente o decalque de paginas e paginas, copia servil das de outras. Esses prodigios de escamoteação foram sempre mais familiares aos escriptores didacticos ou aos impressionistas de viagens. Já Voltaire (que não era dos que pudessem atirar a primeira pedra...) increpava a Ramsay de haver, na sua obra *Voyages de Cyrus*, commettido desabusadas "escroqueries". "En conduisant Cyrus en Egypte il se sert, pour décrire ce pays singulier, des mêmes expressions employées par Bossuet: il le copie mot par mot sans le citer. Voilà un plagiat dans toutes les formes." (*Dictionnaire Philosophique*).

Na primeira cathogoria, a mais classica das ladroices é por seguro a de Molière contra Cyrano de Bergerac. Toda a gente conhece as referencias que, a esse incidente, apparecem na peça ge-



nial de Edmond Rostand. E' no commoventissimo acto V, scena VI:

CYRANO á Ragueneau

Qu'est-ce que tu deviens, maintenant, mon confrère?

RAGUENEAU, á travers ses larmes

Je suis moucheur de... de... chandelles chez Molière.

CYRANO

Molière?

RAGUENEAU

Mais je veux le quitter, dès demain;  
Oui, je suis indigné!... Hier, on jouait *Scapin*,  
Et j'ai vu qu'ils vous a pris une scène!

LE BRET

Entière!

RAGUENEAU

Oui, monsieur, le fameuse: "Que diable allait-il faire?"

LE BRET

Molière te l'a pris!

CYRANO

Chut! chut! Il a bien fait!

(A Ragueneau)

La scène, n'est-ce pas, produit beaucoup d'effet?

RAGUENEAU, sanglotant

Ah! Monsieur, on riait, on riait!

CYRANO

Oui, ma vie

Ce fut d'être celui qui souffre, — et qu'on oublie!

(A Roxane)

Vous souvient-il le soir ou Christian vous parla  
Sous le balcon? Eh bien! toute ma vie est lá:  
Pendant que je restais en bas, dans l'ombre noire,  
D'autres montaient cueillir le baiser de la gloire!  
C'est justice et j'approuve au seuil de mon tombeau.  
Molière a du genie et Christian était beau!

Foi nas *Fourberies de Scapin* que o escriptor cujo lemma se tornou afinal o cynico "Je prends mon bien où je le trouve" encaixou — não uma, porém duas scenas inteirinhas da peça de Bergerac *Le pédant joué*. Começa no dialogo entre Scapin (Carbinelli na peça de Cyrano) e Geronte (Granger, na outra) onde se repete a cada instante a celebre phrase:

— *Qu'allait-il faire dans cette galère?*

Phrase que na peça de Cyrano é "Que diable aller faire dans la galère d'un Tusc?", repetida também insistentemente e nos



mesmos logares. A scena seguinte continua escamoteada, *ipsis verbis*: entra a alegre Zerbinette e põe-se a contar a Geronte os estratagemas empregados para arrancar dinheiro e tudo é reproduzido, até os ha! ha! ha!, hi! hi! hi! do gargalhar da endiabrada pescoinha.

Os livros de viagem, porém, são os mais propicios para as incursões dos plagiarios. Ramsay defendeu-se da accusação de Voltaire dizendo que — se elle tinha visto os mesmos logares que Bossuet que havia de extraordinario em empregar para descrever os identicas palavras?

Será essa, naturalmente, a defesa do escriptor que vamos ligeiramente, e apenas como um *sujet* de ordem curiosissima, analysar, sem censural-o pelo seu delicto nem invocar sobre a sua cabeça as coleras dos que se escandalisam com os contrabandos literarios.

Edição Garnier, caprichosa, encadernação em “percaline”, com gravuras, com dedicatória, com a lista de outras obras do autor. Primeiras paginas em estylo arrevezado, cheio de phrases em francez, co marremessos de superioridade e desdém, muita enumeração de autores, desde Claude Bernard e Dantec até Verlaine, Baudelaire, Barrés e Anatole France. Vencido o tremedal, descortina-se uma paysagem mais amena que evoca reminiscencias vagas, muito esbatidas, esfumadas pelo tempo. Temos a impressão de coisas vistas, e vistas de melhor fórma, sob outra luz, como que em dias mais vivos, de mais sol, de mais saude, de mais alegria.

Não se precisam, entretanto, essas duvidas, como esses trechos de musica que a gente leva a ouvir, tempo immenso, reconhecendo-os, sentindo-os familiares e sem atinar a que ópera, a que opereta, a que compositor, pertençam. De repente, porém, sôa um trecho mais vivo, uma melodia mais incisiva, e o nosso espirito se esclarece...

Resvalavamos, exactamente, por um paragrapho, no capitulo segundo, relativo á ponte de Galata:

“Uma e outra margem são terra européa, mas pôde-se dizer que ella une a Europa á Asia, porque em Stambul só europela é a terra, emmoldurada por uma cõr e caracter asiatico. A Asia, propriamente dita é a margem opposta do Bosphoro, do outro lado de Galata. Para se lá chegar, a Scutari, por exemplo, bastam sete a oito minutos de gondola ou caik. Uma noticia de um acontecimento d'Europa circula facilmente por Pera e Galata; vive, intensifica-se, é commentada; mas só chega á outra margem, confusa e tenue como um echo longinquo; a fama dos

homens e das maiores coisas do Occidente embate na agua da Corne d'Or; encontra na ponte um baluarte insuperavel; passam por ella cem mil pessoas por dia, não passa em dez annos uma idéa."

Essas cem mil pessoas em um dia e nem uma idéa em dez annos — foram então os tremulos do violino a revelarem a ópera que estava sendo maltratada. Levantámo-nos, chegámos á estante, tomámos velha obra de carissimo escriptor italiano e a paginas 32 e 33 lemos isto:

"L'una e l'altra riva sono terra europea; ma si può dire che il ponte unisce l'Europa all'Asia, perche in Stambul non v'è d'europeo che la terra, ed hanno colori e carattere asiatico anche i pochi sobborghi christiani che le fanno corona. Il Corno d'Oro, che ha l'aspetto d'un fiume, separa, come un oceano, due mondi. Le notizie degli avvenimenti d'Europa, che circolano per Galata e per Pera, vive, chiare, minute, commentate, non giungono all'altra riva che monche e confuse, come un eco lontano; la fama degli uomini e delle cose piu' grandi dell'Occidente, s'arresta dinanzi a quella poc'acqua, come dinanzi a un baluardo insuperabile; e su quel ponte dove passano cento mila persone al giorno, non passa ogni dieci anni un'idea."

Notemos desde já os disfarces, as mutilações, os accessorios de transformismo barato. O delinquente traduz ao pé da letra cinco linhas e enxerta uma coisa sua, admiravel: "A Asia, propriamente dita é a margem opposta do Bosphoro, do outro lado de Galata." Essa elucidação é preciosa. E como informa que, para chegar-se até lá, bastam sete a oito minutos de gondola ou *caik*, se crê com direito a mais algumas linhas do paiz conquistado e investe!

O escriptor italiano escreve, na sua lingua, "Corno d'Oro"; o outro, como suppõe andar na Turquia e escrever portuguez, traduz "Corne d'Or"...

Não nos assalta arrepio algum de colera pela escamoteação praticada, mas sim pela deformação cruel desta linguagem encantadora, desse estylo leve e irisado, fluente, subtil e crystallino. O delinquente, como o ladrão que desfigura um rico bracelete, rompendo-lhe as incrustações, amassando-lhe os lavores, desengastando-lhe a pedraria, para tornal-o irreconhecível, atira-se, dahi por diante, com um furor selvagem, sobre as lapidares e maravilhosas paginas da sua victima.

E' toda a obra de Edmondo De Amicis — *Costantinopoli*, escorchada viva, arrancada em postas palpitantes, desarticulada e



mal recomposta, como um quadro de *puzzley* — onde os pedacinhos não se adaptaram em ordem.

O delinquente?

F. DE SERPA PIMENTEL, portuguez, livro datado de Paris, edição Garnier, recente. — *Harens e Eunucos* (“Aspectos da Turquia moderna”), eis o titulo do attentado á propriedade.

Serpa Pimentel é o nome respeitavel de um fallecido conselheiro, ministro e poeta, do reino lusitano. Era Antonio; este F. não é Antonio ao que parece; será Faustino, Florencio ou Feliciano; mas talvez filho de Antonio, caso o seu nome não seja tambem um plagio da paternidade.

Estava explicado o nosso procedimento ao devassar o garbulho do primeiro capitulo. Alli deparava-se-nos ainda a phase da imitação, contornando-se a maneira de narrar, esboçando-se de longe identicas impressões, as primeiras impressões de Constantinopla. Faustino pretendia, de certo, ater-se ao conselho de Riche-source, seu mestre: “*déguiser toutes sortes de discours de telle sorte qu’il devienne impossible á l’auteur lui même de reconnaitre son propre ouvrage.*”

Reparou, porém, que era trabalhoso o methodo, convenceuse de que, no Brasil e em Portugal, jámais aportariam as obras de Edmondo De Amicis, que seria absurdo imaginar alguém a ler italiano nesses dois paizes... e atirou-se então vorazmente ao livro inteiro, amarfanhando uma traducção grotesca, alternando capitulos, intervindo aqui e alli com alguma consideração tão idiota, tão alvar, que até penalisa. Para documentar, abramos ao acaso a obra da Casa Garnier e procuremos na de De Amicis os trechos profanados:

São duas correntes humanas inexauríveis que se cruzam sem cessar; é um espectáculo ao pé do qual empallidecem os dum mercado Indio ou Africano, ou duma feira em Odessa.

A multidão ondula; cada grupo de pessoas representa um grupo de povo.

Pode-se imaginar o mais extravagante chaos de typos, costumes,

Sono due correnti umane inesauribili, che s’incontrano e si confondono senza posa dal levar del sole al tramonto, presentando uno spettacolo del quale non sono certamente che una pallida immagine i mercati delle Indie, le fiere di Nidgi-Novgorod e le feste di Peking.

La folla passa a grandi ondate, ognuna delle quali offre mille colori ed ogni gruppo di persone rappresenta un gruppo di popoli.

S’immagini pure qualunche piu’ stravagante acozzo di tipi, di cos-



classes sociaes, nunca se terá uma ideia da fabulosa confusão que se vê alli num espaço de vinte metros e num giro de dez minutos.

Dominando um grupo de carregadores (*Hamals*) curvando sob o peso, passa lenta uma cadeirinha arrendada de madreperola e marfim, donde altiva uma senhora armenia olha desdenhosamente a gentilha...

tumi e di classi sociali; non si giungerá mai ad avere un'idea della favolosa confusione che si vede lá nello spazio di venti passi e nel giro di dieci minuti.

Dietro un frotta di facchini turchi, che passano correndo, curvi sotto pesi enormi, s'avanza una portantina intarsiata di madreperle e d'avorio, a cui fa capolino una signora armena...

Seria transcrever a obra toda continuar esse paralelo. O cap. III, pags. 17 a 26, é todo elle a contrafacção flagrante das pgs. 34 a 44 de *Costantinopoli*. Mas não pára ahi. Desfilam os seguintes, o terceiro, o quarto, o quinto, o livro inteiro, e vemos o batelão pesado e lodoso de Serpa Pimentel sempre rebocado pelo airoso, elegante, aristocratico *yatch* de De Amicis. E' o mesmo delicto de Ramsay contra Bossuet: "il le copie, mot par mot, sans le citer".

Nessa copia, porém, o que nos encanta são os remendos pacovianos, as observações quadrupedaes, misturando grãos de milho, e milho chôcho, carunchoso, aos jorros de perolas de De Amicis. Já vimos, nos topicos cotejados, em que consistem esses enxertos e alterações. A's vezes é o sentido que se deturpa, por obtusidade do delinquente: — continuando a sua soberba descripção do borbório humano, formigando no vae-vem da ponte de Galata, e como para definir o estado de arrebatamento e extase em que o espectáculo o deixara, De Amicis escreve:

"Tutto quæsto non si vede, s'intrevede. Prima che vi siate voltati indietro, vi trovate in mezzo a una brigata di Persiani col berretto piramidale d'astrakan..."

Incapaz de apprehender o sentido, assim desconjuntou o delinquente o primeiro periodo:

"Tudo o que se não vê, entrevê-se. Atravez de um grupo bizarro de Persas com a pyramidal barretina d'astrakan a cair-lhes pelas orelhas..."

Outras vezes esborrifa sobre a prosa de De Amicis algumas palavras com pretensões a côr local, como nos trechos seguintes:

... "uma zingara desgrenhada caminha andrajosa com o filho mettido num alforge a derrear-lhe a lombada; subito, no meio daquel-

... una zingara scapigliata, che porta un bambino in un sacco appeso alla schiena; un prete cattolico con bastone e breviario, men-



la horda de turcos, gregos, armenios ouve-se gritar **Destour, Destour** (Passagem) e lá surge um immenso eunuco a cavallo, batedor solerte e detestado duma antiga carruagem turca, sarapintada de flores e passarinhos, onde mulheres d'um harem, vestidas de violeta, de verde, velado o rosto pela musselina alyá, se apertam timidamente, receiosas, como gazellas...

tre in mezzo a una folla confusa di grechi, di turchi e d'armeni, s'avanza gridando: — Largo! — un grosso eunuco a cavallo, che precede una carrozza turca, dipinta a fiori e ad ucelli, con dentro le donne d'un arem, vestite di violetto e di verde, e ravvolte in grandi veli bianchi...

O “solerte eunuco” não trepida em ir assim vitriolando, paginas a fio, as feições encantadoras, vivazes, expressivas, do estylo de De Amicis. Mette-lhe verbos desastrados pelas suas orações ellipticas, engurgita-lhe com adjectivos palermas as phrases syntheticas, luminosas e massiças como crystaes...

E' delicioso cotejar, paragrapho por paragrapho, esse trabalho de raspagem charlatanesca, as deturpações, as excecencias pueris, os appendices apataratados. E ver-se-á como um livro inteiro se fórma de outro, parasitamente, como um enxerto absurdo, contradictorio, de laranja azeda e ordinaria, num tronco de laranja doce.

O delinquente portuguez atréla-se, como companheiro de viagem, a um tal Priester, austriaco com quem “trilhára o primeiro anno da Faculdade de Medicina de Pariz”; e como guia na sua peregrinação através da *Constantinopla* (... de De Amicis) adjudica-se um precioso Salomão, judeu italiano, cheio de malicia e gratidão”.

O cap. III começa assim:

“O nosso Salomão declarou-nos hoje, gravemente, que é um dever irmos ao bazar. Accrescentou até que para um temperamento d'artista essa visita é uma fonte de sensações deliciosas. Salomão é subtil na lição...”

Vemos, pois, que o sr. Serpa Pimentel se considera “temperamento d'artista” e decide-se a procurar no grande bazar as “sensações deliciosas”. A' decima linha já constatamos que o arguto Salomão o conduziu perversamente ás paginas (102 e segs.) de De Amicis, illudindo-o com singular espirito:

Primeiro topámos o Balik-Bazar, mercado de peixe, famoso no tempo dos Paleologos que monopolizavam os seus productos para alimentar a população da côrte.

Qui forse si vorrebbe fermare piu' d'un lettore goloso per dare un'ochietta al Balik-Basar, mercato di pesci, famoso fin dai tempi di quel vecchio Andronico Paleo-

Tempos peiores para o brutal absolutismo dos governantes vieram egualar as classes de compradores, e hoje o Balik-Bazar poderia offerecer ao autor do **Ventre de Paris** uma descripção imponente e appetitosa como as lautas mesas dos velhos quadros flamengos de Steen.

logo, il quale, come é noto, dal solo prodotto della pesca lungo le mura della città ricavava di che far fronte alle spese di tutta la sua corte.

La pesca infatti é ancora abundantissima a Costantinopoli, e il Balik-Basar, nei suoi bei giorni potrebbe offrire all'autore del **Ventre de Paris** il soggetto d'una descrizione pomposa e appetitosa come le grandi mense dei vecchi quadri olandesi.

Não julguem que a traducção clandestina cessou; prosegue, como já dissemos, pelo livro todo.

Observem-se, apenas nesse trecho, as pequenas variantes, algumas adoraveis... De Amicis informa precisamente que o Balik-Bazar era famoso desde o tempo do velho Andronico Paleologo e que este, com o producto das pescarias ao longo do cáes, fazia para as despesas da côrte. O sr. Serpa Pimentel rectifica, com superior autoridade: eram todos os Paleologos e esses com os seus productos (1), monopolisados, alimentavam a população da côrte...

E' talvez um caso pathologico, esse, do escriptor que se irroga a paternidade de uma obra inteira mediante remendos e alterações de tal jaez, tal qual os contrafactores de privilegios que chicanam com a mudança de um parafuso num aparelho ou de uma letra na patente ou marca de fabrica que aleivosamente ambicionam.

Tome o leitor os dois volumes e assista ao desfilar parallelo dos paragraphos, de um lado os esquadroes garbosos e luzidos da tropa italiana, de outro os vaqueiros maltrapilhos do sr. Serpa Pimentel, cambetas, cambaleantes, arrimados aos varapaus. Nem se quer um dialogo que De Amicis figura entre um vendedor e um visitante consegue escapar:

O dialogo trava-se em geral deste modo:

— Não compro nada — responde o viajante perseguido.

— Não tem duvida. Eu só lhe quero mostrar o bazar!!!

— Mas eu não preciso que m'o mostre.

— Mas eu o acompanho gratis!!!

— Não quero ser acompanhado gratis.

Allora segue quasi sempre un dialogo come questo:

— Non compro nulla, rispondete.

— Che importa, signore? Io non voglio che farle vedere il basar.

— Non voglio vedere il basar.

— Ma io l'accompagno gratis.

— Non voglio essere accompagnato gratis.

— Ebbene, non l'accompagneró che fino in fondo alla strada, per

— Bem; então só irei até ao fundo do tunnel para lhe dar qualquer informação que lhe será util quando vier para comprar!!!

darle qualche informazione che le sarà utile un'altro giorno, quando verrà per comprare.

Como se vê, a imaginação “d’artista” do sr. Serpa é tão rica que contribue para o novo dialogo com uma quantidade enorme de pontos de exclamação, aos tres e aos quatro de cada vez. E’ um estratagemas genial, subtil, que torna irreconhecivel o original italiano. Verdadeiro anel de Giges.

Ha mais coisas adoraveis nessa illicita transplantação. Em certo ponto, por exemplo, tratando de vestuarios e tecidos, escreve De Amicis:

“... e in mezzo a tutti questi tesori, le stoffe prosaiche di Francia e d’Inghilterra, dai colori sinistri, che ci fanno la figura della nota d’un sarto in mezzo alle pagine d’un poema.”

O sr. Serpa Pimentel, numa flatulencia de patriotismo, á co-nego Dias do *Padre Amaro*, sublevou o ambiente, satisfeito:

“Empallidecem ao lado estofos de França e Inglaterra, sinistros na cor, contrastando como a conta de mercieiro e uma estancia dos *Luziadas*.”

São bellissimos os conceitos de De Amicis relativamente aos cães, borbulhando a sua delicada fantasia em imagens formosas, de commiseração e sympathia pelos erradios reprobos. São tocantes as suas lamentações quanto á sorte dos eunucos, erguendo um brado de piedade humana em prol desses mutilados. De tudo se vae apossando sem cerimonia o escriptor portuguez, despedaçando aqui e acolá preciosidades de estylo para metter no seu alforço de contrabandista.

O sr. Serpa Pimentel via, porém, que a obra de De Amicis tem 575 paginas e sua ex. se contentava com uma de trezentas. A certa altura estava farto, poz-se a petiscar aqui e alli, como um glutão em fim de banquete. Até a pag. 124 vem o seu vagão de cargas engatado á locomotiva deamiciana. Dahi em diante, faz manobras... As pags. 125 e seguintes correspondem a 320 e segs. de De Amicis; as 128 e segs. a 348 e segs.; as 132 e segs. a 306 e segs. e assim alternativamente, aos avanços e aos recuos, propinando-nos em uma prosa chilra, andrajosa e lastimavel, o que De Amicis vasara no seu estylo fulgido, chispante, movediço, como as escamas de um peixe luminoso.



Richesource foi, em 1650, professor de plágio. As suas recomendações principaes eram estas: “dispôr todas as partes da obra escolhida em uma nova ordem; substituir as palavras e as phrases por palavras e phrases correspondentes. Um orador disse, por exemplo, que o embaixador deve possuir *probidade, capacidade e coragem*; o plagiario diria, mudando a ordem dos termos: *coragem, capacidade e probidade*. Isso, porém, não basta, seria preciso substituir expressões por outras correspondentes. Assim, a *probidade* se substituiria *sinceridade* ou *virtude*; em logar de *coragem* dir-se-ia *força de animo, constancia* ou *vigor de character*.”

A escola de Richesource era muito frequentada e nas suas provas finaes naturalmente o nosso Flausino, Fructuoso ou Fabiano de Serpa Pimentel (a quem a Casa Garnier deve pedir contas urgentes), traductor confesso de Heine, de Catulo, de Tibulo e Propercio, e não confesso de De Amicis, autor de outro livro de viagens *Através da Europa* (que não conhecemos, mas será de certo irmão legitimo dos *Eunucos*) obteria condigna collocação.

São Paulo, Abril, 1916.

VEIGA MIRANDA



---

## LEONOR TELLES<sup>(1)</sup>

---

Leonor Telles é uma das grandes condemnadas da Historia. Os historiadores movem-lhe a mesma guerra atroz que lhe movera, durante toda a vida, a arraia-meuda de Lisboa. O éco das invectivas com que a plebe do seu tempo a flagellou ainda resoa na voz dos chronistas de hoje e o calor do odio que a aprisionou, em vida, num carcere de imprecações, ainda lateja na penna dos historiadores de agora. A nuvem de infamias que a deflagração das paixões populares lhe projectou sobre a figura, deflmando-a, não se dissipou. Os modernos areopagitas da Historia olham-na ainda com o mesmo olhar torvo com que a olhava a populaça lisboeta.

Herculano, duro e implacavel, esculpe-a em traços de fogo como uma criatura infernal e, na turbação da sua colera sagrada, atira-lhe, insultuosamente, com o epitheto de Lucrecia Borgia portugueza. Oliveira Martins, menos truculento, mas tão descaravel, dá-lhe o perfil inquietador de uma cortezan fria, impudica e sanguinaria com ambições reaes e põe-lhe, com intenção manifesta de ultrajal-a, o appellido de nova Cleopatra.

A paixão rebenta desses juizos e ha, nessas denominações, um erro patente. Nem Lucrecia, nem Cleopatra.

Lucrecia Borgia, linda estatua de carne que o brilho de uma intelligencia viva banhava de luz, era uma pobre mulher sem vontade. O pae e o irmão, emquanto existiram, maneжaram-na como um brinco de criança. O sinistro scenario de tragedia em que ella apparece na historia outros é que lh'o traçaram. Empurraram-na para elle e alguns poetas, Victor Hugo á frente, chamaram a si a tarefa, pouco cavalheiresca, de lhe fechar as sahidias...

---

(1) — Antero de Figueiredo, "Leonor Telles", Livrarias Aillaud e Bertrand, 1916.



Lucrecia é a victima inerme de tres calamidades: o pae, o irmão e o Romantismo.

Nos crimes hediondos que lhe pesam na memoria, empastando-a de lodo, ella teve apenas a parte subalterna—de mero instrumento. Diante do pae e do irmão, que eram dois miseraveis perfeitos, falleciam-lhe todas as forças. Amante de ambos, espectadora do assassinio de um dos seus maridos, commettido ás vistas e sob a direcção do irmão, testemunha permanente das maiores ignominias que já se perpetraram impunemente á face da terra, a desventurada acabou por perder o senso moral. Faltou-lhe, nos lances capitaes da vida, aquella energia dominadora que põe fulgurações divinas no olhar e firma no pulso tremulo a arma vingadora.

Entre o incesto e o parricidio ella não teve, como Beatriz Cenci, a coragem varonil de escolher o parricidio. A sua natureza molle e desfibrada arrastou-a para o crime em que era menor a acção de sua vontade...

Tirassem-lhe do caminho o pae e o irmão, subtrahissem-na á influencia diabolica de um e de outro, e ella teria atravessado a vida, como veiu a terminal-a, amando profundamente os maridos e espalhando, nos salões de seu palacio, entre os mais finos intellectuaes da época, as graças de um espirito culto e o perfume de uma belleza encantadora. Sem o pae e o irmão, ninguem se espartaria, hoje, quando lesse aquelles versos que Ariosto, um dos mais assiduos frequentadores de sua casa, lhe dedicou no *Orlando*:

Lucrecia Borgia, di cui d'ora in ora  
La beltá, la virtú, la fama onesta  
E la fortuna crescerá nomeno  
Che giovin pianta in morbido terreno.

Flor rubra de uma corte tenebrosa, ella carrega uma maldição que não merece. Se aos olhos da posteridade affigura-se um diadema de viboras a cabelleira que lhe emmoldura a tez é porque a posteridade, nem sempre, costuma baixar, através a apparencia enganadora dos factos, até o poço em cujo fundo a Verdade dorme sepultada.

Leonor Telles, mesmo na imaginação de Herculano, era uma mulher radicalmente diversa. O traço dominante do seu character foi a vontade e a vontade, mola real de todas as grandezas, foi que lhe talhou a personalidade singular que vive, com cambiantes de luz e de sombra, nas paginas da historia.



Leonor é bem uma flor de altura; Lucrecia é apenas uma flor de salão. Leonor é uma energia que attrahe, concentra e desencadeia outras energias. Lucrecia é um simples vehiculo de energias alheias e, em vez de lhes imprimir, quando as carrega, um vigor novo, amortece o que originariamente já trazem. Leonor é da raça dos que conduzem, Lucrecia é do rebanho dos que acompanham.

Entre Leonor e Cleopatra, flagrante é igualmente o contraste. Cleopatra foi exclusivamente uma cortezan que nasceu rainha; Leonor, nascida fóra do throno, quiz ser e foi, antes de tudo, uma rainha, sem nunca ter sido uma cortezan propriamente dita. O destino equivocou-se com ambas, trocando-lhes os berços.

Accusa-se Leonor, na verdade, de solta nas palavras e des-temperada nos costumes, e lança-se-lhe em rosto, como um crime nefando, o adulterio com o Andeiro.

A licença nas palavras e o desconcerto nos costumes não provam por si sós grande coisa. Explicam-se, aliás, facilmente na côrte de um príncipe mulhengo e frouxo, como foi d. Fernando, o qual nem a propria irman sabia resguardar das suas cobiças amorosas, e admittia, nas conversas dos fidalgos em sua presença e comsigo proprio, as expressões mais cruas, os termos mais obscenos, como nol-o attesta a scena edificante que Fernão Lopes descreve a proposito do contrato de esponsaes entre o rei portuguez e a princezinha hespanhola, d. Leonor...

Não é provavel, por outro lado, que Leonor Telles tivesse recebido uma educação esmerada que tornasse imperdoaveis os seus desvios de linguagem. Não teve, certamente, a educação finissima que teve Cleopatra. Mas Cleopatra, se soube nas falas e nas maneiras, poupar os melindres de Cesar, a cuja natureza artistica repugnava a grosseria na linguagem e nos modos, mostrou com Antonio que a sua indole era o de uma zabaneira vulgar, sem peias na lingua nem hesitações na conducta...

Antonio, violento e robusto como um lutador, typo esplendido de exuberancia animal, masculo e tempestuoso, adorava o palavrão; o seu estylo habitual exigia ouvidos rudes e resistentes como a sua mesa ordinaria reclamava estomagos de uma capacidade excepcional. Cleopatra, percebendo-o, deitou á margem os primores de sua educação e entrou logo a disputar-lhe a palma na escolha e no uso dos termos mais reles e mais crespos... Daquelles labios por onde escorria o mel de uma voz de infinita doçura



começou, desde então, para maior goso do senhor abrutalhado, a desprender-se, em chammas vivas, o fogo de todas as impurezas e a partir, ateando um incendio em cada pupila, a revoada das estrophes lascivas...

A côrte transmudou-se num prostibulo. Não havia capricho do romano que a egypcia não satisfizesse, não havia fantasia da egypcia que o romano não realizasse. Ora, eram funções publicas em que personagens consulares, nu's, o corpo pintado, uma cauda de peixe a cingir-lhes os rins, saltavam no meio da assembléa que se estorcía de riso, ensaiando os passos de uma dança ridicula... Ora, era uma partida escandalosa em plena rua em que os dois amantes, verdadeiro casa le *apaches* reaes, saiam quando vinha a noite, disfarçados em trajos populares, a correr as tavernas e lupanares, provocando conflictos, distribuindo e recolhendo pancadas, na ruidosa explosão de uma alegria canalha.

Nada ha, na vida da rainha portugueza, que com isto se pareça.

Leonor, muito menos educada, mantinha, entretanto, uma linha natural de dignidade que a impedia de cahir em desregramentos dessa ordem. Os unicos desvios certos de conducta que os historiadores lhe assignalam são os do seu adulterio com o Andeiro. Esses, porém, justificam-se pela paixão tremenda que o Andeiro lhe inspirou. O Andeiro foi o grande, o unico, o desatinado amor da sua vida e, por esse amor, ella sacrificou tudo.

Cleopatra não se degradava por amor; degradava-se por prazer. Seus nervos e seus musculos imploravam uma orgia perpetua. Concubina de quanto potentado a quiz e amante transitoria de varios individuos relativamente obscuros, nem sempre o amor ou a ambição foram o motivo determinante das suas quédas. Dominada pelos sentidos e muito culta, ella tinha, como todas as grandes bargans, os seus caprichos e as suas curiosidades. De Antonio, que era um brutal, gostava, talvez, de repousar em Dello, que era um delicado, "o mais amavel dos homens corrompidos do seu tempo..." Se, de facto, amou Antonio, como parece, amou-o como as prostitutas amam — sem nenhuma ou com muito pouca elevação moral. Amou-o physicamente. O seu amor, como o das rameiras modestas, foi uma mescla perigosa de perfidias e abandonos, de submissão e traições, de seducção e fantasias; foi uma embriaguez pesada e não um sonho azul; foi um veneno que abate e não um cordial que reanima. Felina, colleante, o segredo da sua fascinação estava menos na sua belleza, que não era das mais no-



taveis, que não se podia medir com a da propria mulher de Antonio, Octavia, a desgraçada irman de Octavio, do que nessa coisa vaga, imperceptivel e magnetisadora chamada a belleza do diabo que se desprende de certas mulheres e que envolve os homens como a teia de aranha envolve e retêm o insecto que a toca — para a vida e para a morte.

A sua convivencia com Antonio, uma alternativa constante de violencias inauditas e de expansões desenfreadas, onde o murro succede ao beijo e o beijo ao murro, onde a invectiva insultosa reponta do delirio amoroso e a disputa morre numa onda de luxuria, retrata com exactidão a existencia quotidiana de qual quer hetaria de nossos dias e de todos os tempos e arrea-a do pedestal onde a puzeram os poetas da historia. Cleopatra é apenas uma meretriz de sangue real que a loucura erotica de um romano poderoso precipitou na Historia.

Intelligente e illustrada, não pôde sequer, embora rainha, guardar na imaginação dos posteros essa attitude de soberana distincção que guarda, por exemplo, uma outra irregular, Aspasia, que nunca foi rainha.

Nunca, ou raro, ella soube vencer as solicitações inferiores dos seus appetites e nem sempre teve o sentimento da propria dignidade e da dignidade do throno que occupava. Poucas vezes procedeu como uma rainha deve proceder. Ora, é precisamente o contrario que acontece com Leonor Telles. Leonor, mais bella e menos culta que ella, foi, sobretudo, uma rainha. Não teve uma vida exemplar que se possa apontar como modelo ás donzelas casadoiras, mas tambem não resvalou ao pantanal em que a outra se retouçou.

Só se lhe descobre na vida, depois que subiu ao throno, uma falta séria aos seus deveres de soberana e de esposa, mas essa falta, como já observamos, pôde ser explicada ou attenuada pela paixão, profunda e indomavel, que lhe deu origem. Além do Andeiro não se nomea qualquer outro amante de Leonor e com o proprio Andeiro ella nunca se entregou ás scenas a que Cleopatra se entregava com Antonio. Amou-o desvairadamente; esse amor levou-a a commetter mais de uma imprudencia. Nunca fel-a, porém esquecer-se de que era rainha.

Não seria com Leonor que Cesar faria o que fez com Cleopatra. Leonor não se prestaria, como Cleopatra se prestou, a descer as escadas do throno, abandonar o seu reino e ir para Ro-



ma viver á custa de Cesar, em casa montada por este, como a primeira michela pescada na sargeta das ruas... Cleopatra, vendo o amante derrotado por Octavio, tenta ainda trail-o com o vencedor. Leonor, assassinado o Andeiro, repelle, num lindo movimento de dignidade feminina, a proposta de casamento que o mestre de Aviz lhe manda, e afasta de si, altivamente, o braço, ensopado no sangue do amante, que se lhe offerece para suster o throno em perigo...

Ha, entre ambas, separando-as, um abysmo psychologico. Cleopatra é apenas um temperamento; Leonor é uma vontade.

Leonor é uma alma rija de conquistador que se encarnou, por engano, num corpo fragil de mulher.

\* \* \*

Admira que um espirito atilado e um artista vibratil, como é o sr. Antero Figueiredo, não procurasse, no bello volume que lhe consagrou, estudar a rainha portugueza a uma nova luz e, senão desfazer, ao menos mitigar a severidade da condemnação que sobre ella lançaram todos os historiadores anteriores. Ao contrario, o seu livro, primorosamente escripto, brando de forma é, no fundo, um tremendo libello contra ella.

Explica-se afinal. O sr. Antero Figueiredo, como os seus predecessores, acceita sem discussão tudo o que diz Fernão Lopes na *Chronica* de *D. Fernando* e na *Chronica* de *d. João I.*

Nisto, porém, é que, segundo parece, não andaram todos com a devida cautella. Sobre o que se refere a d. Leonor, Fernão Lopes é o que, em direito processual, se chama uma testemunha defeituosa. Intimo e dependente do mestre de Aviz, o velho chronista, vivendo como viveu, entre os maiores inimigos da rainha, tem todas as suspeições para falar de Leonor Telles. A sua parcialidade, que em principio não podia ser repellida pelos historiadores, revela-se, aliás, em mais de um passo da sua *Chronica*: Não ha uma vez que elogie a rainha que não accrescente logo uma observação que destróe o elogio.

A mais elementar precaução aconselha que, para não se esporem desde logo as suas prevenções e não se commetterem injustiças, se apartem, na *Chronica*, o facto do commentario, o que realmente aconteceu da opinião que a respeito o escriptor manifesta.

Ora, de uma leitura de Fernão Lopes, feita com todos os cuidados, a impressão que se colhe não é exactamente a que o sr. Antero Figueiredo, com superior talento, communica no seu livro, que é tanto uma obra de arte, como um trabalho de Historia.

Para o distincto escriptor a ambição de se fazer rainha desabrochava no espirito de Leonor muito antes della ir á côrte e de conhecer o rei. A idéa perseguia-a como um sonho obstinado no seu solar de Pombeiro e era um dos seus refugios contra a monotonia da vida que o marido, João Lourenço da Cunha, lhe proporcionava.

Quer-nos parecer que a fantasia do romancista tomou aqui o passo ao criterio do historiador. A ambição de ser rainha, pelo que se percebe de Fernão Lopes, só muito mais tarde acordou no espirito de Leonor. Talvez nem fosse nella uma idéa espontanea. Razões de sobra existem para fazer acreditar que a idéa lhe foi suggerida por alguém da familia, por seu tio, d. João Affonso Tello.

Como se sabe, d. Fernando não se enamorou perdidamente de Leonor logo da primeira vez que a viu. O amor explodiu mais tarde. Não é provavel, porém, que da primeira vez que a encontrou, a loira sobrinha de d. Affonso Tello não lhe tivesse causado a mais ligeira impressão. Para um rei da sua compleição amorosa, doído por mulheres, sempre a cortejar damas, não podia passar despercebida uma rapariga que Fernão Lopes descreve assim: "era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo; havia loução e gracioso gesto, e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma por então era a ella similhavel em bem parecer e dulcidão de fala."

E' provavel, é quasi certo, que a figura de Leonor lhe ficasse gravada no espirito e Affonso Tello, que era o *mór privado d'el rei*, não custou a adivinhar o que se passava no intimo do amo e, como esperto cortezão que era, gisou logo o plano de fazer aquella inclinação indecisa tomar vulto e servir ás suas ambições.

Esta hypothese é plenamente corroborada pelas atoardas que correram na época e que foram recclhidas nas chronicas do tempo. Dizia-se, por exemplo, que o casamento de d. Fernando com d. Leonor d'Aragão não se realisou por artes do embaixador a quem d. Fernando commetteu a tarefa de o negociar. Esse em-



baixador era d. João Affonso Tello. Elle fez fracassar as negociações — accrescentava-se expressamente — “por casar el-rei depois com sua sobrinha”. Ora, quando occorreu este episodio e estas coisas se repetiam, d. Fernando ainda não estava apaixonado por Leonor Telles nem esta tivera com elle qualquer namoro, como se vê deste lanço de Fernão Lopes:

“Nem el-rei d. Fernando nesta sezão, nem depois ainda por tempo, não tinha sentido de d. Leonor Telles, de que depois se namorou, nem lhe vinha por cuidado nem penso o que depois se seguiu.”

O casamento de Leonor com o rei desenha-se-nos antes como o desfecho de um habil plano de familia, imaginado por Affonso Tello e concertado com as duas sobrinhas, a propria Leonor e Maria, do que o resultado de uma deliberação individual de Leonor e o triumpho supremo da sua arte de seduzir.

Assentado o plano, Leonor foi trazida novamente á corte e seguiu-se, então, o mais que se sabe. O casamento de Leonor com Lourenço da Cunha demonstra, por sua vez, que a idéa do enlace real só nasceu, nella ou no tio, depois do primeiro encontro com d. Fernando. Se tivesse nascido antes, esse casamento não se realisaria. Era elle, exactamente, a unica objecção que parte da fidalguia e a plebe levantaram contra os desejos do rei e o motivo da repulsa com que o povo de Lisboa acolheu a noticia do consorcio real.

Tambem não nos parece fundada a accusação de perversa que o sr. Antero Figueiredo, como os demais historiadores, atira contra a rainha. Ella praticou realmente alguns delictos crueis mas não estamos convencidos de que os tivesse praticado por simples espirito de maldade. Praticou-os visivelmente por necessidade de defesa. A sua indole inclinava-a antes para a brandura do que para a violencia. “Era muito grada e liberal, noticia Fernão Lopes, a quaesquer que lhe pediam, em tanto que nunca a ella chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que d’ante ella partisse com van esperanza. Era de muita esmola e muito caridosa a todos”.

A vingança que tomou do povo de Lisboa não foi tão sanguinolenta e tão completa como seria se as offensas que ella recebeu fossem ferir um peito absolutamente inacessivel á piedade. Foram justigados alguns culpados, é exacto, mas outros foram perdoados. “E a muitos que andavam fugidos por esta razão,



perdoou el-rei depois, e não houveram pena." Os acontecimentos e os homens é que a fizeram má.

O unico traço vivo de perversidade da sua parte, é a machinação que armou para levar o infante d. João ao assassinio de Maria Telles.

Mas esse mesmo, uma obra prima de macchiavelismo, é um crime exclusivamente politico: o desaparecimento de Maria Telles era-lhe tão necessario como mais tarde o do Andeiro foi para o mestre de Aviz. Lembremos tambem que ainda eram vivos e formavam na opposição contra Leonor alguns daqueles honrados fidalgos que, por mando de d. Affonso, deram cabo da innocente Ignez de Castro... A época é que produzia frutos deste sabor.

Não ha duvida que Leonor foi uma grande ambiciosa. E', porém falsear-lhe a physionomia, pintal-a apenas como uma ambiciosa secundaria, despida de magestade e de brilho. Havia nella o estofado de uma rainha notavel. O que lhe faltou foi um companheiro á altura da sua energia e uma corte onde houvesse um senso mais esclarecido dos deveres da fidalguia.

O erro maximo do governo de d. Fernando foi a politica que elle adoptou em relação a Castella e Aragão. Esse erro, que muitos querem attribuir a Leonor, é anterior ao dominio della. Os desastres militares de d. Fernando, que tambem lhe querem imputar, são culpas exclusivas do rei e dos seus fidalgos. A propria invasão do reino, apoz a morte de d. Fernando, que á primeira vista parece cair-lhe sobre os hombros, é uma consequencia natural de todos os erros accumulados antes, nos quaes se uma parte lhe cabe não é todavia a maior nem a mais importante...

A infelicidade maxima de Leonor foi a sua paixão para com o Andeiro. Não fosse isso e talvez nem ella perderia o throno nem a posteridade teria della a opinião que tem. Mas a paixão é uma fraqueza profundamente humana, e essa fraqueza, no caso de uma ambiciosa como Leonor, devia grangear-lhe a piedade dos historiadores. Ella mostra que Leonor não era a mulher fria, indifferente, calculista e cynica que a ambiciosa, pura e exclusivamente ambiciosa, tem obrigação de ser.

Não se comprehende que só haja louvores para um rei feliz, como d. João I, que galgou o throno pela porta de um crime covarde e para uma mulher superior que a fatalidade das situações baixou até o crime, só se encontrem vituperios.



A justiça da historia, se é isso, é uma farça como toda a justiça humana. As mesmas pennas que enramam de flores a figura do mestre e cobrem de baldões a memoria de Leonor, deviam accentuar que o primeiro teve a espada de Nuno Alvares para lhe ganhar as victorias e a cabeça de João das Regras para lhe orientar a administração e que a segunda, além de não ter tido ao seu lado um só espirito clarividente e uma só energia efficaz, lutou, sósinha, contra a má vontade de um povo explorado na sua boa fé, a perfidia de uma nobreza desmoralisada e a fraqueza de um marido sem vontade.

Condemne-se Leonor, mas, então, não se absolvam os outros. Contra esse desequilibrio nos pesos da justiça e essa divergencia nas suas medidas, a historia imparcial tem o dever ineluctavel de se erguer.

Pena é que o sr. Antero de Figueiredo não quizesse emprestar a essa obra de equidade historica os fulgores do seu estylo encantador e preferisse cobrir com elles, dando-lhe feições brilhantes, uma tradição que, se não é redondamente falsa, é, sem duvida, exagerada. Mas não nos excedamos na lamentação... O livro do illustre escriptor, tal qual saiu, é delicioso. O drama que nelle se evoca é tecido com os fios de ouro de uma arte literaria consumada e conserva alguma coisa da belleza dominadora da grande mulher que lhe deu o nome...

PLINIO BARRETO.



---

---

# FACTOS E IDEAS

---

## A TERRA PAULISTA E AS SUAS GRANDES LEGENDAS

S. Paulo póde desvanecer-se de ser a terra onde se passaram os grandes successos mais característicos da nossa vida de povo. Dir-se-ia que o destino teve com a terra paulista o capricho de reservar-lhe essa fortuna de ser na America portugueza o theatro em que se haviam de representar as scenas mais significativas do nosso drama nacional.

Desde a primeira expedição colonisadora, parece que recebera aquelle solo com tanto carinho o espirito da raça, que nunca mais deixou de estar alli, palpitante e forte, o coração da nacionalidade. Essa impressão sente-se muito viva, e em crescendo até nossos dias, ao estudarem-se os annaes que alli se escreveram, e que são, por assim dizer, o centro de toda a nossa historia.

\*

Em seguida á entrada daquelles primeiros heróes, que em 1532 fundaram o dominio, apparecem os missionarios que vinham crear a existencia moral. Alli fizeram a sua obra mais bella os padres da Companhia; e em parte alguma do Brasil tem, como alli, qualquer coisa de augusto o incendimento daquellas gloriosas figuras ao deparar-se-lhes, “como uma antevisão do paraizo”, a nova terra “e as searas”...

E' com effeito admiravel “aquella indefectivel grandeza moral com que uns quantos homens, em certo momento de afflicções para a consciencia do mundo, tomam a si, com tanta paixão, a causa mais alta, mais legitimamente humana da



historia moderna do occidente. E o que mais nos espanta hoje, tratando-se daquelles tempos, não é propriamente a dedicação sem limites do jesuita ao encontrar-se com as miserias da familia indigena: o que mais nos espanta é ver como se igualavam e se uniam aquelles homens, com tal espontaneidade de coração, com espirito sempre tão integro e tão perfeito — que se diria serem todos uma unica alma e a mesma indole. Como se explica, adstricto ás leis communs que regem a psychologia humana — como se explica então que entre aquelles homens não houvesse uma falha, um desmentido siquer á fé que juravam? A que prodigios de soccorro, de assistencia divina, deveriam elles aquella uniformidade absoluta de espirito com que *todos* entendiam a missão da Ordem, como se todos fossem um só e mesmo entendimento? Póde-se calcular em mais de cem os padres que trabalharam no Brasil durante aquelles cincoenta annos do primeiro seculo; e entre elles havia portuguezes, italianos, hespanhoes, flamengos, inglezes... Pois bem: não se sabe que tenha havido entre esses homens uma defecção, o mais leve attrito, nem um só que deslizesse, que volvesse do seu caminho, ou que cahisse!

De sorte que o primeiro impulso que se sente ao tratar de taes creaturas é o de dizer de todos elles abstractamente, pois que não ha muito que dizer de um que não esteja um pouco em todos. Haveria, porventura, entre os Jesuitas que serviram no Brasil, quem excedesse, por exemplo, á incomparavel fortaleza de animo, e á lucidez maravilhosa de um Navarro? — ao espirito de obediencia de um Salvador Rodrigues ou de um Leonardo Nunes? — á modestia de um Antonio Pires? — á serenidade de um Manuel de Paiva? — á contricção de um Affonso Braz ou de um Vicente Rodrigues? — ao fervor de renascido, á eloquencia de transfigurado de um Pedro Corrêa? — á coragem apostolica de um Luiz Figueira ou de um Francisco Pinto? Haveria, em summa, quem excedesse á visão calma e perfeita da causa sagrada, ao espirito evangelico, á humildade do mais obscuro dos noviços? Ahi está sem duvida a razão por que todos os chronistas e historiadores da Companhia têm a mesma palavra para cada um daquelles homens: podiam ser varias as obras, mas os obreiros eram sempre da mesma estofa; e cada um delles — mesmo os que se fizeram maiores pelos feitos — julgava-se abaixo de todos os irmãos.



Basta vêr que todos elles escreveram, mas nunca de si proprios. Quem fosse julgar Anchieta pelo que este escreveu persuadir-se-ia de que elle foi o mais insignificante de todos os que por aqui andaram. Nobrega attribue aos seus noviços tudo o que fez”.

Em que tempo se viu na historia homens tão devotados a uma causa?

\*

Mas em S. Paulo está a obra mais edificante daquelle novo heroismo. Como já dissemos algures, é ahi que os jesuitas comprehendem melhor que a sorte da catechese, ou um ataque directo e decisivo á barbarie, não seria efficaç si não separando o indio do colono. Fazel-o inteiramente (como depois conseguiram os jesuitas que entraram pelo Prata) não se lhes permittiu aqui, nem estava mesmo nos interesses da civilisação que se ia installar. Submitteram-se, portanto, os padres áquella posição das circumstancias: foram creando *casas e seminarios* onde se instruissem e educassem creanças indigenas em common com os filhos dos colonos; e ao mesmo tempo foram formando, em pontos não muito isolados no sertão, nucleos de adultos ou *reducções*, onde a catechese se fizesse pela predica, pelo exemplo e pelas pompas do culto.

Estes nucleos de neophytos assim ordenados teriam a vantagem de ficar fóra, tanto das povoações portuguezas como das aldeias dos indios. Deste modo é certo que não se evitava contacto das duas populações, nem isso conviria; mas ao menos dava-se ao indio um meio novo que lhe devia ser menos estranho que a villa. Cada uma de taes *reducções* em regra tornou-se uma villa, e foi um como nexo entre o sertão e a cidade, um meio seguro e pratico de fazer-se muito suavemente a transição da vida da *taba* para a vida urbana.

Entre todos os que se fundaram, o arraial mais famoso, e, sob o ponto de vista da acção do jesuita nesta parte do continente, o mais importante, foi o que se constituiu no planalto de Piratininga.

Se um dia se quizer projectar num grande symbolo toda a historia de S. Paulo, bastará que se represente num quadro, ou numa estatua, a figura de Paiva ou de Anchieta, prendendo com uma das mãos um indio, e com a outra plantando uma cruz no alto de uma collina.



\*

Um outro lance admiravel, entre os muitos que enchem a historia daquelles dias, é o da trasladação dos indios já conversos, das aldeias de Santo André para a eminencia onde se ia erigir o collegio, “entre o rio Tamanduatehy e o ribeiro Anhangabahú”. Não desejando que a nova installação se fizesse em nenhuma das aldeias da Borda do Campo, preferiram os padres escolher uma paragem nova, onde tudo se formasse segundo o plano que haviam traçado. Escolhido o logar, “no planalto onde está hoje o centro da cidade”, para ahi tiveram de mudar-se muitas familias já submissas aos padres. Entre os chefes que se trasladaram estavam Tibiriçá e aquelle de quem diz o padre Nobrega no seu *Dialogo* — “o grão velho Saioby, que deixou sua aldeia e suas roças, e se veio morrer de fome em Piratininga por amor de nós, cuja vida e costumes e obediencia mostram bem a fé do seu coração”. Que haverá de mais commovente, e de mais expressivo como testemunho da alma do barbaro que aqui encontramos, do que a figura daquelle velho ao despedir-se para sempre das pobres tendas dos avós, onde vivera cem annos, para seguir outros homens e adorar outros deuses?...

\*

Em pouco mais de seculo e meio, o collegio transformara-se em cidade. Isso, no emtanto, valia muito menos do que uma outra transformação que se havia operado. Estava ali creada a nova alma da terra, consustanciando o vigor das duas raças alliadas, e fazendo-se assim capaz de assumir a direcção da corrente que se installára neste lado da America. Esturdia e agitada, a nova alma toma decisivamente o seu papel, e escreve na historia do Novo Mundo a pagina mais brilhante, ampliando a conquista até os Andes. A epopéa dos *bandeirantes*, pela natureza excepcional dos seus episodios, e pelo seu alcance historico, é de tal importancia que seria só por si bastante para renovar o sentimento nacional, se este viesse por acaso a esmorecer nalguma phase imprevista.

\*



Logo depois, como obra da investida para os sertões, vem o periodo da riqueza, pelo trabalho das minas. A opulencia gerou o orgulho: este e o amor da patria explodiram em 1822, sendo admiravel que alli mesmo na terra paulista é que se fosse erguer o grito do Ipiranga, como si a historia timbrasse em confirmar assim um predicamento que tres seculos de coragem vinham fazendo.

Tudo isso é bello, e é preciso avivar continuamente na memoria das gerações.

Mas, quando, daqui a seis annos, em 1922, tivermos de celebrar o centenario da independencia, é para um ponto da costa, hoje quasi perdido, que hão de convergir todos os olhares: para aquelle pedaço de terra, sagrado pela cerimonia inicial da nossa historia. E' ali, na praia de Tararé (na antiga bahia de Tumiarú) que desembarcam, em 1532, os nossos maiores, num grande aparato de insignias e bandeiras, e numa como solenidade de culto. Pero Lopes, ao chegar alli, "adiantou logo estas palavras, como quem se apressa a desafogar-se das longas vicissitudes: *E o capitão poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolação com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem na communhão das artes, e ser cada um senhor do seu... e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel* — palavras que recolhemos hoje num sincero enternecimento, com o coração agitado de sentir aquella fé com que a grande alma do heróe chronista abria assim a nossa historia."

\*

Houve, até certa época umas tantas duvidas, que se reflectiam nas varias versões dos historiadores, acerca da paragem do littoral onde haviam fundeado as náus de Martim Affonso, e tambem quanto á data em que se déra esse factó. Entendia-se que, tendo sahido da Guanabara, seguira a frota rumo sul, indo entrar pelo canal da Bertioga e fundear no porto de S. Vicente (hoje porto de Santos); e que dali mandára o capitão a Pero Lopes que descesse até o rio da Prata, a reconhecer a costa. O proprio Varnhagen tinha adoptado esta versão antes de haver descoberto o *Diario* de navegação de Pero Lopes. Segundo este roteiro, depois que deixou a bahia do Rio, Martim



Affonso só fez estação em Cananéa. Não tocou, portanto, na ida em S. Vicente. Neste porto só veio a entrar, de volta do sul, no dia 21 de Janeiro de 1853. E entrou pelo canal de loeste, desembarcando no sul da ilha, em uma praia perfeitamente abrigada, não longe da qual fundou a primeira villa em terras da America oriental.

E' ali que os paulistas têm de vêr como é que hão de assingnalar o grandioso successo para a commemoração de 1922. Santos, que bem já se poderia chamar — a sumptuosa — não demorará, se fôr crescendo como tem crescido nos ultimos annos, a abranger toda a ilha. Que vá, a opulenta filha de Braz Cubas, caminho da sua grandeza; mas que não se esqueça de reservar e guardar ali com muito ciume aquella praia, onde primeiro puzeram pé os nossos maiores.

ROCHA POMBO.

Rio — Maio, 916.

## SALUBRIDADE PUBLICA NO ESTADO DE S. PAULO

“Graças á revisão das rêdes de abastecimento de agua e exgottos das localidades do interior, iniciada pela Engenharia Sanitaria, tem-se obtido a correcção de irregularidades perigosas em varias cidades. Conviria muito que identica providencia fosse tomada em relação a esta capital, estendendo-se, tambem, a rêde de exgottos, á zona urbana ainda não dotada deste melhoramento.”

(Da mensagem presidencial do Dr. Altino Arantes).

Antes prevenir que remediar, diz o rifão. E não ha melhor ocasião de applical-o do que quando se trata da hygiene e da salubridade publica.

As aglomerações humanas constituem os principaes fôcos de molestias, que surgem ás vezes repentinamente, como se estivessem em estado latente, esperando apenas o ambiente favoravel para seu desenvolvimento.

Surge, então, a necessidade de tratar accuradamente dos serviços de saneamento dos centros populosos, sob os multiplos



aspectos e ramos com que se apresenta. Mais cresce uma cidade, mais a sua população se condensa e agglomera, augmentam tambem as probabilidades de explosões epidemicas, que só serão evitadas quando se cuida a tempo do saneamento local.

Mas, é preciso attender não sómente aos serviços propriamente urbanos, como tambem ao saneamento de uma certa zona adjacente á cidade, eliminando todos os fócios provaveis de onde possam provir as causas de molestias que encontrarão na agglomeração o meio favoravel para se propagarem.

O governo mantém em todo o Estado o serviço de inspecção sanitaria, que muito tem concorrido para a salubridade publica no interior. A hygiene das habitações e as causas mais evidentes que possam concorrer para a falta de segurança sanitaria, são attendidas e fiscalizadas com o devido cuidado; mas isto não é o bastante para se estar tranquillo quanto á salubridade de uma localidade.

Os serviços de abastecimento de agua potavel, de esgotos sanitarios e de aguas pluviaes, são, na grande maioria das cidades do interior, desconhecidos em seus detalhes por parte do poder fiscalizador. Em grande numero de cidades este desconhecimento chega á totalidade do serviço, pois não ha, em absoluto, elementos por onde se possa ajuizar do funcionamento das rêdes de abastecimento, de aguas servidas e escoamento de aguas pluviaes. O mesmo se poderá dizer quanto á quantidade e qualidade das aguas fornecidas, de modo a garantir ás populações um suprimento sufficiente e de boa qualidade.

No interesse commum, collaborando todos os municipios para o bem geral, seria facil ao Estado tomar a si o estudo e fiscalisação destas questões, centralizando e uniformisando o problema de saneamento (o que é de grande vantagem) com despeza moderada para os municipios e evitando para o governo uma despeza que não seria justo fizesse sosinho. Continuaria o governo a manter a fiscalisação sanitaria espalhada por todo o Estado e as municipalidades contribuiriam então para tratar efficazmente da hygiene preventiva, facilitando os meios de conhecer e projectar o conjuncto das installações das rêdes de aguas e esgotos, extincção de fócios provaveis de infecção e saneamento geral da localidade. Excluindo Santos, que tem um serviço modelar de esgotos, um abastecimento dagua abundante e de boa qualidade, uma fiscalisação sanitaria que nada deixa



a desejar, e algumas outras cidades do interior que têm serviços identicos em boas condições, poderíamos contar com um total de 22.000 contos para a receita dos municipios restantes.

Se cada municipio contribuisse annualmente com 1 % de sua renda, durante cinco annos, teríamos no fim deste prazo um total de 1.100 contos, que permittiria ao governo ficar conhecendo as condições hygienicas de cada uma das cidades, no conjuncto e nos detalhes, e projectar convenientemente os serviços necessarios onde ainda não existissem.

Se conveniente, esse serviço poderia ser feito em 2 ou 3 annos, para mais rapidamente ficar conhecendo o estado de cada uma das localidades, recebendo o governo o valor com elle despendido no fim de 5 annos, prazo em que os municipios devem entrar annualmente com as suas quotas.

Realizados estes estudos que facultariam conhecer todo o organismo e suas funcções, tinham as municipalidades todo o interesse em continuar a auxiliar o governo na fiscalisação e correccão desses serviços, que tão de perto dizem respeito á salubridade dos centros habitados.

Contribuindo cada municipio com  $1/2$  % de sua renda annual, o total seria de 110 contos. Sendo 180 o numero de municipios existentes no Estado, caberia em media 600\$000 por anno ou 50\$000 por mez a cada um.

Ora, isto é uma somma realmente insignificante em vista das vantagens que podem ter as municipalidades, com a facultade de consultar e serem attendidas em qualquer emergencia difficil em que se encontrem.

Demais, haveria por parte o governo o compromisso de assumir a responsabilidade de zelar pelas boas condições hygienicas de cada cidade, desde que elle fiscaliza e julga em boas condições o serviço de saneamento local, com pleno conhecimento do que existe e do modo porque funciona.

Todos os problemas municipaes poderiam ser resolvidos de accordo com a fiscalisação, não só os referentes a abastecimento d'agua e esgotos, como todos os outros de ordem technica, concernentes á engenharia ou á hygiene municipal, como viação, calçamentos, illuminação, limpeza publica e particular, codigo de posturas, etc.

Em caracter simplesmente consultivo ficaria o governo apto a attender quaesquer questões suscitadas pelas municipa-



lidades do interior do Estado, enviando o seu parecer e podendo fazer estudos cuidadosos para cada caso especial, o que hoje não acontece, pois, o governo as mais das vezes se nega a acceder a taes pedidos, por falta de meios e de pessoal disponível para esses serviços.

Sómente com pleno conhecimento de causa, isto é, conhecendo em cada caso os órgãos e suas funções, seria possível aos médicos e engenheiros do Serviço Sanitário do Estado emittir opinião que pudesse ter o resultado pratico desejado. E desta forma abandonaria o governo a situação em que se encontra, dos charlatães que pretendem curar, sem ao menos possuirem os conhecimentos indispensaveis de physiologia e anatomia, o que ainda hoje se não póde admittir.

S. Paulo, Julho, 1916.

JOÃO FERRAZ.



---

---

# RESENHA DO MEZ

---

## MONOLOGOS

A Academia Brasileira resolveu exigir que todo candidato á eleição na casa lhe envie uns tantos exemplares dos seus livros publicados. Quer dizer que, sem obra impressa, já ninguém pode pretender ás honras da immortalidade. Até aqui, só se exigia, officialmente, do candidato que tivesse talento e valor. Não era preciso que elle os provasse, exhibindo os seus livros: a Academia reconhecia-os, proclamava-os, e como ninguém tinha nada que vêr com a vida daquella sociedade independente e fechada, é claro que a Academia exercia um direito seu. Exercia-o logicamente. Sendo ella o tribunal superior e soberano das letras, os meritos possiveis do candidato não podiam ter melhor prova do que o proprio facto de ser elle admittido no alto cenaculo. Esta seria a maior, a mais completa e decisiva de todas. Exigindo, agora, que o pretendente mostre a sua bagagem, a Academia prevê a hypothese de que, sem isso, a eleição possa recair em cidadãos despidos de meritos literarios. E' estabelecer condições para um julgamento soberano e sabio, em cujo character especial já se acha, naturalmente, incluída a idéa de que elle só se pronuncia depois de maduro exame de todos os elementos de apreciação... E uma vez que se estabelece uma especie de condições, porque não estabelecer logo todas as outras?

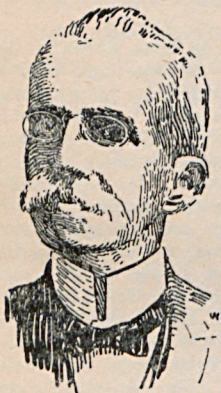
Ha uma outra face nesta questão. Determinando, agora, que todo can-

didato exhiba os seus livros, e declarando, com unction, aos crentes da sua magnitude: "Por vossas obras sereis julgados", a Academia como que se olvida de que já recebeu em seu seio alguns cidadãos conspicuos, cheios de qualidades mas notoriamente avessos á letra de fôrma. Em que situação ficam esses cavalheiros, vendo que aquillo que lhes bastou a elles para se immortalizarem já não basta aos que vierem depois? Então que immortalidade é essa, cuja causa pôde variar de efficacia, valer hoje, não valer nada amanhã? Os referidos cavalheiros devem sentir-se depostos do seu pedestal. E de facto: estão depostos e demolidos. Mas, nesse caso, como os conserva a Academia no seu seio? Como poderão elles querer conservar-se no seio della? E como pôde a Academia manter-se na sua alta posição de suprema côrte da immortalidade, se reconhece que os seus julgamentos não são necessariamente rectos, e implicitamente proclama que já erraram por vezes?

Em summa: a Academia fez muito bem, resolvendo exigir a apresentação das obras. Esta conclusão não é tambem muito logica, mas é sensata. O bom senso consiste exactamente em julgar sem obediencia passiva á filha tentadora de Aristoteles, e ás vezes até contra ella... A Academia é um organismo vivo: nada pôde ter de immutavel e de rigido; evolue. As suas normas de nontem pôdem deixar de ser as de hoje ou as de amanhã, conforme a experiencia fôr ensinando. Afinal,

nada mais justo do que exigir, a *limine*, de todo cidadão que aspire á immortalidade literaria as provas sensiveis de que, além de ser excelente pessoa, tambem escreve alguma coisa. Demonstrado isso, provado que livros impressos existem, o resto se examinará depois. O que é preciso é que se examine o resto! — *Yorik.*

## BRASIL-ARGENTINA



O acontecimento maximo do mez foi a celebração do centenario da independencia Argentina, e o episodio culminante, nas festas solennes com que os argentinos commemoraram essa data, foi a parte que nel-

meio de uma embaixada excepcional.

A *Revista do Brasil* presta nestas linhas uma homenagem de viva sympathia á grande nação sul-americana e de profunda admiração ao chefe incomparavel da embaixada brasileira — Ruy Barbosa.

Essa embaixada ficará na Historia pelo seu esplendor espirital, como ficou a de Buckingham á côrte de França pelo seu esplendor material. Dos labios de Ruy Barbosa rolou, nas salas argentinas, um rio de eloquencia mais bello e mais precioso que o rio de perolas que nos salões francezes rolou do manto de Buckingham.

## O DIREITO CRIMINAL MODERNO

Projecta-se actualmente na Hespanha a reforma da sua justiça criminal. E' um velho assumpto este,

abordado frequentemente pelos mais cultos povos, sem que, entretanto, se lhe dê a orientação desejada.

Já Henrique Ferri, ha annos, aconselhava que taes reformas deviam começar pela remodelação dos cursos juridicos. Na opinião deste criminalista, os alumnos das Faculdades de Direito, após dois annos de estudos communs, deviam ser separados: — de um lado ficariam os candidatos ao bacharelato em Direito Civil; do outro, os que se destinassem ao bacharelato em Direito Criminal. Assim, desde o inicio da sua profissão os moços estudantes iriam seguindo com mais segurança o verdadeiro caminho das suas predilecções.

Valentim Acevedo, em recente publicação, parece esposar as mesmas conclusões, e as quer ver adoptadas na Hespanha.

Chega até a propôr a criação de uma *Faculdade de Criminologia*.

Dessa Faculdade sairiam os juizes do futuro, regularmente aparelhados para as luctas do Direito Criminal.

E entende o autor citado que para fazer-se, hoje, racional applicação dos principios scientificos da Criminologia é visceralmente necessario dar-se outra orientação aos estudos juridicos. Diz mais ainda: quer a suppressão do Direito Romano desse curso que se fundasse para os estudantes de Direito Criminal.

Reforçando as suas asserções, cita um trecho de Ferri: "No que diz respeito á capacidade scientifica dos juizes, ha uma confusão irracional entre a missão do juiz encarregado das questões criminaes e a dos que têm a seu cargo a solução de questões civis.

No Direito Civil o motivo ou causa não é o homem, mas a relação juridica, o contracto, o testamento.

No Direito Criminal, ao contrario, o homem é a causa essencial. Os estudos necessarios para chegar ao conhecimento do Direito Civil (Historia, Direito Romano, etc.) nenhuma importancia têm quando se trata de Direito Criminal, que exige outros conhecimentos, taes como o de Anthropologia, Medicina

Legal, Sociologia e Sciencias annexas.”

Na opinião do publicista cujas idéas aqui estamos resumindo, o juiz, adquirindo por meio de suas investigações nas clínicas criminaes, isto é, nas prisões e asylos, uma mentalidade jurídica bem diferente da que actualmente revelam, *ipso facto* melhormente apparelhados se sentiriam para o exacto e eserupuloso desempenho da sua alta missão social.

E tanto isto é verdade que Berner affirma que a verdadeira reforma do Direito Criminal só se fará quando os criminalistas se convencerem de que as suas observações devem ser feitas nas penitenciarias e não se inspirarem tão sómente em abstracções philosophicas.

Neste particular andaram ajuzadamente a Hollanda, a Noruega, a Argentina, cujos codigos são modelares.

O da Argentina, reformado em 1906 por uma commissão composta de cinco juristas e de um medico legista, é indubitavelmente uma das mais bellas manifestações da cultura desse povo. — *M. O. H.*

## BIBLIOGRAPHIA

Matheus de Albuquerque — *Sensações e reflexões.*

O livro do sr. Matheus de Albuquerque é uma collecção de artigos de jornaes. Não é, entretanto, apesar disso, um livro futil. O joven escriptor, de temperamento vibratil e de cerebro fecundo, sabe registrar de maneira interessante as sensações que o espectáculo da vida, num grande centro como o Rio de Janeiro, desperta em nervos artisticos e as reflexões que os individuos e as coisas, nos grandes como nos pequenos centros, provocam em espiritos finos e cultos.

O vicio frequente em publicações dessa natureza é a trivialidade. A literatura de jornal, apressada e alviçareira, resente-se habitualmente da carencia de certa originalidade nas idéas e de certo apuro na forma.

Alguns procuram disfarçar a primeira com o abuso do paradoxo e a segunda com o excesso de adjectivação coruscante.

O sr. Matheus de Albuquerque não é absolutamente innocente desses dois peccados; ha, porém, nos seus escriptos, uma dóse tão grande de coisas bellas, bem pensadas e bem traduzidas, que se lhe perdoado tudo...

O seu estylo, harmonioso e plastico, ás vezes demasiado solenne e palavroso, denuncia o cinzel de um artista exigente; a sua linguagem, rica de tintas, vigorosa e flexivel, adapta-se docilmente ás variadas cambiantes de pensamento e de sensação que o artista procura exprimir ou simplesmente suggerir.

A sua forma é, numa palavra, excellente. Considerado por esse aspecto, o livro é realmente brilhante.

No que toca á substancia, faz-se mistér, porém, alguma reserva. Não faltam ao sr. Matheus de Albuquerque idéas novas e pontos de vista originaes mas o amor ao inedito levou-o talvez longe de mais. Ha juizos e apreciações suas sobre homens e episodios que não passam de exagerações de um espirito mais preocupado com espantar do que com acertar... Dir-se-ia por vezes que a musica dos periodos lhe adomece a reflexão e as idéas, afrouxadas as redeas em que a razão as prende, se deixam rolar, umas sobre as outras, tumultuosamente, sobre o dorso das ondas sonoras...

E' assim, para citar um só exemplo, que, depois de affirmar em certa altura de um ensaio — aliás esplendido — sobre Rio Branco que o desconhecimento da historia patria é devido, no Brasil, não tanto ao povo, que está prompto a lêr, mas á ausencia de um predestinado que a saiba escrever, diz, logo adeante, lamentando que Rio Branco não nos houvesse legado um estudo sobre o nosso “miserio passado”: “Talvez Rio Branco, com a sua rara experiencia de sabio e o seu amavel scepticismo de artista, acabasse por se convencer da inutilidade de um tal sacrificio. Para

que escrever no Brasil, se aqui não ha platéa, e o extremo consolo da posteridade se vai tornando cada vez mais duvidoso?

Escrever, para provocar, involuntariamente, entre letrados, a velha recompensa dos paralelos humilhantes ou, quando muito, no caso de Rio Branco, merecer a gloria de ser commentado por notabilidades criticas, como o sr. José Verissimo, e equiparado a maravilhas officiaes de saber historico, como o sr. Capistrano de Abreu?"

Isto basta para mostrar a superficialidade de algumas reflexões e que os proprios ensaios sobre varias personalidades nacionaes, que são os fragmentos mais solidos do livro, se resentem dos vicios peculiares ás chronicas de jornaes — amadurecimento imperfeito das idéas e ancia irreprimivel de ferir, deslumbrando-a de qualquer forma, mesmo com sacrificio da verdade e da justiça, a attenção do leitor.

\*

J. Pires do Rio — *O Combustível na Economia Universal.*

E' um trabalho de valor da competente lavra do Eng. J. Pires do Rio, que nelle estuda um dos problemas de mais alto alcance para o Brasil, sob o ponto de vista da influencia do meio cosmico na evolução economica das nações, á luz dos conhecimentos das sciencias physicas. Explica-nos o A. os factos da historia technica da metallurgia e da mecanica applicada, sobre os quaes se baseia a explicação do surto da Inglaterra, que, na vanguarda das nações, se conservou durante todo o seculo XIX e, mais tarde, o apparecimento dos Estados Unidos e da Allemanha, que pretendem hoje dividir com o Reino Unido o dominio do commercio mundial. Os principaes factos de physica e de chimica necessarios a um elementar conhecimento do material, a que Gustave Le Bon attribue o papel principal no desenvolvimento da Allemanha moderna, são elucidados pelo sr. Pires do Rio á luz de um criterio positivo. Para uma

clara comprehensão dos grandes phenomenos economicos da phase actual do progresso das industrias, a que se ligam as grandes correntes de factos sociaes e politicos dos nossos tempos, não esqueceu tambem o A. de lembrar alguns factos de geologia e de geographia assim como as noções indispensaveis de engenharia de minas. Na conclusão, o A. estuda a questão do melhoramento da qualidade de combustivel nacional, pelos tres processos diferentes: a) pela "briquetagem" do carvão lavado; b) pelo emprego do carvão nos gazo-genios; c) pela queima do carvão pulverisado.

O volume ora publicado pelo Eng. J. Pires do Rio é sem duvida um grande serviço prestado ao nosso progresso economico. "Abandonemos, diz o A., as phantasias que acalentamos desde que Pero Vaz de Caminha, com a satisfação dos que dão boas noticias, dizia na sua primeira chronica, louvando a nossa terra, que "em tal maneira é graciosa que querendo aproveitar dar-se-á nella tudo por bem das aguas que tem"; precisamos estudar, analysando factos, as possibilidades de cada um dos tratos do nosso immenso territorio, porque fugirmos á idéa ingenua de acreditarmos possiveis verdadeiras inversões de leis naturaes, quaes, por exemplo, a de crear carneiros no Norte e a de cultivar a seringueira ou cacáu no extremo sul."

Rematando o volume a que nos referimos diz o sr. Pires do Rio: "Pelo estudo da historia economica universal, pelo estudo da geologia do Brasil, da sua geographia economica, pelo estudo da metallurgia, tudo com vista na exploração dos methodos universaes de trabalho mecanico, chegaríamos a nos libertar desse optimismo leviano ao considerarmos o valor de nossa terra e desse pessimismo injusto ao apreciarmos o valor do homem brasileiro; fugiríamos, então, a esse patriotismo estrabico de amor ao solo e desprezo pelo nosso patricio."

\*

Antonio Cabral—*Eça de Queiroz*.

O escriptor portuguez, sr. Antonio Cabral, acaba de publicar um volume consagrado ao estudo de Eça de Queiroz.

Da vida e da obra do grande romancista quasi nada o livro encerra que seja novo. As apreciações criticas do sr. Cabral tambem pouco contribuem para o conhecimento, mais profundo e mais perfeito, da extraordinaria organisação litteraria de Eça de Queiroz. São, por vezes, penetrantes mas não trazem, quasi sempre, muita originalidade. No trabalho, cheio de sympathia, de Batalha Reis e no perfil, cheio de maldade, de Fialho de Almeida, ha traços mais vivos e mais numerosos para a composição definitiva da figura, por varios titulos, superior, que o sr. Cabral quíz evocar.

O livro tem, entretanto, o seu merecimento.

Recorda alguns episodios, que já iam caindo no esquecimento, e contém diversos fragmentos ineditos, inclusive algumas cartas de Eça a Oliveira Martins e outros amigos, que são de um alto interesse.

Francamente infeliz só nos pareceu um capitulo — o que é dedicado aos *plagios de Eça*. Muita coisa do que alli se transcreve para mostrar que Eça reproduzia, frequentemente, idéas e phrases alheias como se fossem proprias não tem a importancia que o sr. Cabral lhe deu.

Ou são idéas corriqueiras que já entraram, de ha muito, para o patrimonio commum da humanidade e que estão, portanto, á disposição de toda a gente, ou são meros encontros fortuitos de pensamento e de expressões, ou inconscientes reminiscencias de leitura. Não constituem, de modo algum, essa miseria intellectual que é o plagio, o qual, como furto que é, suppõe um acto de vontade, consciente e determinado.

Alguns dos plagios attribuidos a Eça de Queiroz são da mesma natureza daquelle que o celebre humorista descobriu num discurso e que resalta do dialogo travado entre elle e o orador:

— Conheço todas as palavras do seu discurso. Não são novas.

— Não é possível!

— Tenho-as commigo.

— Desafio que o prove.

E o humorista apontando-lhe um dictionario:

— Estão todas aqui dentro.

\*

Nazareth Menezes—*Ruy Barbosa*.

Já se começa a fazer, em torno da personalidade gigantesca do sr. Ruy Barbosa, o trabalho de collectanea de documentos e classificação de factos indispensavel para início do monumento biographico que, mais cedo ou mais tarde, as nossas letras lhe hão de tributar.

Para essa obra, relativamente apagada e ingloria, requer-se uma tenacidade de apóstolo e um carinho de filho. Os documentos andam esparços e os factos esquecidos ou deturpados...

Ao sr. Nazareth Menezes parece que não faltam a pertinacia e a dedicação que a tarefa exige. O livro que escreveu sobre o eminente brasileiro e que visa preparar o terreno para obra de mais folego attesta que lhe não fallecem algumas das qualidades essenciaes para execução dessa obra preliminar de paciencia.

Elle é o primeiro a reconhecer que o seu trabalho é um ligeiro esboço, o que desarma a severidade da critica, e a dar ás suas paginas o caracteristico exacto — definindo-as como "traços que servirão modestamente no decalque para a feitura do perfil completo".

## REVISTAS E JORNAES

HOMENS  
E COISAS NACIONAES

TRIBUNAL MEDICO

A noção da responsabilidade dos actos praticados por um individuo, no meio social a que pertence, é uma das bases de equilibrio natural

e indispensavel á vida do homem em sociedade.

Se cada qual fosse livre de bem fazer o que julgasse conveniente, sem que uma repressão viesse demonstrar a existencia, acima de nós, de um freio que regula os nossos deveres e direitos, traçando as normas dentro das quaes nos devemos conduzir, — o mundo seria, certamente, a desordem, a confusão, o horror e a negação, emfim, de tudo que é moral e digno.

Assim encarada, em poucas palavras, a vida gregaria do homem, a noção da responsabilidade define-se e positiva-se sempre que uma infracção ás leis do direito ou da moral põe em movimento o machinismo que regulariza a marcha normal do homem no meio em que vive.

Ha, nos dias de hoje, uma lei geral que pune, sem distincções, os culpados ou criminosos, não procurando saber a sua jerarchia social. Desde que o individuo infringiu as suas prescrições, está sujeito ás penas correspondentes ao caso, tendo que se submeter aos processos communs de julgamento.

Ha classes, entretanto, que para certas especies de faltas commettidas dentro dos limites da propria profissão, sejam ellas de natureza technica ou disciplinar, possuem uma legislação especial, um tribunal particular, composto de membros da mesma classe, legislação e tribunal que julgam e comminam penas adequadas a cada caso, implantando, dest'arte na classe, o respeito, a fiel observancia das leis, a disciplina e a moralidade.

Este é o caso das classes armadas que, apezar de sujeitas ás leis civis por crimes communs, resolvem as questões de certa ordem no mesmo meio em que ellas se geram e desenvolvem, isto é, no seio da classe.

Resulta disso, incontestavelmente, grande vantagem para a corporação militar, porque a sua moralidade e prestigio ficam dependendo da vontade, do criterio, da energia, da pureza de sentimentos dos seus membros, sendo facil prevêr-se o quanto elles se esforçarão para le-

vantar o nivel moral e disciplinar dos seus camaradas e collegas.

Pois bem: é, nas devidas proporções e limites, uma obra semelhante, a que se pretende crear no nosso meio, relativamente á classe medica.

Não será uma originalidade nossa a installação do "Tribunal Medico", no Rio de Janeiro, porque tribunaes dessas ordem têm existido e ainda existem em muitos paizes da Europa, havendo na Allemanha particular sympathy por essa instituição de indiscutivel utilidade.

O "Tribunal Medico" não pretende, nem poderia pretendê-lo, julgar os medicos e os seus crimes communs, de alçada privativa da justiça publica.

O que o "Tribunal Medico" virá fazer é pôr um paradeiro ao procedimento incorrecto de certos profissionaes, nas suas multiplas modalidades, evitando scenas edificantes e depoimentos que só têm como resultado o desprestigio e a desmoralisação da nossa classe.

Essa nobre instituição prestará ao nosso meio inestimavel serviço, punindo aquelles que esquecem os seus deveres de homem e profissionaal, para se lançarem avidamente na conquista de certas posições, desprezando a linha de conducta honesta e digna, chafurdando-se em meios improprios e deleterios.

A pratica da medicina obedece a certas leis, traçadas pela deontologia, das quaes nos não podemos afastar sem quebra da dignidade, profissionaal, e, ás vezes, até, pessoal.

Para muita gente isso parece um factio sem importancia, duvidando, alguns, da sua existencia, pela difficil comprehensão de que estas leis existam e sejam todos os dias desprezadas e espezinhadadas!

Os proprios medicos encarregam-se de dar provas dessa ordem aos doentes, na faina ingloria de um renome, que elles nunca conseguem, porque, mais dia, menos dia, se vêm a saber os processos usados por aquelles que, sem ideal na vida, correm atrás das posições commodas e das vaidades fôfas.

O "Tribunal Medico" virá desmascarar os hypocritas e deshonestos da profissão, fazendo com que elles se vejam na contingencia de apresentarem-se taes quaes são realmente; dahi o medo que muitos têm da victoria dessa idéa e da sua execução; dahi a guerra surda, ás vezes, ou franca, em outros casos, que essa idéa deve soffrer.

Compreende-se que um espirito bem formado e superior, acostumado á pratica de actos honestos, possa apresentar certas reflexões relativas á constituição do "Tribunal Medico" no nosso meio, demonstrando as difficuldades que poderão surgir para sua organização e funcionamento. O que se não comprehende é a opposição parva e injustificada daquelles que já condemnados no conceito publico, por acções degradantes, procuram lançar sobre uma idéa nobre a maldade de uma calunnia, ou a peçonha da inveja.

Cogitando-se da creação de um codigo de ethica medica, que precise bem os deveres e direitos dos medicos, é natural, é justo, é indispensavel que se funde o "Tribunal Medico". Este será o complemento daquelle; o Tribunal será a garantia da observancia dos preceitos do codigo.

Ainda ha dias perguntava illustre professor e varios membros do "Centro Medico", se, preparado o codigo, dispunhamos de meios para sua execução.

A resposta aqui fica nestas poucas linhas: a fundação do Tribunal e o seu funcionamento garantirão a exequibilidade dos preceitos do codigo. — (Dr. Belmiro Valverde, *Correio da Manhã*).

#### HOMENS E COISAS EXTRANGEIRAS A QUESTÃO SHAKESPEAREANA

O primeiro esboço da vida de Shakespeare foi publicado em 1709 por Nicholas Rowe e reproduzido quasi sem alterações até os primeiros estudos de Malone, em 1778.

Era uma variação breve, fundada sobre tradições vagas. Quando se quiz ter sobre Shakespeare mais informações, começaram a apparecer varias versões da sua vida. Essas falsificações — que o eram, na realidade—foram iniciadas por George Steevens, em 1763; continuadas por John Jordan e William Henry Ireland; e completadas com grande audacia, por John Payne Collier de 1835 a 1849. Em 1860 começaram as discussões sobre a authenticidade das descobertas de Collier, e, com isso, foram tomando corpo as duvidas que, havia já algum tempo, se levantavam sobre a exactidão da biographia tradicional do poeta.

Começou-se por dizer que Shakespeare não era um nome, mas um pseudonymo. As poucas noticias que temos sobre Shakespeare, diziam,—não permitem affirmar nem mesmo que elle sabia escrever. Aos 13 annos, segundo a hypothese mais acceptavel, sahiu da escola. E que podia elle aprender numa escola primaria até essa idade? Depois foi empregado num açougue. Aos 18 annos e meio, casou-se, com uma camponesa mais velha do que elle e que havia seduzido... Dois ou tres annos depois desaparece da sua aldeia — Stratford on Avon. Só seis ou sete annos mais tarde é que o encontramos em Londres.

Que teria feito durante esse intervallo de tempo? Ninguem sabe. A sua chegada a Londres é fixada em 1592. Ahi leva Shakespeare uma vida de miseria, até que, voltando á terra natal, morre em 26 de abril de 1616, provavelmente em seguida, a libações copiosas. A' vulgaridade desta vida se oppõem os esplendores, as elegancias, os refinamentos, e as riquezas do theatro shakespeareano. O autor dessa obra não podia ser senão um alto personagem, homem de côrte e de guerra, pratico dos negocios publicos, versado nas linguas antigas e modernas, apaixonado pela caça, pela leitura e pelas viagens. Sómente Bacon — affirmam-n'o 500 ou 600 livros publicados depois de 1848, podia ser esse homem. E não faltam analogias entre a sua obra e a de

Shakespeare. Pelas palavras e phrases empregadas por ambos poudese estabelecer um parallelismo do estylo. Tambem muitas idéas são semelhantes. E a mesma concordancia quiz-se vêr entre factos da vida de Bacon e algumas particularidades da obra de Shakespeare. Ainda mais: em manuscritos de Bacon, descobertos em 1867, lêem-se o nome de William Shakespeare, os titulos *Ricardo II* e *Ricardo III*, alguns versos do poema *O rato de Lucrecia* e a palavra de baixo latim, que se encontra nas *Fadigas de amor perdidas* — *Honorificabilitudinis*. Esta palavra tornou-se o ponto de partida de uma nova theoria baconiana, e varios autores quizeram mostrar que *Honorificabilitudinis* é um anagramma do hexametro latino *Hiludi, F. Baconis nati, tuii orbi*, isto é: "Estas obras, filhas de Bacon, são conservadas para o mundo..."

Mas essa theoria não reforça muito a hypothese baconica, que não resiste a um exame demorado.

Além de ser natural que dois grandes escriptores contemporaneos tivessem linguagem e idéas de alguma forma parecidas, é preciso recordar ainda que Bacon deixou versos (uma tradução de alguns psalmos), dos quaes não se conclue que elle tenha sido capaz de escrever um só dos versos de Shakespeare; nem ha comparação nenhuma entre uma "Mascara" que elle compoz e o theatro shakespeareano. O absurdo da heresia baconiana é tão evidente, por muitas outras razões, que um segundo grupo de criticos negativistas comprehendeu a necessidade de encontrar outra explicação. Celestino Demblon é o representante mais autorisado dessa nova corrente, para a qual o autor das obras publicadas com o nome de Shakespeare foi Lord Rutland. Demblon mostra, com effeito, que ha estranhas coincidencias entre a obra de Shakespeare e a vida de Roger Manners, quinto conde de Rutland, nascido em 1576 e morto a 26 de Junho de 1612 — coincidencias de factos e de datas que seria longo resumir, mas das quaes

se pode dizer, em summa, que não bastam a convencer que Rutland tenha sido Shakespeare.

Demblon trata com ironia os Shakespeareanos e especialmente Sir Sidney Lee, personificação da these que elle combate. E comtudo é a este admiravel biographo de Shakespeare, e á nova edição revista e augmentada, do seu livro consciencioso, minucioso, methodico e prudente — *A Life of William Shakespeare*, que se pôde hoje pedir, após as ultimas indagações e as mais recentes descobertas, a solução do problema.

A solução de sir Sidney Lee é esta: o antagonismo que se quiz vêr entre o homem e o poeta não existe. Guilherme Shakespeare não foi filho de um vilão tão rude como disseram. A escola de Stratford não era a pobre escola primaria de aldeia em que um rapaz não pudesse receber os rudimentos de uma cultura classica. Stratford não era tambem uma aldeia em que se não lêsse, tanto que John Marshall, cura da vizinhança, possuia cento e setenta volumes dos melhores, havendo outras bibliothecas importantes.

Não é, pois, fóra de proposito, attribuir a Shakespeare uma primeira educação bastante ampla, e que elle, provavelmente, alargou ainda mais durante o tempo de que se não conhecem noticias suas, isto é, da partida de Stratford até os inicios da sua carreira theatral em Londres. Pode muito bem ser que seja verdade o que a tradição affirma delle: que nesses primeiros annos da sua vida em Londres o seu serviço fosse segurar á porta dos theatros os cavallos dos fidalgos. Convenhamos que elle precisava viver. Em 1592, porém, começam os seus triumphos de actor e de autor. Em 1596 e encontramos em condições de relativa abastança. E' tão extranho isto para admittir que elle tenha vendido o seu nome?

Com um estudo preciso dos ganhos do comediante autor, Sidney Lee demonstra que a renda media de Shakespeare devia ser de cerca de quatro mil francos por anno (equivalentes a uns vinte mil fran-

eos hoje) antes de 1599; e de mais de dezeseite mil depois desse tempo. A sua riqueza, pois, não tinha nada de mysteriosa. Quando em 1611 Shakespeare se retirou para Stratford, não levou ahi a vida de bebedor vulgar: as suas relações eram as melhores do lugar e grande o seu prestigio. Com tudo isso não era mais que um modesto burguez. A sua unica ambição foi possuir fortuna bastante a garantir-lhe a subsistencia. Para conquistal-a, havia abandonado a sua terra. Para fruil-a, voltava a Stratford. E nem suppunha ser tão grande: é que o genio por vezes se ignora a si mesmo com grande simplicidade; e porque a sua produção é tão natural que não lhe parece resultante de uma potencia extraordinaria.

Mas os posteros, para os quaes Shakespeare é sublime e unico, surpreendem-se dessa vida tão simples, igual á de quasi toda a gente. E é essa a razão por que inventaram o mysterio shakespeareano. — (Firmin Roz, *Revue des Deux Mondes*).

#### OPINIÕES SOBRE O «DOM QUIXOTE»

Um escriptor hespanhol fez ha pouco um inquerito muito interessante sobre o *Dom Quixote* de Cervantes, pedindo a varios escriptores francezes a sua opinião sobre esse livro. Eis o que disseram alguns delles:

Julien Benda, depois de ter declarado que, na sua opinião, o *Dom Quixote* não encerra nenhum symbolismo, affirma que o valoroso fidalgo é um cavalleiro que se distingue muito dos... allemães. E nessa ordem de idéas continúa a sua resposta. Leon Bloy declara que não ama *Dom Quixote*. “Este livro muito famoso, divertiu-me — escreve elle — quando tinha dezeseis ou dezoito annos. Mais tarde, me entediou e me revoltou. Eu não posso tolerar que as grandes coisas sejam ridicularisadas, — e a cavallaria é, com certeza, uma dessas grandes coisas, uma das mais bellas que os homens tenham visto jámais”. Para Leon

Bloy, o cavalleiro da Triste Figura poderia ainda ser supportado, mas Sancho Pança é que não: “O appetite brutal, contrariamente, systematicamente opposto ao sonho, o ventre que vence sempre o enthusiasmo, e o riso grosso da multidão á face dolorosa da poesia — eis o que é intoleravel no *Dom Quixote*. Remy de Gourmont responde dizendo que elle não compartilhava o sentimento commum relativamente á obra prima hespanhola. “Atenhome, escrevia elle, á opinião que corria no seculo XVII: *Dom Quixote* é um romance comico e satyrico, um romance que põe em ridiculo, e consegue-o — a moda dos romances de cavallarias que fazia andar á roda a cabeça da Hespanha. Longe de defender a cavallaria, que apparecia na bibliotheca de *Dom Quixote*, Cervantes a põe em ridiculo, mas com tal bom humor, que isso acaba por parecer sympathia. De resto, na sua época, ella era já ha tanto tempo morta, que não podia tratar-se della, mas da idéa de que com ella se faziam romances ridiculos...” Daniel Halevy narra que os escriptores francezes actualmente em serviço militar, publicam um *Boletim dos escriptores em campanha* que tomou por epigraphe justamente uma phrase de Cervantes: “Não ha melhores soldados do que aquelles que são transportados do campo da cultura literaria aos campos de batalha. Todo homem de estudo que se torna homem de guerra, é um valente.” Mauricio Maeterlinck escreve dizendo que não podia responder com a liberdade de espirito que seria necessaria: “Para nós, que nos achamos no coração da grande guerra, é impossivel desviar o pensamento para qualquer outra preocupação. Em tempo de paz, eu teria falado longamente, e com satisfação, do grande Cervantes. Hoje direi simplesmente que *Dom Quixote* foi como *Robinson Crusóe* — uma das primeiras, uma das mais caras e inesqueciveis leituras da minha infancia. Considero-o como um dos livros fundamentaes da humanidade. Como Homero, Shakespeare e a Biblia, elle é uma das fontes da

nossa formação intellectual e moral". Emilio Verhaeren, entretanto, confessa não ter lido nunca o *Dom Quixote*, como não leu também outras obras primas, as de Tasso, Dante ou Milton. "Todavia, continúa elle, *Dom Quixote* é um dos personagens imaginarios que eu mais admiro no mundo. Imagino-o perfeitamente... Elle era o que eu teria querido ser e que me julgava capaz de ser: o homem bastante nobre e bastante grande para resignar-se a ser troçado sempre, sem decair. E' preciso sentir-se fortissimo para admittir constantemente uma tal attitude na vida, deante da habilidade, da falta de escrúpulos e do arrivismo de todos os tempos..."

## VARIÉDADES

### AS FRUTAS CONTRA AS DOENÇAS

Em um artigo publicado na "Contemporary Review", a sra. Mary Drew mostra as vantagens da dieta vegetariana com base nas frutas, recomendada pelo medico inglez William Aird. A autora diz ter ella propria experimentado o tratamento, sarando de uma arthrite na articulação femural que ha muito a atormentava e para a qual já não encontrava mais remedio na medicina. A sua alimentação consiste na seguinte: pela manhan, uma banana; ao almoço e ao jantar, vegetaes em salada, fruta e nada mais.

Aboliu o chá, o café e as outras bebidas estimulantes; também abolidas as carnes; e, quanto aos vegetaes, só admittiu os que se podem comer sem cosinhar. Eis, em poucas palavras, as idéas do dr. Aird:

A maior parte das doenças que affligem os homens na idade madura é proveniente de uma alimentação inconveniente. A ingestão de alimentos improprios impõe ao organismo um trabalho para o qual elle não foi feito. Cada órgão é destinado a realizar uma determinada função: ora, comendo alimentos improprios, nós obrigamos os diver-

sos órgãos a realizar um trabalho supplementar destinado a eliminar a parte do alimento que não serve á nutrição. Tudo isso produz a fadiga dos nossos órgãos mais importantes, e, com o andar dos annos, dá origem ás doenças do coração, dos pulmões, do figado, dos rins, etc.

Muito prejudicial é o uso de alimentos cosidos, concentrados, conservados, etc. O cosimento, assim como outras maneiras communs de se transformarem os alimentos, alteram a composição chimica das substancias alimentares e destróem a vida que nellas existe. Assim, praticamente, o que geralmente comemos são substancias mortas que no organismo se transformam em vermes. O uso de alimentos artificiaes quebra o equilibrio das funções organicas, ocasionando muitas perturbações e predispondo para as doenças. Para restabelecer o equilibrio organico precisamos fornecer ao organismo somente alimentos naturaes, na forma pela qual a natureza nol-os offerece. Limitae a vossa alimentação a alimentos que não precisem ser cosinhados, como frutas e verduras, e vereis como se vos tornará aquelle bem estar proprio da infancia; desapparecerão as perturbações, os signaes precursores da velhice, a fraqueza, o cansaço que acompanha o trabalho.

A renuncia ás carnes e ás bebidas estimulantes como o vinho, o café, o chá, produz primeiro uma reacção: quem adopta a dieta vegetariana deve quasi sempre atravessar um periodo de fraqueza e de depressão, acompanhado de perda de peso. Isso, porém, é transitorio, e será logo fartamente compensado pelo bem estar que sobrevém logo que o organismo se habitue ao novo regimen. Então, vos sentireis bem dispostos para o trabalho. Já não tereis mais as frequentes dores de cabeça, os resfriamentos, a insomnia, a inapetencia, a tendencia ao mau humor e ao pessimismo, a irascibilidade, etc.

Se a pessoa se acha doente, os symptomas da doença se attenuarão. Em muitos casos a adopção do

frutarianismo tem trazido a cura de estados morbidos julgados incuráveis. O regimen com base nos vegetaes crus, com abolição de alimentos e bebidas estimulantes, é util especialmente nas doenças inflammatorias. O dr. Aird affirma que depois que adoptou o regimen frutariano pôde reduzir muito as horas de somno: ha occasiões em que elle não dorme mais de doze horas por semana, sem sentir a minima fadiga. E a sua capacidade de trabalho augmentou notavelmente.

#### O BANHO DE SOL

O sol é a fonte perenne de vida. Desde as edades mais antigas os homens o adoravam como um deus fecundo e omnipotente, para elle se voltando como para um despertador de força e de saúde.

Os egypceios construíam terraços para exporem os seus corpos ao sol. Os gregos, mais tarde, praticavam a "aereação", caminhando sem vestes e com os pés também nus, sobre a areia ardente. No tempo de Esculapio, em Epidauró, encontrou-se uma galeria aberta para o oriente, contigua aos dormitorios dos doentes, bem semelhante áquellas que existem hoje nos sanatorios de Leysin, Davos e Montreux. Os chinezes tratavam a variola por meio da luz. Os romanos construíam sobre as suas casas terraços para a cura solar. Só na Edade Media o banho luminoso parece ter sido abandonado. Mais tarde, certo Rikli iniciou-o de novo, fundando um estabelecimento não longe de Trieste, sobre os montes, a cerca de 800 metros de altitude.

O exemplo foi depois imitado na Alemanha e em outros paizes. E hoje a heliotherapia já se pode considerar definitivamente fóra do periodo de empirismo para entrar, dentro em pouco, no da sciencia.

Attribue-se o effeito benefico e energetico dos banhos de sol, aos raios ultravioletas, os mesmos que alteram os saes de prata da lamina photographica e que têm uma parte tão importante na formação da

chlorophylla das plantas. Além de exercer uma acção microbica, elles acceleram as permutas do organismo, e fornecem aos tecidos uma especie de carga dinamica, que lhes augmenta a resistencia, a vitalidade e a energia. Por isso, um banho de sol, feito em condições opportunas produz uma sensação deliciosa; e, como dizia Rikli, "provoca uma singular impressão de bem estar e uma animação maior, uma superior consciencia de si." Como se dá essa acção solar? — O que parece mais provavel é que o sol provoca uma modificação do elemento sanguineo, enriquecendo a hemoglobina. A circulação torna-se mais activa pela dilatação dos vasos e pela transformação mais rapida do oxygenio em acido carbonico — e dahi augmento de vitalidade. O dr. Carnot suppõe que as vibrações moleculares da luz são absorvidas pelos lipocromios ou cellulas pigmentares do systema cutaneo e do systema sanguineo; e dessa forma a energia radio-activa se diffunde directamente por todo o organismo. Outro especialista, o dr. Malgat admite que os raios activos da luz solar possam atravessar o corpo humano e por consequencia actuar profundamente no interior dos tecidos. E' preciso ter presente, comtudo, que se o banho de sol tem acção geralmente favoravel sobre o organismo, nem sempre é inoffensivo: as pessoas franzinas ou doentes não podem empregal-o senão com a approvação do medico; e mesmo os individuos em perfeito estado de saúde precisam empregal-o com prudencia e moderação. O dr. Rollier, em seu livro *A cura do Sol*, aconselha a exposição gradual e progressiva do corpo: primeiro, os pés, depois as pernas. Depois disso, na terceira ou na quarta sessão, o tronco. Como geralmente quem usa o banho de sol é doente, acredita-se que seja preciso estar immovel ao sol. E' um erro: o verdadeiro banho de ar e de sol deve ser tomado em plena liberdade de movimentos. Os jogos e o exercicio moderado da gymnastica são mesmo muito recommendaveis. O que é preciso é ter sempre a cabeça protegida pelos

raios solares. Não é preciso também, que o tempo seja dos mais calmos para se tomar o banho: para sermos mais exactos deveríamos antes falar de banho de luz, de preferencia a banho de sol. O banho de luz produz também excellent resultado com o tempo nublado, especialmente se o paciente se mover bastante. A luz diffusa que actúa com tanta efficacia sobre os saes de prata das laminas photographicas exerce acção não menos energica sobre o corpo humano. Na Suissa, a heliotherapia faz notaveis progressos, tendo em Genebra se fundado recentemente uma sociedade com o nome — *A vida ao Sol*, para fomentar o uso dos banhos de agua, de ar e de luz, estabelecer na vizinhança das cidades estabelecimentos accessiveis a grande numero de pessoas. E' preciso fazer bem comprehender a todos que a agua, o ar, a luz, a boa e vivificante luz do sol, são os melhores e unicos agentes capazes de assegurar a saude. Não é verdade que, sem sol as flores não desabrocham? Pois, como disse Michelet, entre todas as flores a que mais tem necessidade de sol é a humana.

#### A LONGEVIDADE DAS MULHERES

As mulheres vivem mais do que os homens, affirma-o o dr. Alberto H. Burr, de Chicago, numa communição lida á Sociedade Medica daquela cidade. Segundo o ultimo recenseamento, em 1910 havia nos Estados Unidos 1.000 meninas abaixo de cinco annos, sendo de 1.076 o numero de meninos. Essa proporção favoravel ao sexo masculino

subia lentamente com a idade, até attingir o maximo entre os cincoenta e os cincoenta e quatro annos, com mil mulheres para 1.183 homens. Mas, desse ponto em diante, o sexo feminino começa a recuperar o terreno perdido, e, depois de conseguir egualar com o masculino, ultrapassa-o aos setenta annos, quando já se contam 1.033 mulheres para 1.000 homens, chegando até os cem annos, a 1.576 para mil homens.

A população total masculina nos Estados Unidos excede a feminina de 2.692.288.

Assim pois, se dos setenta aos cem annos ha mais velhas do que velhos, é fóra de duvida que os homens-vivem menos. E' o que confirmam também as estatisticas das sociedades de seguro, segundo as quaes a duração media da vida é de 44 annos para os homens e de 46 para as mulheres.

Mas por que razão vive mais a mulher do que o homem? O sexo masculino é superior ao feminino tanto na estatura como no peso e na força physica. Logicamente, o sexo masculino deveria exceder, quando menos egualar o feminino na resistencia vital. Donde provém pois o estranho privilegio das mulheres? — E' que, diz o dr. Alberto Burr, a mulher não se envenena com o tabaco como o homem. E' sabido que a nicotina tem especial influencia sobre certos órgãos, produzindo alterações nocivas nas cellulas e nos tecidos do systema vascular. Dahi a abreviação da vida. — E o dr. Burr estende-se em considerações para mostrar quanto é prejudicial ao homem o uso do tabaco.

# AS CARICATURAS DO MEZ

EM BUENOS AIRES

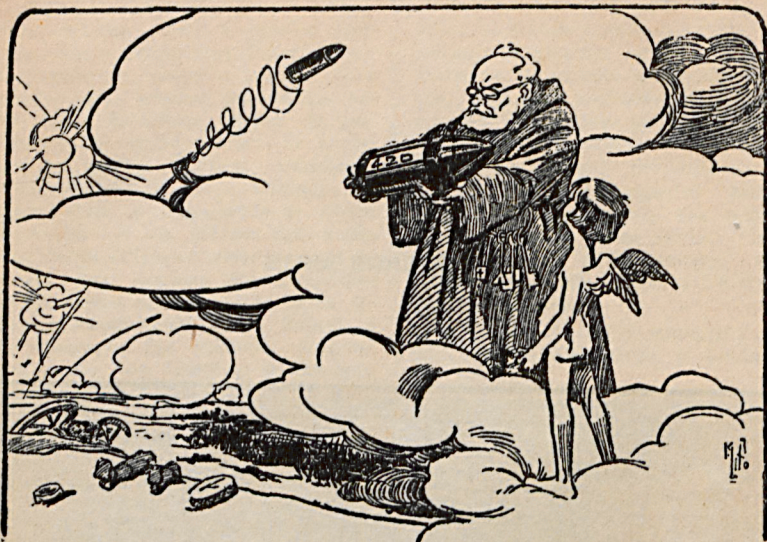


*De La Plaza* — E', com muito prazer que cumprimento o grande brasileiro.

*Ruy* — Isso é modestia, excellencia.

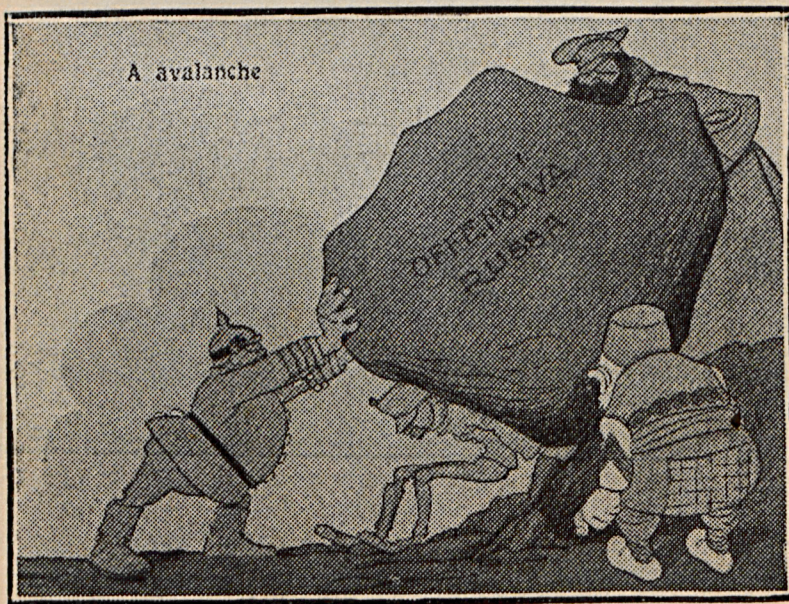
(*"Caretta"* — J. Carlos)

VIVA SÃO PEDRO



São Pedro — Oh! Senhor! Mas que foguete exquísito!  
("Gazeta de Noticias" — Kallsto)

A AVALANCHE



O turco — Vocês vão fazendo força que eu gemo.  
("Gareta" — J. Carlos)

# INDICADOR

## ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residência: Av. Angélica, 141 — Telephone 3012.

## MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Gênebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

## TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIAO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

## CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

## ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEO-  
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas, S.  
Paulo". Telephone 626 (Cidade)  
— Rua Alvares Penteado — S.  
Paulo.

**DESPACHANTES:**

BELLI & COMP. — Santos:  
Praça da Republica, 23. Teleph.  
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-  
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,  
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,  
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.  
Telegrammas: "Belli".

**ALFAIATES:**

ALFAIATARIA—Donato Plas-  
tino — Emprega só fazendas ex-  
trangeiras — Rua do Thesouro, 3  
(1.º andar) — S. Paulo.

**INDUSTRIAES E IMPORTADO-  
RES:**

C. MANDERBACH & COMP.  
— Papelaria, typographia, enca-  
dernação—Telephone 792—Caixa  
545 — Rua S. Bento, 31. — S.  
Paulo.

A INTERNACIONAL — Gran-  
de Fabrica de Malas e Canastras  
Officina para concertos. — Do-  
mingos Macigrande. — Rua São  
João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cau-  
telas de casas de penhores e do  
Monte de Socorro de S. Paulo  
— A CASA MARCELLINO com-  
pra e paga bem.—Praça Antonio  
Prado, 14 — Telephone 4.692 —  
S. Paulo.

*Alcide*

*Alfaiate*

*R. B. de Stapetininga, 56*

*Telephone, 1395*

*S. Paulo*

**CASA MENDES**

Vidros para vidraças  
Quadros-oleographias  
Espelhos e papéis pintados

**A. MENDES**

Telephone, 2389 - Rua de São Bento, 28-B

**SÃO PAULO**

# Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

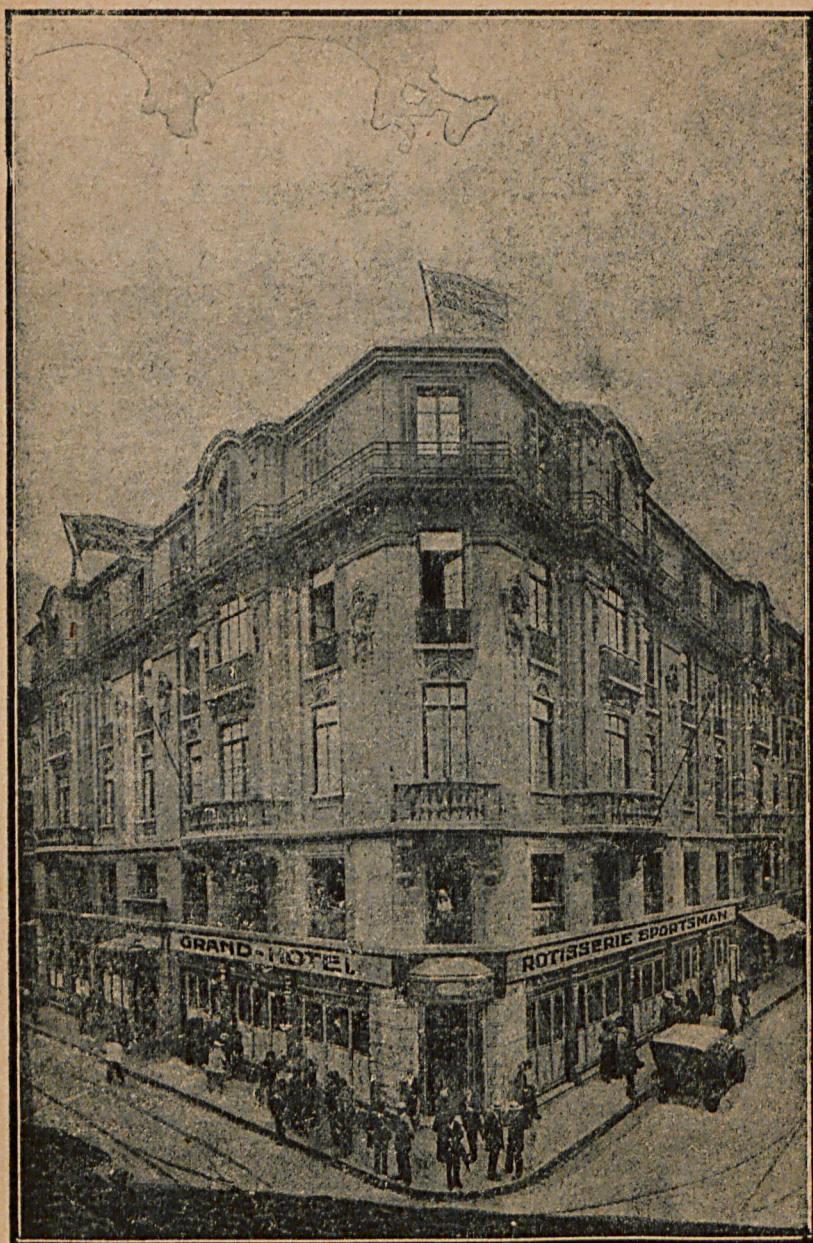
## ROBES & MANTEAUX

*Lingerie de Luxe, Blouses, Trousseaux*

# Bertholet

*Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes*

*Paris - São Paulo*



## Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsman

R. S. Bento, 16 - Telephone 2795 - Caixa Postal, 571 - SÃO PAULO



BEBAM

---

WHISKY DEWAR  
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O  
INIMIGO DO  
ACIDO URICO



A  
CHAMPAGNE DAS  
AGUAS DE MESA

---

“WHITE LABEL” and “PERRIER”  
AN IDEAL COMBINATION

---

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

# COMP. NACIONAL

## DE TECIDOS DE JUTA

Fiação e Tecelagem

Fabrica SANT'ANNA

Aniagens - Saccaria - Lona branca - Tapetes

Lona de cores para colchão, etc.

Fios de Juta simples ou torcidos

de qualquer grossura ■ ■

Escriptorio :

**RUA ALVARES PENTEADO N. 24**

TELEPHONE N. 872

CAIXA POSTAL N. 342

Telegrammas: JUTA S. Paulo

CODIGOS

Particular

Ribeiro

A. B. C. 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> edição

A. I.

■ ■

**SÃO PAULO**

■ ■



# WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523      End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

## IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO  
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-  
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E  
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;  
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

## AGENTES

da Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-  
ÇA" de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The  
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

**CIMENTO** - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.  
White & Bros. - Londres.

**CREOLINA E PACOLOL** - de WM. PEARSON Ltd.  
de Londres e Hull.

**WHISKEY** - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de  
Edimburgo - Escossia.

**TINTA PREPARADA** - "LAGOLINE" e outras mar-  
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

**CERVEJA "GUINNESS"** - marca "CABEÇA DE CA-  
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

**ASPHALTO** - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val  
de Travers - Suissa.

**MATA-BORRÃO "FORD"** - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

**"BRICKTOR"** e MALHAS para CIMENTO ARMADO de  
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



# BANQUE FRANÇAISE POUR LE BRÉSIL

SUCCURSAL DE SÃO PAULO, 34-A, RUA DE SÃO BENTO

O Banco aceita depositos em conta corrente a taxas vantajosas; emite cheques ou saques sobre as principaes cidades do mundo e cartas de credito para viajantes, pagaveis no mundo inteiro.

Compra e vende notas de banco e moedas estrangeiras.

Encarrega-se da compra e venda de acções e obrigações e recebe em custodia titulos de toda a natureza.

Faz descontos e cobranças de titulos, cheques, facturas, recibos, mandatos e demais operações bancarias a condições vantajosas.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO - AGENTES DO BANCO DE ROMA - VALES POSTAES SOBRE ITALIA

Emittem-se vales postaes sobre todas as localidades da Italia.

## CONTAS CORRENTES LIMITADAS

O Banco recebe depositos em Conta Corrente Limitada com a primeira entrada a partir de Rs. 50\$000 e o limite maximo de Rs. 10:000\$000, abonando juros de 4% ao anno capitalizados semestralmente, em 30 de Junho e 31 de Dezembro de cada anno.

As entradas subsequentes e as retiradas não poderão ser inferiores a Rs. 20\$000 excepto para liquidação da conta.

Esta Secção acha-se á disposição do publico todos os dias uteis, das 9 ás 17 horas exceptuando-se os Sabbados em que o Banco se fecha ás 13 horas.

Este horario facilita assim grandemente ás pessoas que não puderem occupar-se destas transacções durante a hora official da abertura e fechamento dos Bancos.

**CASA CONHECIDA**

— DE —

**Ramiro Tabacow  
& Cia.**

Vendem-se em prestações: MOVEIS

e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS

FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

*Casa fundada em 1895*

**PRAZO DEZ MEZES  
JUROS MODICOS**



**Emilio Israel & C.**

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

**SÃO PAULO**

# Loteria de São Paulo

Quarta-feira, 6 de Setembro  
Grande Loteria Commemorativa  
da Independencia do Brazil

**100:000\$000**

em 2 Grandes Premios de  $\left\{ \begin{array}{l} 50:000\$000 \\ 50:000\$000 \end{array} \right\}$  por 35000

Os Bilhetes já estão á venda



SECÇÃO DE OBRAS

DE

**"O Estado de S. Paulo"**

Jornaes, Revistas, Folhetos, Appellações e Trabalhos commerciaes

com esmero e a preços modicos

TELEPHONE, 725

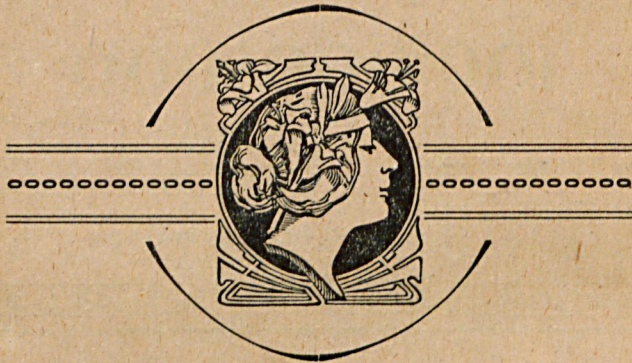
||

SECÇÃO ARCHIVO

RUA 25 DE MARÇO N. 145 -- SÃO PAULO

# ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÓ DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

## ARTIGOS PUBLICADOS

(DE JANEIRO A MAIO)

O preconceito das reformas constitucionaes, por Pedro Lessa, da Academia Brasileira; O centenario da Independencia, por Adolpho Pinto; O ultimo passo da cirurgia, pelo dr. L. P. Barretto; A rima e o rythmo, por Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; O elogio da mediocridade, por Amadeu Amaral; Desespero de amor (novella), por Valdomiro Silveira; O modernismo, por José Verissimo, da Academia Brasileira; F. W. Taylor, por V. da Silva Freire; José Verissimo, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; Economia e Finança de S. Paulo, por Carlos de Carvalho; A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo, com oito gravuras, por Paulo R. Pestana; O Brasil terra de poetas, por Amadeu Amaral; O Margarida (novella), por Veiga Miranda; Francisco Adolpho de Varnhagen, por Armando Prado; Um informante do Imperador Pedro II, por E. Roquette Pinto; O «apriori» na theoria criticista, por Florivaldo Linhares; Eduardo Prado e seus amigos, com reproducção de autographos, por Plinio Barreto; Affonso Arinos, por Augusto de Lima, da Academia Brasileira; Recordando... (a proposito de Affonso Arinos), por Aurelio Pires; A expansão do meio circulante, por Mario Pinto Serva; A Palmeira e o Raio (poesia), por Amadeu Amaral; A vingança da Peróba, por Monteiro Lobato; Nos dominios de Beethoven, por Octavio Augusto; 1815-1915, por V. da Silva Freire; O stock bovino e a exportação de carne, pelo conselheiro Antonio Prado; Operações de cambio, por Carlos de Carvalho; Sós na America, por Helio Lobo; Lendas e mythos, por Jacomino Define; O meu amigo D. Juan, por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira; Poesias, por Julio Cesar da Silva; Littérature Brésilienne, por A. Carneiro Leão; A doutrina de Monroe, por Oliveira Lima, da Academia Brasileira; Poesias, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; O ensino da leitura pelo methodo analytico, por João Köpke; O pensamento actual, por C. da Veiga Lima; As estigagens e a febre typhoide em S. Paulo, por João Ferraz; Dictionarios portuguezes, por R. von Ihering.

## SUMMARIO DO 6º NUMERO

(25 DE JUNHO DE 1916)

F. T. de Souza Reis, *A moeda metallica no Brasil* (1) — José Antonio Nogueira, *Narcisos e Jeremias* — Alberto Seabra, *Os versos aureos de Pythagoras* — João Ribeiro, da Academia Brasileira, *Vida do Padre Antonio* — João Köpke, *Educação moral e civica* (1) — Carlos Magalhães de Azevedo, da Academia Brasileira, *Sonetos a Helena* — E. Roquette Pinto, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, *Rondonia* — Alvaro da Silveira, *As florestas e as chuvas* — Fred. G. Schmidt, *Assimilação do immigrante* — Collaboradores, *Resenha do mez*.

*Resenha do mez* — Emilio Faguet — Bibliographia — O sentido da Revisão — Uma nova organização das Universidades — Os symbolos da Gran-Bretanha — A philantropia de Affonso XIII — O maior escriptor francez — *As caricaturas do mez* (cinco caricaturas reproduzidas).

# As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

**CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA**

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences*

**GLING SURFACE**, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

**Rua de São Bento N. 29-<sup>o</sup>**

**SÃO PAULO**

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

